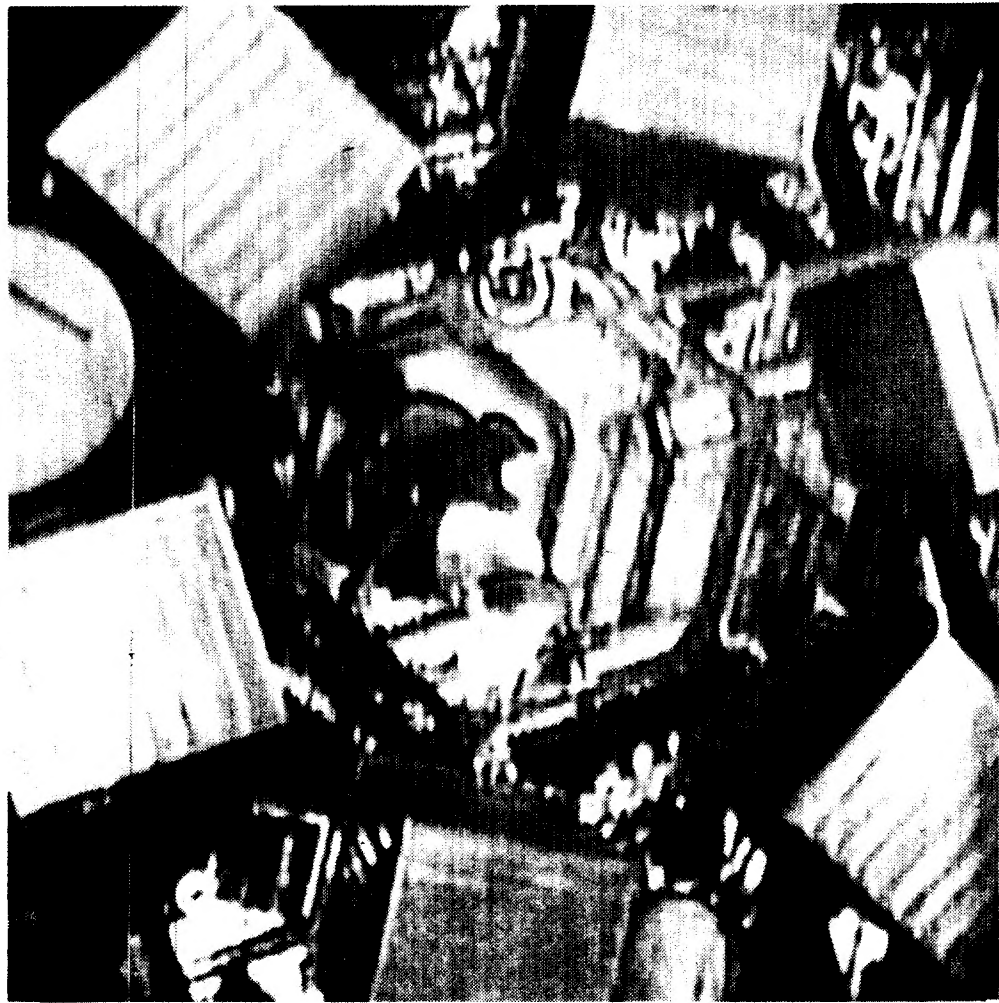


Diário de Lisboa



FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 28 DE MAIO DE 1973 — N.º 18113 — ANO 53.º — PREÇO 1\$50



O comandante do Skylab, Charles «Pete» Conrad (ao centro) trabalha no interior da nave. As grandes caixas que se vêem rodeando o «poço» contêm a comida para os 28 dias de estadia dos astronautas. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

PROBLEMAS DE ENERGIA NO LABORATÓRIO ORBITAL

HOUSTON, 28 (R.) — Os tripulantes do «Skylab» começaram hoje o seu quarto dia no espaço aliviados por terem solucionado o problema do calor, mas tendo dúvidas acerca de outros relacionados com a energia eléctrica.

Os astronautas passaram a maior parte do dia de domingo vistoriando, bem dispostos, a sua oficina no espaço, de forma a terem tudo pronto para a sua missão de 28 dias.

Fazia ainda calor dentro da oficina do espaço — cerca de 37,8 graus — mas a temperatura era suficientemente boa para os tripulantes começarem a trabalhar sob a protecção do gigantesco guarda-sol colocado no sábado.

Contudo, enquanto os tripulantes faziam alguns exercícios de ginástica e outras habilidades para gozo dos telespectadores em Terra, o comandante Charles (Pete) Conrad voltava a sua atenção para o problema da energia.

O «Skylab» ficou sem meta-de da sua energia eléctrica quando o escudo de protecção térmica foi arrancado durante o lançamento da nave não-tripulada, levando consigo um

painel solar produtor de electricidade.

O controlador do voo, Neil Hutchinson, resumindo as actividades de ontem durante uma conferência de imprensa concedida de madrugada, disse que, se tudo decorrer hoje bem, o «Skylab» podia entrar amanhã em plena operação.

Declarou que a primeira oportunidade de realizar a experiência dos recursos terrestres, durante a qual os astronautas inspecionarão colheitas e procurarão minerais, se registará na quarta-feira.

«Teremos que reduzir um pouco as coisas», afirmou Hutchinson.

EM PODER DE VESCO O «ELO QUE FALTAVA» NO CASO WATERGATE

SÃO JOSÉ DA COSTA RICA, 28 — (R.) — O financeiro americano Robert Vesco tem em seu poder documentos que constituem «o elo que falta» no escândalo de Watergate, segundo revelou um dos seus colaboradores.

Esse colaborador, Norman Leblanc, disse numa conferência de imprensa que os documentos implicam dois antigos directores da Comissão de Operações da Bolsa (SEC) — William Casey e Bradford Cook — e o antigo consultor jurídico do presidente Nixon, John Dean, que foi demitido.

«Este é o elo que falta no Caso Watergate», disse Leblanc, sugerindo que o procurador especial Archibald Cox, nomeado pelo ministro da Justiça para esclarecer todos os factos, se deslocasse a esta cidade para tomar conhecimento dos documentos.

Quando os jornalistas

lhe perguntaram se os documentos comprometiam alguém que até agora estivesse de fora, o informador respondeu: «o elo que falta não é necessariamente uma pessoa».

Leblanc confirmou que os documentos que Vesco lhe deu a guardar dizem respeito à contribuição secreta feita para a campanha eleitoral de Nixon por Vesco. Na semana passada Leblanc tinha feito outra revelação explosiva ao afirmar que esse dinheiro tinha sido obtido, pelos colaboradores do presidente, através de uma extorsão.

LEIA HOJE

No «Exclusivo»:

A Austrália Trabalhista — A Tirania da Distância

Israel tem 25 Anos — Um Estado Três Vezes Vitorioso e dos Pioneiros aos Novos Ricos

A Influência Saudita

O Risco da Expropriação das Empresas Estrangeiras

LEIA AMANHÃ

No suplemento «Economia»:

Além do registo-comentário de S. R., outros registos e mais comentários sobre o Japão (um dos três pilares da nova «Carta do Atlântico»), sobre o «Nixon round», turismo e variada informação.

Petróleo na agenda do Xá na Europa

TEERÃO, 28 — (R.) — O Xá do Irão inicia amanhã uma digressão oficial de 10 dias pela Jugoslávia, Roménia e Bulgária e o petróleo deverá ser o principal assunto das discussões que travar com peritos desses países — disseram hoje fontes autorizadas.

A comitiva do Xá incluirá o ministro dos estrangeiros, dr. Abbas Khalatbary, e funcionários superiores e, segundo as mesmas fontes, espera-se que as visitas assinalem uma nova fase das já existentes cordiais relações.

O Xá, acompanhado pela imperatriz Farah, visitará Belgrado de 29 de Maio a 2 de Junho, Bucareste de 2 a 5 de Junho e Sofia de 5 a 7 de Junho.

Prevê-se que as discussões abranjam muitos aspectos dos

problemas internacionais, mas o petróleo é que deve ser o ponto-chave da agenda.

A Bulgária assinou um acordo para «consideráveis» compras directas de petróleo ao Irão enquanto que a Roménia compra directamente dois milhões de tons de ramas de petróleo do Irão todos os anos.

O Irão e a Jugoslávia estão empenhados conjuntamente na construção de um oleoduto trans-jugoslavo e uma refinaria

a ser abastecida por petróleo iraniano.

A Roménia é o segundo maior parceiro comercial do Irão da Europa Oriental a seguir à União Soviética.

Esta é a segunda visita do Xá a Roménia em retribuição de uma feita ao Irão pelo presidente Nicolae Ceausescu, no princípio deste ano. O dirigente romeno visitou o Irão em 1971 por ocasião das celebrações da monarquia em Persépolis.

COMPROMETIDO O REGRESSO DE CONSTANTINO

O comandante do contratorpedeiro grego «Velos», Nicholas Pappas, com outros oficiais e tripulantes do navio rebelde, durante uma conferência de imprensa em Roma. Os referidos elementos pediram asilo político em Itália. Entretanto, o caso «Velos» ameaça comprometer o eventual regresso do rei Constantino à Grécia, sendo possível que o Governo dos coroneis faça uma consulta ao eleitorado grego sobre a questão. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



INCÊNDIO EM BARRACAS

Um morto

Morreu pelo menos uma pessoa no incêndio que ao começo da tarde de hoje deflagrou no bairro de barracas da Quinta do Bacalhau, perto do Alto do Pina.

O incêndio combatido

por pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros e Voluntários da Cruz de Malta provocou a destruição de 8 habitações segundo o cálculo feito na altura após o rescaldo.

DL/GERAL

ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA NA ORDEM DOS ENGENHEIROS

Os membros da noite para a continuação da secção regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros reúnem-se esta noite para a continuação dos trabalhos da Assembleia Regional Extraordinária.



SHIRLEY MACLAINE

a OBSESSÃO DE JOEL DELANEY

(THE POSSESSION OF JOEL DELANEY)

com **PERRY KING**

Realização **WARS HUSSEN**

• EASTMANCOLOR •
GRUPO D 18 ANOS

4. FEIRA -ESTREIA

CINEMA CASTIL

DIA 31 DE MAIO

NO SHERATON HOTEL

JANTAR DE GALA

Reaparição em Portugal depois do triunfo extraordinário obtido em Nova York, Tóquio e Paris de

AMÁLIA RODRIGUES

e ainda a orquestra de dança do

SHEGUNDO GALARZA

Reserva de bilhetes no Hotel

"TEEN-AGERS"/73

A primeira reunião marcada para hoje

-A final será em Tróia, no Sábado

Depois da reunião desta tarde, no edifício da Bayer, na Praça Marquês de Pombal, n.º 15, 2.º, realizar-se-á a final, no próximo sábado, em Tróia, onde se espera que o sol seja um dos prémios para as 10 finalistas do concurso para a eleição da Princesa Portuguesa das «Teen-Agers» de 1973, uma iniciativa do «Diário de Lisboa» com a eficaz colaboração da Torralta, e, ainda, com a colaboração da Bayer, da Ti-

mex e da firma H. Stern.

Está bem de ver que um concurso deste tipo, onde não se procura seleccionar uma rapariga com as medidas ideais mas, e apenas, uma jovem aberta aos problemas do seu (do nosso) tempo, capaz de representar bem as «teen-agers» do seu país num concurso internacional no qual será eleita a Princesa Mundial das «Teen-Agers» de 1973, não terá, na anunciada final a disputar em

Tróia (que o sol nos proteja!) desfile em «passerelle» apropriada nem coisa que o valha. Já o dissemos, mas voltamos a repeti-lo, para que fique bem claro e, também, para que as concorrentes tomem nota: a final será, apenas, uma reunião na qual se farão perguntas às candidatas finalistas. Essas perguntas cabem em 18 temas, dos quais as «10 mais» escolherão dois: aqueles onde se sintam mais à vontade. Do somató-

rio de respostas mais certas, aquelas, portanto, que revelem a «teen-ager» mais representativa da juventude portuguesa, porque mais dentro dos problemas actuais, sairá a Princesa deste ano.

Lembramos uma vez mais que todas as finalistas serão, para já, contempladas com um relógio Timex, com um vestido oferecido pela Bayer e com um almoço, em Tróia, da responsabilidade, também da Bayer.

TERMINOU NO PORTO O CONGRESSO SOBRE PREVENÇÃO

Na manhã de sábado, e em continuação dos trabalhos do III Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais, que decorreu na cidade do Porto, nas instalações do centro de Formação Profissional Acelerada, foram apresentadas, em sessão plenária, vinte comunicações subordinadas ao tema «Técnicas de higiene e segurança». Orientou os trabalhos, como presidente da mesa, o dr. Fernando Sarmento Pimentel das Neves, tendo como vice-pre-

sidente os dres. Júlio Pistachini Bgalvão e João Rumundo. Serviu de moderador, a eng.ª Júlia Vilar, e participaram nos debates os engs. António Pinto Almeida e António Silva Fernandes Pestana Marques, José Orlando da Silva Martins e eng. Manuel António da Cunha Lima.

Considerando o interesse e importância do tema das comunicações apresentadas, foram as mesmas objecto de várias intervenções por parte de muitos dos presentes.

Decorreu, seguidamente, o «Forum», presidido pelo dr. José Beabral, para continuação dos debates sobre as comunicações apresentadas durante a manhã. bparalelamente, efectuaram-se quatro mesas redondas sobre «normalização de critérios técnicos para a avaliação dos principais agressores físicos», «técnica de inquérito de acidentes», «Resíduos industriais

técnicas de despoluição» e «Prevenção de acidentes de trajec-tos».

Ao fim da tarde, o ministro das Corporações e Previdência social e saúde e assistência ofereceu, no Palácio da Bolsa, uma recepção em honra dos participantes no congresso.

Ontem de manhã, houve um «Forum» para discussão do tema «Organização estadual da prevenção», após o que se seguiu a apresentação das comunicações subscritas pelos congressistas estrangeiros. Ao fim da tarde, realizou-se, sob a presidência do dr. Baltazar Rebelo de Sousa e com a presença de outros membros do Governo, a sessão de encerramento, durante a qual foram lidas as conclusões e entregues os prémios referentes aos concursos integrados no programa das actividades complementares do congresso.

Coliseu dos Recreios

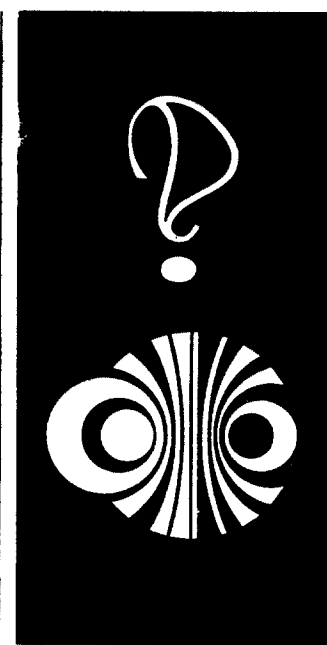
(Empresa Ricardo Covões, Herd.)

Grupo C — 14 anos

O TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
apresenta, em récitas populares, nos dias
5 e 6 de Junho de 1973, pelas 21,30 h.

BATSHEVA DANCE COMPANY

A bilheteira abre amanhã das 13 às 20 horas—Tel. 361997



Produtos de Angola para Moçambique

LUANDA. — (ANI) — O Gabinete de Promoção de Exportações de Angola está em contacto com firmas importadoras de Moçambique que desejam adquirir a esta província grandes quantidades dos seguintes produtos: conservas de carne, doces e geleias, saladas e compotas de fruta, enxadas cafreais, caju, madeiras, em réguas, feijão manteiga e feijão cafreal.



Satírico!

Crttico!

FERNANDO REY · STEPHANE AUDRAN · JEAN-PIERRE CASSEL

GRUPO D - 18 anos



50 FILMES CASTELLO LOPES 70
apresenta um filme FOX

O filme de **Luis Buñuel**

O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA

(LE CHARME DISCRET DE LA BOURGEOISIE)

2.ª SEMANA no LONDRES

“ÓSCAR” DA ACADEMIA
PARA O MELHOR
FILME ESTRANGEIRO 1973



Mordaz!

e...!

DELPHINE SEYRIG · MICHEL PICCOLI · BULLE OGIER

COLORIDO

DL/OPINIÃO

Loucura e opinião pública

Que é a opinião pública? Eis o que toda a gente julga saber até ao momento em que a pergunta é feita... A simples soma aritmética das opiniões particulares? Uma presumível tonalidade comum? Os impulsos mais ou menos conscientes que episodicamente prevalecem? Ou (como diria qualquer clínico) uma espécie de tela branca onde se projectariam as imagens mais convenientes, sem temor de que uma dada imagem projectada viesse a repelir a seguinte que a contradizia? A estas perguntas, e a muitas outras que igualmente poderíamos alinhar, só encontramos, nós, uma resposta: a opinião pública só não será nada do que as perguntas acima insinuam, se se fortalecer cada um dos seus componentes (cada cidadão) na conquista e na defesa de uma informação ampla, geral, sem lacunas interessadas nem distorções não menos. A opinião pública é a opinião do público, quando a tem e consoante a tenha.

Contrariamente ao que poderá parecer e dá visos de anunciar a introdução, não vimos abordar hoje qualquer ponto de alta política. Trata-se apenas de ver como se comporta a chamada opinião pública em relação a um sector humano que, entre outras coisas, se caracteriza precisamente por não ter opinião: os alienados, os loucos. E o propósito deste comentário está, se ao leitor não esqueceu o acontecimento, no II Congresso Nacional de Psiquiatria, recentemente realizado no Porto com a presença de mais de 500 participantes e cujas conclusões este jornal publicou há poucos dias. Resta saber se a opinião pública tomou efectivo e interessado conhecimento do assunto...

Em tempos que afinal não vão muito longe, tomava-se como obra de misericórdia e degrau para o céu a visita aos enfermos e aos encarcerados. Era uma forma de caridade menos dispendiosa que, tal como a outra, conservava ao erro o que assim o distinguia, e o mundo, se possível, definitivamente imobilizado no figurino conveniente até à consumação dos séculos. De regresso da cadeia ou do hospital, o misericordioso visitante tinha a satisfação de encontrar o mundo tal como o deixara, instalado na sua saúde e na sua normalidade. A opinião pública daqui derivante acreditava que este era, realmente, o melhor dos mundos possíveis... Que não o entendessem assim os enfermos e os encarcerados, nada mais natural, mas também nada menos dispiciendo...

Deixemos nós, porém, as cadeias, e também os hospitais comuns, e olhemos um pouco para essa outra prisão, essa dupla prisão que é a loucura e o manicómio onde nos dizem que ela é tratável. E tentemos, para além da frieza objectiva das conclusões de um congresso de especialistas, estimular a opinião pública, indagar do que pensa (do que pensam os seus componentes...) acerca da situação de seres humanos afastados da comunidade para um isolamento que mais os encerra na sua solidão psíquica, ou que, vivendo no seio da comunidade, são tomados (e essa é a melhor das hipóteses...) como bobos de uma festa de que, evidentemente, não fazem parte. Repare-se que o tema deste congresso foi «Resistência à Mudança do Sistema Psiquiátrico Nacional» e considere-se como será decisiva a influência de uma opinião pública esclarecida numa mudança evidentemente desejada, mas a que se opõem resistências, provenientes, se bem entendemos, da prática psiquiátrica tradicional...

Numa das conclusões do congresso afirma-se que «a participação da comunidade na promoção da sua própria saúde mental encontra de momento sérias dificuldades no contexto sociocultural português». Por nossa parte, subscreveríamos sem hesitações estas palavras, por aquilo que valem e pelo que repetem de um fenómeno muito generalizado, que já não tem que ver com os loucos: trata-se também da «prática tradicional» da opinião pública, donde igualmente resultam «sérias dificuldades» para a «participação da comunidade na sua própria saúde (geral)»... Não há pontas soltas, leitor — tudo se liga a todos, e todos a cada um.

Unesco: «Operação Philae»

Iniciaram-se os trabalhos da maior operação de salvamento arqueológica do mundo, destinada à preservação dos famosos templos de Philae, em perigo de serem submergidos pela elevação das águas do Nilo, devido à gigantesca barragem de Assuão.

Tal como os grandes monumentos núbios dos templos de Abu Simbel, local conhecido como a «pérola do Egipto», também os templos de Philae vão ser desmontados pedra por pedra e erigidos novamente numa ilha próxima, acima do nível das águas.

Aguarda-se que a operação demore cerca de quatro anos a um custo já avaliado em 16 milhões de dólares.

O Egipto fornecerá um terço dessa quantia e a parte restante será conseguida através de uma campanha internacional patrocinada pela Unesco.

A Inglaterra ofereceu 600.000 libras para o projecto, lucros conseguidos pelo êxito da exposição que recentemente se encerrou em Londres e que expôs enormes e preciosos tesouros do Egipto, tendo como principal atractivo a máscara de ouro do faraó Tutankhamon.

O projecto situa-se na segunda fase de um programa internacional destinado a salvar os antigos monumentos egípcios, situados na área superior do Nilo. Até agora, 22 desses monumentos — incluindo os maciços templos rochosos de Abu Simbel — foram já cuidadosamente desmontados e erigidos de novo em terreno seguro.

Um dos assistentes do gigantesco projecto, o engenheiro e arqueólogo egípcio Yehya Shoukry, encarregado do programa relativo a Philae, explicou que 75 por cento dos templos estão abaixo do nível da água e que, de modo a iniciarem-se os trabalhos de desmontamento, os seus operários têm primeiro que construir uma espécie de barragem-cofre em volta da ilha afundada, libertando o local da água por meio de poderosas bombas.

O trabalho dessa barragem em volta da ilha de Philae, que já começou a ser executado, está a ser levado a cabo por egípcios, mas o verdadeiro trabalho de desmontamento, transporte e nova construção dos templos será da responsabilidade de um consórcio italiano.

Os templos são feitos de blocos de uma pedra especial da região, pesando cerca de vinte toneladas, e a operação total comportará a deslocação de cerca de 40.000 toneladas.

A força de trabalho egípcia que se encontra no local engloba actualmente 2.000 operários, mas aumentará para 5.000 quando a operação estiver no seu auge.

Os templos ficam situados a meio caminho entre a gigantesca barragem moderníssima e a velha barragem de Assuão que foi construída no princípio deste século.

Antes da nova barragem estar completada, a ilha era inundada somente durante um período de três meses por ano, mas os templos encontram-se agora submergidos durante todo o ano e os turistas podem apenas ter um vislumbre de certas partes mais altas que continuam a manter-se acima do nível da água.

Os templos de Philae são considerados como preciosos monumentos núbios, logo a seguir a Abu Simbel, e os maravilhosos baixos relevos faraónicos, que ainda podem ser vistos ao cimo da água, fornecem uma indicação da grandiosidade do complexo de templos submergidos.

O principal templo da ilha é dedicado à deusa Isis e foi outrora o centro do grande culto de Osiris.

PEDRO MARTINS DA SILVA

APRENDER EM RESPONSABILIDADE

Quem é o aluno? Como e ele entendido no processo de ensino?

Quase sempre como alguém a quem está reservado um papel puramente passivo. Guiado «paternalmente» pelos mais velhos e sabedores, pelos quais deve pautar o seu comportamento, ele é o receptáculo de conhecimentos que lhe vão sendo fornecidos (quais e como, isso não é com ele). O aluno é ensinado e pede-se-lhe, simplesmente, que trilha a estrada que os outros lhe vão preparando.

Apresentado assim, com dureza fria, o modelo surge como mau. Na verdade, parece-me que não pode dizer-se, de forma definitiva, que seja errado, visto que apresenta algumas virtudes, se bem que desresponsabilize o aluno do se fazer-se. Por isso é importante ter presente as alternativas em que ao aluno, já não mero receptáculo de conhecimentos, cabe um papel vivo. Em que lhe é atribuída uma certa responsabilidade no seu próprio ensino. Que tem de ser assumida com consciência, condição necessária para viver seja o que for de uma forma realmente viva. É uma forma de dinamizar o funcionamento do binómio professor-aluno. De fazer sair o professor da posição de intermediário (quando não, por vezes, de barreira) entre

o assunto a estudar e quem o aprende, reservando-lhe a posição pais útil de consultor, de apoio certo e eficiente a que o aluno tem recurso. O que permite ao docente operar verdadeiramente uma acção de modelar o discente, para dele obter resposta conseguida. Medida muito positiva neste sentido, a tomada há tempo, ao reservar algumas horas de serviço dos docentes do ensino superior para a tarefa de «atender alunos». Lado a lado — com o professor fora do «seu lugar», em que há sempre algo de Juiz — estabelece-se diálogo verdadeiro. Expõem-se situações em dúvida, fazem-se críticas, recebe-se orientações e sugestões de trabalhos a emprender, de leituras a fazer. Há uma auscultação mútua, que permite ao professor orientar melhor o seu ensino, em face do conhecimento directo dos seus resultados — que assim vai recebendo — e ao aluno sentir que, em certa medida, colabora um pouco nessa orientação.

No processo de ensino com colaboração responsável do que aprende, há um ponto que tem importância fundamental. Trata-se do que, à falta de designação melhor, refiro por «taxa de aprendizagem». Na verdade, nem em todos os alunos se processa a aquisição de conhecimentos à mesma ca-

dência, nem, para um dado aluno, esta é constante para todos os assuntos. E é óbvio que se pode exigir-se participação responsável a quem não está a sentir-se ultrapassado pelos acontecimentos. Mas não dar atenção verdadeira a este facto, é pecha comum dos que ensinam; por mim falo, mea culpa. Um bom sistema educacional deve tomar na consideração devida estas limitações possíveis ao seu funcionamento e, numa linha de conferir responsabilidades ao discente, dar-lhe, precisamente, intervenção na forma de fixar a taxa de aprendizagem, obviamente tomando as medidas complementares necessárias para a incrementar na medida do possível. Ao docente caberá, então, a responsabilidade no conteúdo e qualidade do que é ensinado. Em certa medida, este é um dos objectivos conseguidos do ensino programado.

Que a um ensino responsável, como se deseja, possa juntar-se uma aprendizagem responsável, com participação activa dos alunos na sua própria formação, para que seja melhor o resultado alcançado. Porque o sucesso de qualquer empresa está, como bem se sabe, sempre ligado a uma responsabilidade maior dos intervenientes.

Exclusivo «The Washington Post»/«DL»

Por Michael Getler

AVIÕES SEM PILOTO

Washington — Um grupo de generais da Força Aérea dos Estados Unidos reuniu-se na base militar de Wright-Patterson, no Ohio, para decidir sobre o que fazer seguidamente quanto a uma revolução potencial e controversa no uso da Força Aérea.

Uma tal possível modificação inclui a possibilidade da força aérea do futuro poder conter um largo número de aviões sem piloto, controlados remotamente, destinados a todos os usos, desde a fotografia aérea ao lançamento de mísseis e, talvez, combates aéreos.

Esta possibilidade mantém a indústria de defesa na expectativa. Uma decisão do Pentágono no sentido de uma mudança radical neste sector, significaria eventualmente centenas de milhões de dólares a investir no novo negócio para a meia dúzia de firmas, pouco mais ou menos, especializadas neste campo e para muitas outras que aguardam poder entrar nele.

Porém, adentro da força aérea, um determinado número de oficiais superiores tem expressado particularmente uma certa frieza, pelo menos, relativamente a algumas propostas apresentadas.

Desde meados da década de 60, que os Estados Unidos têm feito um extenso uso de pequenos aviões sem piloto, equipados com máquinas fotográficas, chamados «zangãos», para tirar fotografias sobre o Vietname do Norte e, até 1971, sobre a China Continental. Uns quantos foram usados em experiências sobre o Vietname do Norte, a fim de verificar a maneira como os «zangãos» podem ser usados para escuta electrónica nas linhas de comunicação comunistas.

Porém, agora, há uma campanha crescente — que a Força Aérea diz ser apoiada sobretudo por certos sectores da indústria aero-espaçal — para alargar enormemente os papéis que novos tipos de aviões autómotos sem piloto podem desempenhar.

Os defensores da ideia sugerem que a tecnologia ou já disponível ou prestes a ser alcançada, não só para construir melhores autómotos tanto para tirar fotografias como para a arte da guerra, mas, também, para os usar para bombardeamento táctico e lançamento de mísseis e até, num futuro longínquo, para interceptar aviões de combate inimigos.

Os entusiastas dizem que estes autómotos sofisticados, chamados veículos pilotados remotamente, ou RPV, podem ser construídos em grandes quantidades por umas centenas de milhares de dólares cada um, em comparação com os 15 milhões de dólares, que é o preço de um moderno caça-bombardeiro pilotado pelo homem. Quando os RPV forem abatidos, não haverá nem mortos nem pilotos capturados.

A ideia não é a de substituir os aviões com piloto, mas suplementá-los com aviões sem piloto destinados a certas missões especializadas ou arriscadas, tais como atacar ou destruir as defesas aéreas do inimigo.

A diferença entre os «zangãos» actuais e os propostos RPV, é que os primeiros voam essencialmente segundo um curso preestabelecido registado no cérebro electrónico do aparelho antes da descolagem. Por outro lado, os RPV estão destinados a ser controlados e manobrados em voo por um piloto que, num avião-apoio, a

muitos quilómetros de distância, os comanda, por operadores colocados em terra ou, ainda, por outros dispositivos electrónicos colocados no próprio avião. O controlo seria levado a efeito, por exemplo, por câmaras de televisão instaladas no RPV que deixariam ver, a um operador colocado em terra, a muitos quilómetros de distância, aquilo com que o avião sem piloto tem de se enfrentar.

O potencial existe e a formação de um grupo de generais de escol, a partir dos principais comandos da Força Aérea, para o comando supremo, por meio de uma comissão directiva, pela primeira vez neste campo reflecte o confronto de algumas decisões críticas tomadas pelo serviço.

O grupo directivo, que devia ter-se reunido em 10 de Maio, em Ohio, ordenará provavelmente uma revisão de todo o trabalho e o completamento de estudos feitos até aqui numa tentativa para fazer recomendações à hierarquia do Pentágono dentro de aproximadamente seis meses, sobre o que é considerado realizável e, acima de tudo, quanto custará. Entre os comandantes militares superiores poucas dúvidas existem de que melhores veículos de reconhecimento, de voo a alta e baixa altitude, podem e devem ser construídos e que um uso mais vasto da guerra electrónica parece provável com os RPV.

Porém, existe um certo cepticismo quanto à possibilidade dos RPV poderem substituir os aviões pilotados num combate aéreo, e certas dúvidas quanto ao facto do uso destes aviões para bombardear, lançar mísseis ou destruir as defesas inimigas, ser, sob muitos

Continua na pag. 16

DL/GERAL

A UNIDADE IDEOLÓGICA DA GUINÉ SEGUNDO O GENERAL SPÍNOLA

BISSAU, 28. — «Com o correr do tempo ganharão os congressos redobrada projecção, pois será através deles que a Guiné há-de alcançar a emancipação que lhe advém do estatuto de parte integrante de um Portugal renovado, de cuja soberania participará como região individualizada, soberania de que, ao mesmo tempo, há-de partilhar todos os guinéus em livre expressão da sua própria vontade», afirmou o general António de Spínola, governador e comandante-chefe das Forças Armadas, na cerimónia de encerramento do Quarto Congresso do Povo da Guiné.

O plenário final decorreu no salão do Cine-Udib, que se encontrava repleto e onde se viam, além de congressistas de todas as etnias, as autoridades civis, militares e religiosas de Bissau e muito outro público.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o congressista augusto Manuel, da etnia balanta, o qual, depois de saudar o general Spínola, afirmou:

«Disse V. Exa., durante uma sessão deste congresso, que o mesmo não servia para vir bater palmas ao governador, mas sim para debater problemas que vive o povo da Guiné. Mais uma afirmação da honestidade política que sempre lhe reconhecemos».

No discurso de encerramento do Congresso, disse o general Spínola:

«Governar, o verdadeiro sentido do termo, é dinamizar o presente para a construção do futuro, o que exige uma ampla visão das linhas de evolução das sociedades, em ordem a lançar os firmes alicerces da problemática sócio-político-económica e a garantir-lhe a consequência do tempo. Só a esta luz é possível governar conscientemente, pois de contrário os governantes se limitariam apenas a encabeçar a rotina administrativa de uma estrutura burocrática».

E mais adiante: «o homem jamais poderá ser feliz enquanto se não afirmar totalmente, sendo essencial a essa plenitude a consciência de que é senhor da sua vontade em todos os seus actos, inclusivamente na própria submissão aos imperativos sociais; mas para isso é forçoso

que reconheça e legitime imperativos pela participação directa no processo da sua formação».

Entendemos assim não ser exclusivamente no bem-estar material que reside a legítima aspiração dos guinéus, ávidos de expressão no seio de uma portugalidade de que não desejam separar-se, antes ansiando por nela participar activamente como membros de pleno direito, e não como meros tutelados de uma super-estrutura providencial e providencial. E por isso mesmo o terceiro ponto do nosso ideário, apresentado no último plenário do povo, foi a regionalização das estruturas, temática que conduzirá, pela via da emancipação, à finalidade última da política de unidade de que aqui vimos prosseguindo».

A Guiné constitui um caso típico de parcelamento étnico-cultural; pulverizada em grupos étnicos de níveis culturais ainda muito diferenciados, a conversão das fórmulas tribais

em estruturas políticas de uma sociedade moderna que alinhe os guinéus por grupos de interesses e correntes ideológicas, apresenta-se como objectivo último a atingir».

Nesta ordem de ideias, o Governador afirmou que os Congressos devem ser «tribunas livres» e que a sua evolução deve transformá-los em «assembleias representativas da autêntica vontade do povo», numa «estrutura de raiz político-ideológica».

E a terminar: «Com o correr do tempo, ganharão os Congressos redobrada projecção pois será através deles que a Guiné há-de alcançar a emancipação que lhe advém do estatuto de parte integrante de um Portugal renovado de cuja soberania participará como região individualizada, soberania de que ao mesmo tempo há-de partilhar todos os guinéus em livre expressão da sua própria vontade».

Com o hino nacional foi encerrada a sessão.

A ASSISTÊNCIA NAS PRAIAS ALARGADA AO INTERIOR

A partir de 1 de Junho, começo oficial da época balnear, irá iniciar-se mais uma campanha de Segurança nas Praias que este ano deverá intensificar a sua acção no interior fluvial.

Em reunião com representantes dos órgãos de Informação, tida ao fim da manhã de hoje, os responsáveis do Serviço de Assistência nas Praias deram conta do programa a seguir nestes próximos quatro meses, bem como referiram aspectos importantes para a segurança nas praias, com especial referência à falta de informação e de consciência pública no tocante ao cumprimento das regras dessa segurança.

Os meios empregues em a mais esta Campanha serão sensivelmente os mesmos já utilizados, salvo alguns pormenores do equipamento de salvagem (aparelhos de comunicação, «very-lights», boias especiais, etc) continuando a actividade a ser desenvolvida a dois níveis principais: **vigilância das praias e informação ao público.** Este

último, foi um dos aspectos que mais atenção mereceu ao comandante Homem de Gouveia, chefe do Serviço de Assistência nas Praias, que referiu a necessidade da divulgação de preceitos básicos de segurança, uma vez que a prática tem mostrado que muita gente ainda não sabe nadar, ou nem tem conhecimento de como se ministram os primeiros socorros.

No ano passado, registaram-se, segundo foi dito, 10 acidentes mortais em praias vigiadas e outros tantos casos em praias que o não são. Quanto a este aspecto, os serviços têm verificado que, a partir de 1970, se manifesta uma tendência mais acentuada na procura de praias isoladas e fora do controle da Campanha. Contrariando a tendência, se continuará este ano pondo de sobreaviso os banhistas que escolham zonas desprotegidas. Também o movimento de publicidade (cartazes, folhetos, dísticos, etc) das nor-

mas de segurança, será este ano intensificado, sobretudo junto das crianças, e através das escolas.

No campo das actividades práticas, além dos cursos já habituais, serão realizados cursos de nadadores salvadores, não apenas para bombeiros voluntários, mas para todos os que quizerem, nomeadamente em Espinho, Porto e Esposende, onde haverá cursos especialmente para estudantes. Tais cursos serão também efectuados em Lisboa e no Sul, a par da assistência, também material, a ser prestada nos rios e albufeiras do interior, cada vez mais procurados.

A Campanha iniciou-se em 1964, e de cerca de trinta mortos anuais por afogamento, passou-se a 7. Em 1970, a imprecação com que se enfrenta a época balnear levou a 14 mortos e, no ano seguinte, a 17. Segundo o conferencista, a causa de tais acidentes é, em 90 por cento dos casos, de não dar tempo suficiente à digestão das refeições.

REPRESENTANTES DE DOZE PAÍSES DISCUTEM EM LISBOA COMÉRCIO INTERNACIONAL

Com uma sessão de boas-vindas realizada esta manhã, na sede da Associação Comercial de Lisboa, iniciaram-se os trabalhos da reunião do «Comité da Confederação Internacional das Associações de Diplomados em Ciências Económicas e Financeiras», o qual agrupa 17 países, entre os quais Portugal. Esta reunião, que durará até depois de amanhã e cujos objectivos principais são na discussão em conjunto de determinados aspectos do intercâmbio comercial entre os países membros, agrupa, em Lisboa, apenas representantes de 12 dos 17 países inscritos. A presidir esteve o secretário de Estado de Comércio, dr. Vaz Pinto, acompanhado pelo dr. Gonçalves de Proença, presidente da Escola Superior de Economia, e ainda pelo vice-presidente da Associação Comercial de Lisboa, dr. Pinto

Basto e dr. Brazão Gonçalves, presidente do Sindicato Nacional dos Comercialistas.

O dr. Vaz Pinto dirigiu uma breve saudação aos congressistas. «Como economista», disse o Secretário de Estado do Comércio, «acho que devemos ter o senso da economia do tempo e, portanto, desejamos boas-vindas». Nos mesmos termos falaram o dr. Pinto Basto e Brazão Gonçalves. Em seguida, o dr. Nils B. Malmqvist, presidente da Confederação Internacional das Associações de Diplomados em Ciências Económicas e Financeiras, pronunciou um discurso, declarando que «há exactamente 25 anos que a CIADEC existe. Foi sobre as margens do Lago de Neuchâtel que foram lançadas solidamente as primeiras pedras da base desta amizade colegial, as quais constituem os laços entre economistas depois do primeiro congresso realizado em Paris em 1900». E referindo-se a Portugal, o presidente da CIADEC fez uma curiosa interpretação dos feitos dos descobridores portugueses, mormente os de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Magalhães e Bartolomeu Dias, ligando-os às actuais da ciência comercialista, nas quais se ba-

seia o trabalho da CIADEC.

Em seguida a esta reunião de boas-vindas, teve lugar uma outra reunião em que seriam apreciados em parte certos problemas administrativos, assim como se procuraria fixar a data do próximo encontro internacional a realizar no Cairo. O programa de hoje inclui ainda a abertura da Conferência Internacional dos Presidentes, às 11 e 30, e uma recepção no «Solar do Velho Porto», que ocorrerá pelas 18 e 30.

Amanhã, o programa prosseguirá com o seguinte esquema: às 9 e 30, visita à Sociedade Central de Cervejas, em Vialonga; às 12, almoço em Vialonga; pelas 14 horas, Conferência Internacional dos Presidentes; às 20 e 30, jantar de encerramento com espectáculo no restaurante balvalade.

Na quarta-feira, último dia da reunião em Lisboa, às 9 horas efectuar-se-á uma visita pelos membros da CIADEC ao complexo industrial da Cua, no Barreiro; às 15 horas, regresso a Lisboa e partida do aeroporto da Portela ao fim da tarde.

Seis feridos em acidentes de viação

Recolheram ao Hospital de S. José onde ficaram internados, Marino de Jesus Calado, de 55 anos, de Cuba, residente em Cascais, colhido por um comboio na Linha do Estoril; António Henriques, de 60 anos, residente em Lisboa, atropelado por um automóvel na Av. Almirante Reis; João Augusto Pereira, 62 anos, servente, residente numa barraca, na Rua das Hortas, atropelado por um automóvel na Rua de Ceuta; António da Costa, de 39 anos, atropelado por um automóvel no Sítio das Pontes, em Setúbal, onde reside; António Silvestre, 24 anos, morador em Glória do Ribatejo, por choque da motoreta que conduzia com um automóvel naquela localidade e Amílcar Batista Duarte, 29 anos, residente em Alcábaldeche, em virtude de despiste do seu automóvel próximo de Setúbal.

Morreu o escultor Lipchitz

CAPRI (Nápoles), 28 (F.P.). — Faleceu o célebre escultor lituano Jacques Lipchitz. A morte deu-se subitamente na noite de sexta para sábado, num hotel de Capri, onde Lipchitz estava hospedado desde 22 do corrente, com a esposa.

O escultor nasceu em 22 de Agosto de 1891 em Druskiéniki, na Lituânia.

Os seus restos mortais do escultor seguem para Jerusalém, onde serão enterrados.

RESULTADOS DO TOTOBOLA

No concurso do totobola de ontem, registaram-se 28 apostas com 13 resultados certos, sendo 23 relativas à Metrópole, 3 a Angola e 2 a Moçambique, o que corresponde a um prémio individual de 130.110\$00. Com 12 resultados houve 1998 apostas, sendo 883 da Metrópole, 141 de Angola e 74 de Moçambique às quais cada um prémio individual de 3.317\$90.

DETIDAS 9 MULHERES NUMA RUSGA

Na sequência de mais uma rusga levada a cabo, ontem à noite, pela Secção de Costumes P. S. P. nas zonas do Bairro Alto e Cais do Sodré, foram conduzidas para o Governo Civil, por suspeita de prostituição, nove mulheres, de idade compreendida entre os 21 e os 58 anos, que, após identificação, ali ficaram detidas.

NEGA TER FURTADO UMA CARTEIRA COM 20 CONTOS

Acusado pelo operário fabril Apurizio Esteves de lhe ter furtado pouco antes uma carteira contendo vinte contos, no que teria sido ajudado por mais dois indivíduos, foi detido, esta madrugada, num bar do Largo do Intendente, o pintor da construção civil André, de 28 anos, natural de Lisboa e sem residência certa.

André, que na altura da detenção não tinha em seu poder qualquer importância em dinheiro, negando a sua participação no furto teria afirmado no Governo Civil para onde foi conduzido: **Ele deve estar mas é vesgo! Não roubei carteira nenhuma nem sei que m são esses tipos de que fala.**

Porém, a Polícia não acredita nesta versão, pois na ficha de André, existente nos seus arquivos, já constam várias condenações por ter furtado carteiras a incautos transeuntes.

Notas falsas

LUANDA, (ANI) — Fabricava notas de barico, com o auxílio de um fotocopador. Prontas duas cédulas de vinte escudos, o seu fabricante, o contínuo Gabriel Branco, de 22 anos, natural de Cambambe, empregado numa empresa de Luanda, entregou-as a um amigo, para «este as passar no mato». Efectivamente, assim aconteceu. O serralheiro Avelino Manuel António Gunga, de 19 anos, natural de Cassoalala,

conseguiu, no dia 6 de Fevereiro, pagar uma conta, num estabelecimento comercial, na povoação de Nova Cassoalala, pertencente ao europeu Almeirinho Ferreira, com uma delas. Perante o êxito inicial, voltou à loja, com a segunda, mas foi descoberto e preso.

Julgados, agora, no quarto juízo criminal de Luanda, foram condenados a dezóito meses de prisão maior.

ASSALTO DE ALHOS VEDROS: PROSSEGUEM AS INVESTIGAÇÕES

Segundo um porta-voz da Polícia Judiciária a quem o nosso jornal contactou esta manhã, ainda não foi detectado até agora qualquer pormenor importante nas investigações relacionadas com o golpe de sexta-feira passada à Agência do Banco Português do Atlântico, em Alhos Vedros, que teria rendido aos assaltantes cerca de mil contos.

Entretanto, as diligências prosseguem a cargo da D. G. J. e da Judiciária.


ÁTICA
 EDITORES LIVREIROS

Rua Alexandre Herculano, 17-A
Lisboa

Colecção «Poesia»
Obras Completas de
Fernando Pessoa

Um lançamento editorial
há muito esperado:

NOVAS POESIAS INÉDITAS

Direcção, recolha e notas
de MARIA DO ROSÁRIO MARQUES SABINO
e ADELAIDE MARIA MONTEIRO SERENO

80\$00

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA:
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37
AMADORA



Quando a linha dos lucros acusar o sucesso, não esqueça que, para o seu êxito, o Sheraton contribuiu também com a sua atenção e ambiente.

O Sheraton sabe organizar valiosos e sábios "nadas" que são a mola-real dos melhores negócios. Na tranquilidade reservada das suas salas de reuniões e conferências, o conforto é base de acordos e contratos frutuozos. As facilidades de secretariado, assistência e tradução que o Sheraton proporciona favorecem a troca de opiniões e o encontro dos interesses.

Reservas: Lisboa - 563911



Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 1 - Telef. 563911/41/51

UM SERVIÇO MUNDIAL DA I.T.T.

ELEITO PELOS PROFISSIONAIS DE TURISMO "O MELHOR DO ANO"

TV

DL/ESPECTÁCULOS

D. ZOIO? DEIXEM-NO LÁ, COITADO O RAPAZ ESTAVA NERVOSO

A tourada é um grande espectáculo. Pode mesmo dizer-se que é o espectáculo por excelência. Refiro-me à tourada genuinamente portuguesa, ou seja, a tourada a cavalo, também conhecida em certos meios por *equestre*.

Em documentos recentemente descobertos em Malaguetas de Baixo, nas faldas do maciço montanhoso Montejunto-Estrela, pelo prof. Jóia Matica, provava-se que a tourada equestre se praticava já em tempos bastante pré-históricos, mais ou menos no tempo dos romanos. Tudo se explicaria do seguinte modo: os romanos espantavam para Ocidente os touros da Meseta Ibérica; os lusitanos tinham cavalos próprios. Praticamente, nascera assim a tourada portuguesa, que ainda hoje, em pequenas variantes se mantém.

No século XIV publicou-se um livro com a relação de alguns pecados com a menção das respectivas penas. Lap se diz:

Aas que dan cousas sujas e torpes a seus meridos a comer ou a outros alguns por que os encendam ena amor e benquerenças, põem penitência de cinco annos.

... aos que usam de cousas sagradas e beentas das igrejas pera encantamentos e malefícios, põem penitência de cinco annos.

Pouco mais ou menos na mesma altura se escrevia:

Ao que nan sober manter seu cavallo e guallo pera se correr sen vergonhas do munnho, delante dun toyro, põem penitência de prison por toda lavida.

Por aqui já se pode ver a responsabilidade em que incorrem os maus toureiros, diante de tantos turistas que nos visitam nesta altura.

Felizmente nesse número não se inclui o gentil espelho dos antigos cavaleiros D. José João Zoio que ontem tanto nos divertiu.

Não nos precipitemos.

EM LUGAR DO CAVALO, POR QUE NÃO SE TENTOU MUDAR DE CAVALEIRO?

Tratava-se de festejar os cinquenta anos de actividade de João Branco Nuncio. O produto da festa revertia, conforme viemos a saber por uma senhora que discursou no intervalo, para o Centro de Recuperação de Alcoitão. Se os desastres com os forçados continuarem na proporção de ontem, desconfio que o Centro de Alcoitão vai ter muito que fazer.

Conforme nos informou também Fialho Gouveia (que sóbrio ele estava) «não havia um lugar vago na arena do Campo

Pequeno», mas logo corrige: nas bancadas é que não havia lugares vagos.

João Branco Nuncio deu a alternativa a D. José João Zoio o qual, a partir de hoje, passa a ter profissão: cavaleiro taumático. A sua magnanimidade, e as necessidades infelizmente de quem precisa, levá-lo-ão, creio bem, a actuar apenas em espectáculos de beneficência. Ou cómicos.

As coisas não correram bem logo desde o princípio: o seu abraço a João Nuncio foi desfeito por nitida má vontade das respectivas montadas...

A D. José João saiu um touro de 535 quilos, a quem certamente o cavaleiro se esquecera de mandar bombons, pois o bicho logo se viu que vinha com o propósito deliberado de estragar a festa.

O gentil cavaleiro lá crava o seu ferro. Entusiasmado com as palmas amigas, começa a fazer os seus floreios com a montada. De repente, assistimos a uma cena estranha: o touro 535 avança, corre e o cavaleiro de D. José João parece querer saltar as tábuas, o que não deixava de ter a sua piada. Parte do público, grita. Outra parte, assobia. Outra ainda, ria. Felizmente... comenta Gouveia... já passou o susto para o cavaleiro e para o público. E dá-nos a sua versão do caso: *Uma ligeira hesitação quanto ao lado de saída: simulou a saída pela esquerda e depois decidiu-se a ir pela direita quando já estava em cima das tábuas.*

O touro, quieto, parece achar um piadão àquilo tudo. Vê-se que o bicho se está a divertir à grande. Corre em direcção a D. José, mas este perde o quite, o ferro descai, uma lástima. O touro, francamente, não sabe que pensar daquilo tudo. Torna a investir, a ver se consegue toureio que se veja, mas Dom J. J. *Tem nova hesitação na altura do encontro.* Perde o ferro. *Agora foi infelicidade* comenta Fialho Gouveia. Aquele *agora* foi a única nota de rigor crítico do locutor de serviço...

Ora Dom J. J. não desiste. Novo ferro mas, azar!, o ferro bate noutro que já lá estava, e saltal isto é que se chama pontaria! Ferro contra ferro...

A culpa, está claro, era do cavaleiro. Dom J. J. mudou de montada. Lá veio, lá cravou... E vem ordem para se acabar com o espectáculo. Era uma medida inteligente. Dom J. J., porém, pede mais um ferro. O público discorda. A autorização não lhe é concedida pelo director. Daí a bocadinha, o director concede a autorização...

Tudo parecia acabado, mas não. O touro não queria sair da arena. Tinha razão. O pobre



Por MARIO CASTRIM



nunca se divertira tanto na sua vida e logo assim o queriam expulsar? O animal corria a praça em todos os sentidos como se quisesse encontrar o cavaleiro com quem passara, certamente, os melhores momentos da sua vida.

Na realidade, tudo aquilo se parecia muito com um intermédio cómico. Não há dúvida. Senão a tourear, D. José João tem o seu futuro garantido a fazer rir. Que, aliás, é uma forma de viver com outra qualquer e até melhor do que muitas outras que eu conheço.

FLORBELA: AINDA MAIS PIOR QUE O PIRUÇAS!

Ora a arte de fazer rir não abdica de certas responsabili-

dades. O cómico tem a sua ética, uma ética rigorosa, cujo artigo primeiro consiste em obrigá-lo a despertar, através do riso, a inteligência; a não usar processos de tão baixa qualidade que deseducam o sentido estético e o espírito crítico do espectador.

O que se está passando com Florbela Queirós é lamentável. As suas interpretações, as suas rabulices, as suas bebedices da mulher da limpeza, os seus jeitos e trejeitos no diálogo com Norberto de Sousa, o joguinho fácil da pronúncia provinciana, etc, etc, tudo isso constitui o que de pior se tem feito na televisão portuguesa no campo humorístico. Comparado com aquilo, o «Piruças» era um anjinho de asas brancas. Com uma diferença: Henri-

que Santana compreendeu a crítica e retirou-se a tempo quando viu que se estava a afundar com a sua personagem. Florbela não entende isso. A televisão dá popularidade? Pois dá. Mas também a tira. Faz um nome? Mas também o destrói. Faz vender? Mas também pode fatigar. Seria já demasiado entrar na televisão uma vez por semana; será absurdo participar *duas* vezes no mesmo programa. Só um actor com grandes recursos poderia aguentar esta dupla presença sem aborrecer os telespectadores. O que não acontece com Florbela que sistematicamente emprega os mesmos tiques, os mesmos truques.

Para quê duplamente Florbela num programa já de si próprio tão mau como «Domingo à Noite»? Não basta a tristeza máxima de um Artur Garcia, de um Gabriel Cardoso, de um Branco de Oliveira, etc, etc, de quem se tem feito consumo escandaloso?

Não basta um cançonetista como Francisco José que, de tempos a tempos, se lembra de vir fazer uma triste figura a Portugal? Aquela sua «pedra filosofal» foi a prova provada

de que este cançonetista não sabe medir a distância que vai da ingenuidade ao ridículo.

Não bastam ainda as ajudas que o cançonetismo internacional vem dar ao nacional cançonetismo, para repetir a enjenhosa expressão de João Paulo Guerra?

Apenas gostaria de me deter um pouco na actuação do Coro de Castelo Branco. Porquê? Por uma questão de simpatia. Porque estava ali gente empenhada, jogada, nalguma coisa em que acredita. No entanto, o Coro de Castelo Branco deveria talvez, de preferência dedicar-se a isso que pode viver com mais intensidade e verdade: as canções da Beira Baixa. E há tanto que fazer, nesse campo!

A propósito: aquela interpretação da Senhora do Almurtão, não terá sido violentada na sua natural e poética simplicidade? Aquele crescendo demagógico final estará de acordo com o espírito popular da canção?

Deixo o problema aos amigos de Castelo Branco.

Ah, é verdade! O ilusionismo assentou arraiais no «Domingo à Noite». Claro, de que se há-de viver, senão de ilusões?

ASSUNTO EXPORTAÇÃO

uma oportunidade para a sua empresa



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Departamento de Relações Públicas e Missões Comerciais —
Av. 5 de Outubro, 101-2.º e 3.º — Telef. 767410/767520/767573 — LISBOA 1
Delegação no Norte
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq. — Telef. 380214 — PORTO

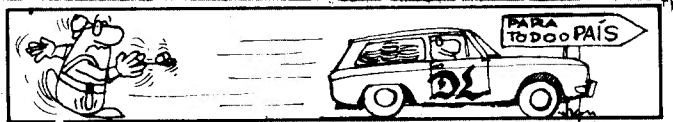
"ALVEJADAS" PELA RÁDIO DA ZÂMBIA

LOURENÇO MARQUES, (ANI) — Moçambique e Angola passaram a ser «alvejados» por missões de propaganda política irradiadas de Lusaca, em língua portuguesa.

O Presidente Kaunda inaugurou, no sábado, em Luanda, o primeiro serviço internacional da Emissora Oficial da Zâmbia

e que se destina essencialmente aos países de Governo branco, na África Austral.

O serviço começará por utilizar o afrikaans, o português, o inglês e mais cinco dialectos locais africanos. A língua francesa também virá a ser incluída na programação, numa fase posterior.



DL/ESPECTÁCULOS

TEATRO EM PARIS-4 A ilha de Bulgakov

«L'ILE POURPRE», de Mikhail Bulgakov. Adaptação francesa de Georges Soria. Encenação: Georges Lavelli. Cenografia e figurinos: Max Big-nens. Música: Hans Martin Majewski. Intérpretes: Henri Virlogeux, Laurent Terzieff, Maurice Chevit, Christian de Tiliere, Gilles Guillot, Miloud Khetib, Malek Eddine, Olivier Hussein, Jean-Marie Bon, etc. Theatre de La Ville.

O Teatro Municipal de Paris (Théâtre de la Ville, antigo Sarah Bernhardt) é uma bela sala, dotada dos mais aperfeiçoados meios técnicos. Na tarde de domingo em que lá fomos, estava totalmente cheia, sobretudo de um público jovem (que no intervalo se atirou sofregamente sobre os livros de teatro que estavam à venda numa pequena livraria situada num dos átrios). Ficámos na penúltima fila mas as vozes dos actores chegavam-nos com uma nitidez perfeita o que prova as excelentes condições acústicas do teatro que é, actualmente, dirigido por Jean Mercure e, além de espectáculos de teatro, apresenta também concertos e bailado.

Em cena uma peça do romancista e dramaturgo russo Mikhail Bulgakov, que os franceses descobriram recentemente e se apressaram a reexportar com o sinal de génio. Encenação de um destes argentinos que têm dado lustro ao teatro parisiense: Jorge Lavelli.

«L'ile Pourpre» («A Ilha Purpúrea») tem como subtítulo a seguinte legenda: **Ensaio geral de uma obra do cidadão Júlio Verne no Teatro de Guennadi Panfilovitch, com música, eupónio de um vulcão e marinheiros ingleses, e só pode ser entendida se se tiver em conta a situação do autor na época estalinista.**

A peça decorre em dois planos: um, o da peça propriamente dita, que podemos considerar uma sátira divertida sobre

costumes colonialistas em que ingleses e franceses apanham igualmente por tabela (não nos esqueçamos que o texto é uma adaptação: a referência directa a Liautey deve ser fruto desta); no outro plano, assistimos à luta de um autor para impor a sua peça às autoridades de cujo acordo depende a respectiva apresentação ao público.

O espectáculo inicia-se de acordo com esse esquema: vai realizar-se o ensaio geral de uma peça escrita por um tal Júlio Verne (pseudónimo significativo de um jovem dramaturgo). A primeira cena decorre no gabinete do director do teatro e lembra cena idêntica de outra obra do autor «Romance Teatral» com pedidos de «borlas» que aquele recebe pelo telefone. Desde logo a ambiência está dada: as «borlas» só são possíveis quando o «demandante» declina um nome de peso; surge, por acaso, o nome de uma peça («Ivan, o Terrível», na adaptação francesa) que, entretanto, fora proibida. Mas o teatro soviético, segundo Bulgakov, era ainda pior: a realização do ensaio geral fora obrigatoriamente antecipada o que impusera ao director do teatro a necessidade de improvisar tudo, sem nenhuma cerimónia e no meio do mais completo pandemónio: o ensaio geral vai ser feito sem que os papéis tenham sido distribuídos. A peça

explica o autor — é uma alegoria. Mas o censor — explica o director — está farto de alegorias. À primeira vista, são inofensivas, mas se se analisam mais de perto são a contra-revolução, nada mais, nada menos.

Está-se a ver qual o tom da sátira de Bulgakov e as razões por que dificilmente o seu teatro poderia ser representado nas condições objectivas em que nasceu.

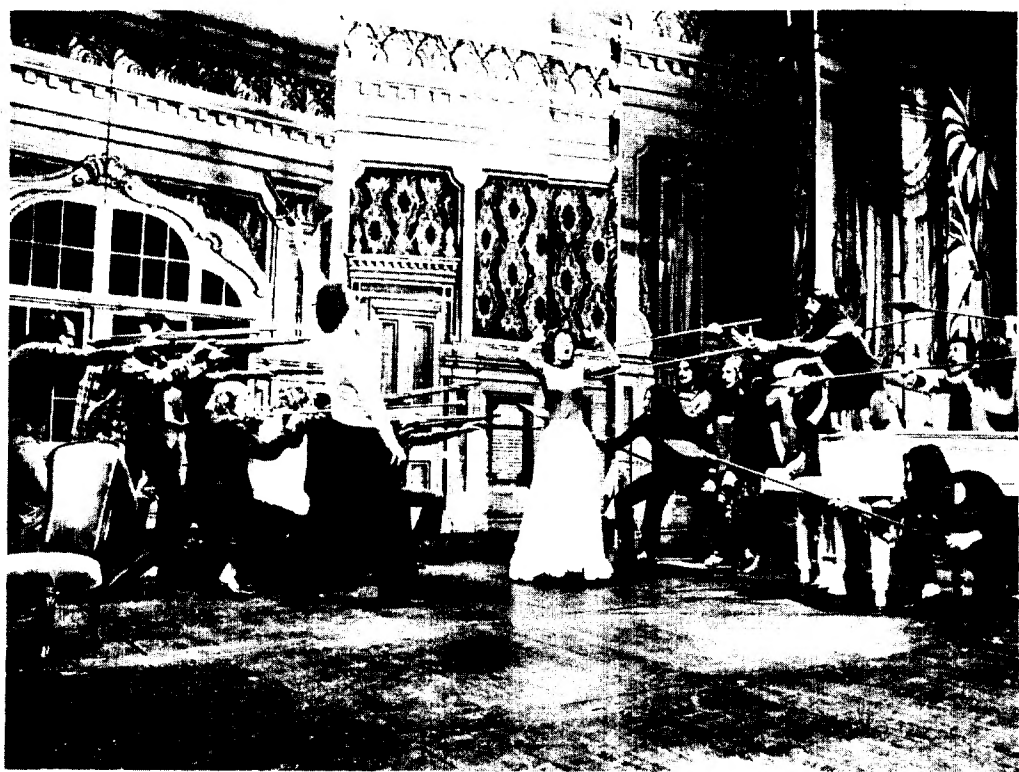
Em «L'ile Pourpre» há, pois, um branco que reina como um senhor: os indígenas são os seus escravos. A peça é aqui um jogo entre senhores (brancos) e escravos (de cor) com

revoluções e contra-revoluções. A acção é conduzida sucessivamente como paródia de um «vaudeville» e de um filme de «índios e cow-boys», como uma aventura dos três mosqueteiros. O espectáculo não teme o risco do folclore barato, da história aos quadradinhos, das imagens de Epinal — esse tom, ao mesmo tempo ingénuo e burlesco, que lhe confere uma grande e saborosa capacidade de comunicação.

Não esqueçamos, entretanto, que a peça de Bulgakov não é só isso. O texto que constitui a peça é constantemente posto em questão pela situação em que se encontra o espectáculo — um ensaio feito para a censura (o ensaio aparece em fita-grana ao longo do espectáculo). A ambiguidade deste jogo de espelhos não fica por aqui.

Ensaio improvisado, feito por actores que não sabem os seus papéis, não conhecem as suas personagens, ignoram a respectiva movimentação (não esqueçamos que há dezenas de pessoas em cena), ainda, por cima, em conflito por razões de prestígio, de inveja, de ciúme, é, ao mesmo tempo, um espectáculo interpretado por actores que não só conhecem os seus papéis, as suas personagens, marcações, etc., como obedecem a uma estrutura firmemente imposta pelo encenador que estudou a peça e a trabalhou em colaboração com os outros membros da equipa (o cenógrafo, o músico, o assistente, o produtor).

Convenção de uma convenção, portanto, «L'ile Pourpre» é ainda constituída por outra dupla convenção: a que nasce do facto de sendo uma sátira de uma determinada situação social se desintegra em diversos jogos dramáticos que caricaturam outros tantos estilos (o «vaudeville», o melodrama, o filme de aventuras). O que há de mais fascinante acaba por ser, afinal, esse múltiplo jogo de espelhos deformantes em que se perde, parcialmente, o significado daquilo que



o autor nos queria dizer, embora o choque-espectáculo — como óptica do autor — e a sua aceitação — como óptica de uma sociedade que o censor representa — não deixe de estar presente com a ferocidade que o autor desejava.

Para o espectador, o fundamental consiste na maneira como os problemas formais levantados por esta multiplicidade de aparências foram resolvidos ao nível da encenação. Jorge Lavelli aproveitou todo o imenso espaço do palco do Théâtre de la Ville e criou, ainda, um espaço suplementar onde colocou o gabinete do director do teatro. A movimentação de actores e objectos tinha a precisão de um mecanismo de relógio o que era, talvez, um defeito. Entravam barcos

no palco; travavam-se batalhas com flechas e espingardas, surgia um vulcão que expelia logo o fumo, o cenário mudava (ora era uma ilha tropical, ora um palácio requintado), sem quaisquer erros mas também sem aquele grão de loucura que provoca o entusiasmo. Dirigindo uma extensa equipa de bons actores (saliento o trabalho de Maurice Chevit, Henri Virlogeux e, em parte, de Laurent Terzieff), Lavelli não teve dificuldade em construir um espectáculo divertido, bem ritmado, com uma ponta de crueldade, integrando alguns elementos de encenação que constituíam outros tantos sinais críticos: era o caso de um papagaio colocado, no 2.º acto, no centro do palco e cuja significação parecia evidente.

A peça termina com a intervenção final do homem da censura que está disposto a proibir o espectáculo — a peça é contra-revolucionária. Mas há também um actor cuja personagem (um rei, calcule-se) desaparece logo no 1.º acto, que protesta solenemente. Existem soluções para tudo: o final da peça é alterado e a representação passa a ser possível. O final é repetido (não interessa em que condições porque estamos aqui no centro da mais completa convenção teatral).

O palco volta a ser apenas o palco de um teatro. O autor, na imensidão da cena vazia, parece ainda mais sozinho e patético.

O público aplaude.

Cinema no mundo

A NOVA FITA DE BARDEM — Foi estreada em Madrid a nova película de Juan A. Bardem «La Corrupcion de Chris Miller», uma produção de Javier Armet, com guião de Santiago Moncada. São principais intérpretes Marisol, Jean Seberg e Barry Stokes. A música é de Waldo de Los Rios.

que é uma adaptação do romance de Patrick Manchette, com Michel Duchaussoy, Michel Aumont e Lou Castel nos principais papéis.

BARRY LYNDON — Ryan O'Neal vai desempenhar o papel de um barão sedutor, que considera o imprevisível a melhor actividade. As suas preocupações dominantes são: vestir bem, manejar uma espada quando está sem um tostão no bolso, ser simpático para as senhoras — ser, enfim, um cavalheiro. O'Neal terá como companheira Marisa Berenson no filme «Barry Lyndon», ex-

traído do romance homónimo de William Makepeace Thackeray.

A realização é de Stanley Kubrick, o autor de «200 Odisseia no Espaço» e da «Laranja Mecânica».

MARIA SCHNEIDER APAIXONADA PELO CINEMA — Maria Schneider, a principal intérprete do último filme de Bernardo Bertolucci, declarou em Roma estar única e simplesmente enamorada do cinema. **Pode parecer banal isto mas, para mim, o cinema é a vida — disse — aquilo que sou devo-o ao cinema, não esquecendo, todavia, que o êxito é passageiro, como tudo o que é humano.** — acrescentou.

DANÇA E CANTO: MÉTODO TERAPÊUTICO

«Todos os movimentos, mesmo o mais pequeno, têm um sentido intrínseco» — era um tema preferido dos dançarinos profissionais em tempos mais recuados e um actor da Broadway, que e padre, transformou em método terapêutico para doentes mentais.

O padre Tom Smith actuou na Broadway como cantor e bailarino dos 9 aos 22 anos. Foi ordenado sacerdote em 1951, estudou psicologia na Universidade de Duquesne e actualmente é paroco na igreja de S. José.

Smith explica o seu método: ensinar movimentos de dança significativos — isto é: os doentes movem-se ao som da música e os passos que dão devem resultar das suas necessidades emocionais. Escolheu o espectáculo como forma do seu ministério, porque acredita que «pode abrir o coração das pessoas à sua mensagem de amor por meio da dança e do canto».

FOTÓGRAFO AMADOR

PRECISA-SE

Com grande poder adaptativa, para venda vários artigos do ramo, sabendo inglês. Idade até 30 anos. Resposta ao n.º 818 deste jornal

MELHOR SOM MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO

LEIA



VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

UMA DIVERTIDA
COMÉDIA INGLESA

10 MESES NO CARTAZ

A CASA DOS COMUNS

com Simone, Armando Cortez, Fernanda Borsatti, Luis Alberto, Alda Pinto e Alice Carla à frente dum notável elenco, e a colaboração de Dário Barros e Joaquim Rosa

Todas as noites: às 21.45 horas
SÁBADOS, 2 SESSOES:
às 20.45 e 23 horas
Domingos, «matinéas» às 16 h.
à noite, às 21.45 h.
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

6.º MÊS

Grupo D M/ 18 anos
Uma divertida comédia com IRENE e OCTAVIO



No elenco:
Carlos Duarte, Carlos José Teixeira, Victor de Sousa, Maria Laurent, Mariano Franco, Fátima Miranda e Fernanda Franco
Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSOES:
20.45 e 23 h.
DOMINGO
«Matinée» às 16 horas e à noite
às 21.45 h.

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»
NO TEATRO VILLARET um novo estilo de comédia

M/ 14 anos

Os profs. drs. Antonio Maria Godinho e João Manuel Cotelto Neiva foram nomeados vogais do Conselho Orientador da Direcção-Geral das Construções Escolares.

///

Está aberto concurso para provimento do lugar de tesoureiro da Câmara Municipal de Batalha.

///

O coronel João Herculano Rodrigues de Moura foi reconduzido no cargo de governador de distrito em Angola.

///

Foi declarada de utilidade publica a expropriação, para a construção do caminho florestal de acesso ao perímetro florestal de Vila do Bispo, das parcelas de terreno de cultivo, inscritas na matriz predial rustica daquela freguesia e referidas na folha oficial (2.ª série, n.º 24).

///

Vem publicada no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 24) a planta de síntese e o regulamento do plano parcial, aprovado, de expansão poente da vila do Fundão.

///

Foi concedida a comparticipação de 456 000\$00 à Associação dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azemeis para a obra de construção do seu quartel.

///

O dr. Manuel Antunes da Lomba, adjunto do chefe de divisão regional do quadro do Serviço Nacional de Emprego foi requisitado para exercer o cargo de vice-presidente da direcção da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real.

///

Tomou posse do cargo de vice-presidente do Município de Olhão o sr. João Pereira Neto, numa cerimónia.

em 3 linhas

mónia à qual presidiu o governador civil de Faro.

///

Na sala das sessões da Junta do Crédito Público proceder-se-á em 5 de Junho, às 0 horas, ao sorteio dos títulos dos empréstimos indicados no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 24).

///

A dr.ª D. Magda Maria Gamero de Oliveira, conservadora do Registo Civil e notário interino de Constância foi nomeada conservadora do Registo Predial em Portimão.

Está a concurso a adjudicação da empreitada da estrada nacional n.º 33 (construção entre Nogueira e Alvações do Tanha), no preço base de 6 379 740.

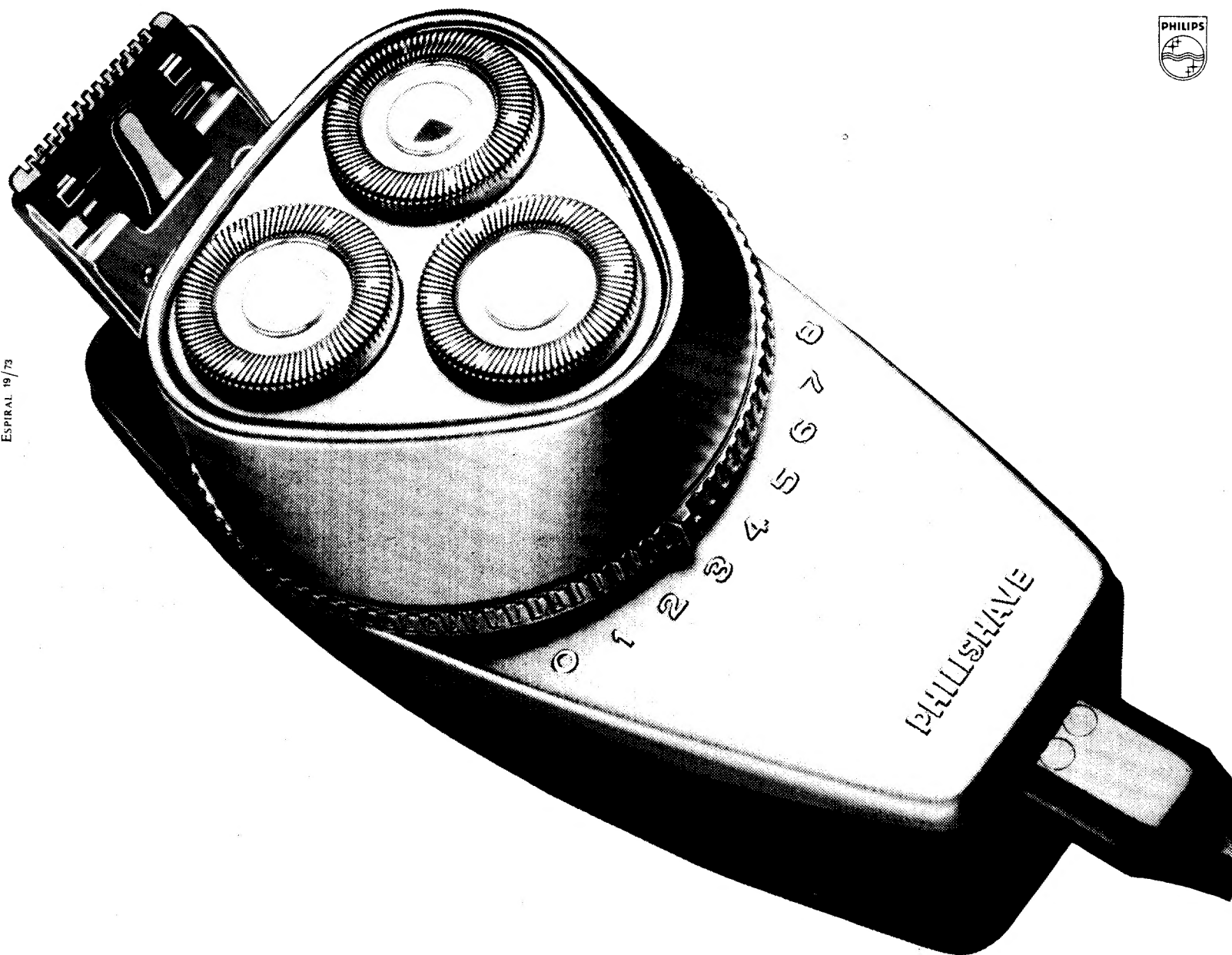
Castanheira de Vouga quer cultura

AGUEDA Enquanto no Algarve e Caramulo se vão investindo bons milhares de contos em casinos e luxuosas estalagens, enquanto em Agueda se vão gastar centenas de contos nos pavilhões para as festas do concelho e outras futuras obras de incontestável relevo, o povo de Castanheira do Vouga continua à espera dos «bons corações» alheios que

se dignem olhar para a serra e conceder um benemérito donativo. O povo de Castanheira quer cultura. Com os estatutos da velha banda musical renovados, dispõem, agora, das necessárias possibilidades humanas de realizar um bom trabalho, de formação e desenvolvimento cultural e artístico. So não têm instalações.

Para tanto a direcção da

banda (Associação Musical e Recreativa Castanheirense) elaborou um comunicado dirigido a todos os naturais da terra solicitando-lhes apoio financeiro para a construção de uma sede onde, para além da actividade musical, pretendem realizar outras actividades culturais tais como concertos, conferências, leitura, teatro, etc.



nova philishave ajustável

PESSOAL E INTRANSMISSÍVEL

Click! Ao escolher uma das 9 posições diferentes da nova Philishave Exclusive 90 Super, adapta-a de modo pessoal e intransmissível à sua barba do momento.

Consoante o seu tipo de pele, a rijeza da sua barba, a frequência do barbear, as cabeças flutuantes da nova Philishave Exclusive 90 Super, fazem exactamente aquilo que você quiser.

270 ranhuras (90 em cada super-cabeça), constituem uma prova renovada e regulável da evolução do sistema de acção rotativa Philishave.

Para um barbear perfeito, confortável e personalizado prefira a nova Philishave Exclusive 90 Super, com cortapátilhas e bigode.

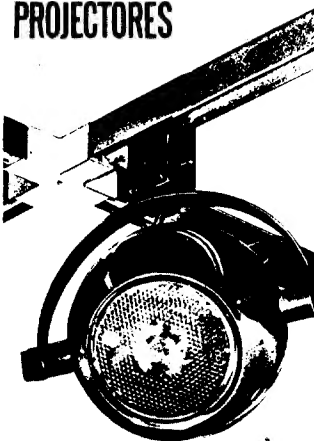
philishave exclusive 90 super

Para homens exigentes — Exclusivamente



ILUMINAÇÃO
INCANDESCENTE

CALHA ELECTRIFICADA
PROJECTORES



J.F.

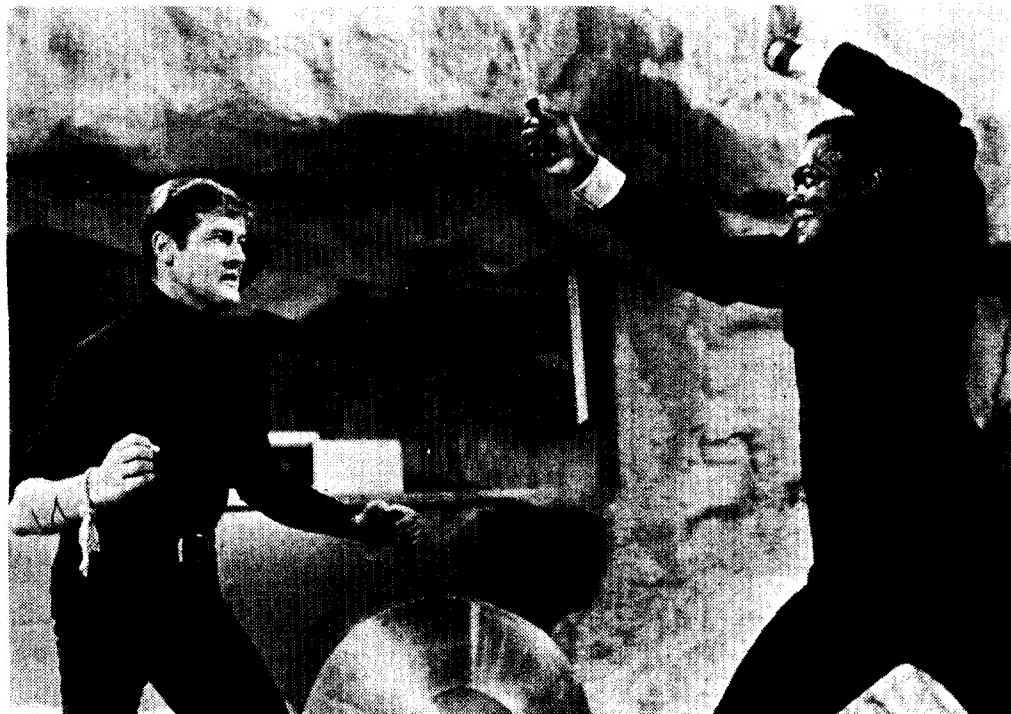
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª

TEL. 654165 * LISBOA

PHILIPS

DL/ESPECTACULOS

JAMES BOND É... UM "SANTO"!



Roger Moore, numa cena do último filme do agente secreto ao serviço de Sua Majestade britânica: «007 Vive e Deixa Morrer» (Live and Let Die), cuja estreia mundial está marcada ainda para este mês.



**SALÃO INTERNACIONAL
DE VESTUÁRIO, CALÇADO E ADORNOS
DE 15 A 19 DE SETEMBRO DE 1973
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA**

FILMODA 3 integrada no circuito dos Salões Internacionais, constitui um marco importante neste momento industrial em que se entrou decididamente na fase da exportação.

O mais eficaz apoio para desenvolver os seus contactos com os clientes e fornecedores de todo o País.

Um centro que lhe abre as mais amplas perspectivas de expansão nos mercados externos.

A campanha publicitária promovida pelo F. F. E. junto dos profissionais estrangeiros é a garantia

de um acréscimo de visitantes.

Organizadas pelo F. F. E.

virão à FILMODA

missões comerciais

de 15 países

para EXPOR... — recorra à

Feira Internacional de Lisboa

(prazo de inscrição até 15 de Junho)

para EXPORTAR... — conte com o

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Para informações

envie este cupão:

Para FIL

Praça das Indústrias — LISBOA-3

Tel. 63 90 44

Por favor enviem-nos

Nome

Informações genéricas

☐

Firma

Regulamento e Bole-

☐

Morada

Condições do apoio

☐

Telefone

do F. F. E.

"O flautista da sonoridade dourada" na Gulbenkian

Jean-Pierre Rampal, a quem já alguém chamou «o flautista da sonoridade dourada», será o solista dos dois concertos que a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo Maestro Werner Andreas Albert, vai dar no Grande Auditório da Fundação, nos próximos dias 30 e 31, às 18 e 30.

O último destes concertos (quinta-feira, dia 31) terá a particularidade de, na primeira parte, ser preenchido com obras da família Bach: o genial João Sebastião, e os dois mais célebres dos seus filhos: João Cristiano e Carlos Filipe Emanuel. Delas se ouvirão, respectivamente, a **Suite n.º 2 em si menor**, a **Sinfonia op. 18 n.º 4 em ré maior**, e o **Concerto em ré menor**. Tanto a **Suite** como o **Concerto**, compostos para flauta e orquestra, terão a colaboração solística de Rampal. A segunda parte inclui a **Sinfonia Clássica** de Prokofiev, e **Purieu**, obra do jovem compositor português Emanuel Nunes que tanto êxito obteve na sua estreia absoluta, no mesmo Auditório, em Dezembro de 1971.

Por sua vez, na audição da quarta-feira, dia 30, Jean-Pierre Rampal interpretará o **Concerto op. 10 n.º 3** de Vivaldi e o **Concerto em sol maior** de Mozart. A completar o programa serão executados o **Concerto Grosso op. 6 n.º 5** de Haendel e a **Sinfonia n.º 38** («Praga») também de Mozart.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto Conceição Correia, R. Alexandre Herculano, 16 ODEMIRA

Notícias da Comuna

Como foi amplamente noticiado, a ida ao Festival de Nancy da «Comuna» foi um êxito. A prova desse êxito (mesmo que o consideremos relativo) está na quantidade de convites que o grupo recebeu para deslocar o seu espectáculo «Para Onde Is?» a vários sítios. A saber:

Festival Latino-Americano (a realizar em Julho na cidade de Manizales, na

Colômbia). A ida a este festival poderá proporcionar uma «tournée» pelo Chile, Peru, Argentina, Brasil e Venezuela.

Festival Sigma, a realizar em Setembro na cidade de Bordéus.

Festival de Wroclav (Polónia), a efectuar em Outubro.

Apresentações em **Paris, Strasbourg e Madrid** (aqui com um convite feito

pelo grupo «Tábano», um dos melhores grupos espanhóis de teatro independente).

A «Comuna» prepara, entretanto, um novo espectáculo, intitulado «Brinadeiras» e que deverá ser apresentado, em Junho, no novo espaço que lhe foi cedido pela Fábrica Central de Cervejas, à Av. Almirante Reis.

C. P.

Cáceres canta Mozart

Juan Carlos Cáceres, «leader» do grupo **Malon**, que obteve enorme sucesso com o anterior disco «El camino», antigo membro do conjunto que normalmente acompanhava Marie Laforet nas gravações de discos e nos espectáculos ao vivo, ensinou pintura na Escola de Belas-Artes de Buenos Aires, na Argentina antes de vir para a Europa.

No continente europeu juntou-se a Jean Paul Proix, para juntos fazerem música para publicidade audiovisual.

O negócio era bastante lucrativo e compensador, mas ao fim de seis meses sentiam-se insatisfeitos.

Entretanto travam conhecimento com Daniel Leonard e Didier Gras. Cada um expôs as suas ideias, e juntos resolvem formar os **Malon**. Em Maio de 1971 gravam o seu trabalho em «long-playing» com o título genérico **Malon**.

Porquê **Malon**?

Porque este nome de origem indiana significa na tribo dos



Araucanos, «carga violenta» e desconcertante, e eles queriam evocar o ritmo da cavalcada dos cavalos selvagens em liberdade pelas enormes pradarias.

Juan Carlos Cáceres, nasceu em Buenos Aires, na Argentina. Aos quinze anos toca-

va piano com extraordinária presteza e perfeição, e a pintura e a música ocupavam-lhe o tempo totalmente.

Agora o «solo» acaba de gravar o seu primeiro «single» com o tema «Contigo mi vida» baseado no concerto n.º 21 de Mozart.

A "PAUL TAYLOR DANCE COMPANY" EM COIMBRA E NO PORTO



A «Paul Taylor Dance Company» actuará em Coimbra (Teatro Gil Vicente), amanhã, e no Porto (Teatro Rivoli, nos dias 30 e 31 do corrente. Ambos os espectáculos se integram na série promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Na foto, uma fase do bailado «Menestréis de Noé».

PROGRAMAR PARA GANHAR MAIS faça um depósito de poupança

BF/18-73

Criámos um novo processo de aplicar as suas economias.
Programa a sua poupança
e aplique-a com maior rendimento
à medida que ela se vai formando.
Temos pessoal competente para o ajudar na escolha do plano
que melhor se adapte ao seu caso específico.
Consulte-nos.



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · FARO · LISBOA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

DL/NACIONAL

600.º ANIVERSÁRIO DA ALIANÇA

"Red Arrows"-campeões do mundo de acrobacia aérea-exibem-se em Lisboa em 13 de Junho

Integrados nas celebrações do 600.º aniversário da Aliança Luso-Britânica os Red Arrows, exibem-se em Lisboa, sobre o Rio Tejo, entre a Ponte Salazar e a Torre de Belém, no dia de Santo António, quarta-feira 3 de Junho, às 5 horas.

Ja na sua nona temporada de exibições por toda a Europa, os Red Arrows da Real Força Aérea Britânica (R. A. F.), que veremos nos céus de Portugal, são um dos mais famosos grupos acrobáticos do mundo.

O grupo é constituído por alguns dos pilotos de caça mais experimentados da R. A. F. e começou a treinar-se para as exibições que dará este Verão no princípio do Inverno passado. E todos os anos por esta altura que os três ou quatro novos elementos do grupo chegam à base em Kemble, a oeste de Londres.

São então apresentados aos restantes membros do grupo e de novo apresentados aos jactos escarlates Hawker Siddeley Gnat, utilizados pelo grupo, um tipo de avião que a

R. A. F. também usa para treinar os seus novos pilotos.

Mas embora o Gnat seja um avião de treino e também um avião de alta performance que atinge, em voos planos, a velocidade de 960 km/h e com capacidade para alcançar os 200 km/h numa picada à vertical. Pode atingir a altitude de 3000 metros acima do nível do mar no espaço de um minuto.

OS TREINOS

Os treinos a sério começam em Dezembro, com uma média de quatro voos por dia. A princípio estes voos fazem-se com pequenas formações de aviões, mas vai-se aumentando constantemente o tamanho do grupo até se atingir o ponto em que os nove elementos do grupo fazem «loopings» e «tonneaux» como se fossem um só. Todas as sessões de treino são filmadas e os resultados analisados pelo dirigente do grupo.

Têm que atingir o máximo de perfeição possível, pois tratando-se de aviões tão rápidos voando tão perto uns dos ou-

tros, qualquer deficiência na pilotagem ou erro na cronometragem, erro esse de apenas uma fracção de segundo, podem provocar um desastre.

Mas como resultado destas sessões intensivas de prática durante o Inverno, os Red Arrows surgem em Abril como um grupo perfeitamente sintonizado pronto para ser submetido ao que é considerado a sua prova mais difícil: uma exibição perante o comandante-em-chefe da Real Força Aérea Britânica que tem que dar o seu consentimento antes da temporada começar.

Seis semanas antes da data escolhida para o primeiro acontecimento começam-se a fazer planos pormenorizados referentes a este. Quando já só falta uma semana sai uma ordem militar impressa com os últimos pormenores e 24 horas antes do grupo partir para uma exibição, tal como a que se realiza em Portugal, chega um avião de transporte «Hercules» à base dos Red Arrows para transportar peças sobressalentes, equipamento de assistência e a bagagem pessoal dos pilotos e da tripulação auxiliar.

Quinze dos elementos da tripulação de terra viajam no «Hercules» e os restantes nos assentos suplementares dos «Gnats», que são equipados com dois lugares. Procede-se deste modo para que a assistência básica aos aviões que se vão exhibir possa começar imediatamente após a aterragem, muitas vezes antes do avião auxiliar «Hercules» ter chegado.

AS EXIBIÇÕES

Pouco antes da exibição o chefe do grupo, Squadron Leader

Ian Dick, de 30 anos, encontra-se com os organizadores para finalizar quaisquer combinações pendentes. No próprio dia da exibição os pilotos, vestidos com os seus fatos-macacos escarlates, recebem algumas instruções tanto do organizador como do chefe do grupo.

Decide-se então qual das três sequências de números acrobáticos os Red Arrows executarão.

A exibição completa, so possível quando o tempo está bom, é a preferida dos pilotos e dos espectadores. Consiste numa série de «loopings», «tonneaux» e voltas à vertical e dá uma sensação de continuidade e fluência no desenrolar duma série de excitantes manobras em conjunto.

Mas este programa só se pode executar se o tecto estiver a uma altura de 350 metros ou mais e se a visibilidade permitir alcançar a distância de pelo menos uma milha e meia náutica.

Se as condições atmosféricas não corresponderem às descritas, cabe ao chefe do grupo decidir se se deve recorrer às exibições intermédias. Sob um tecto não inferior a 750 metros, os Red Arrows ficam limitados à execução de «tonneaux» barrilados. E, caso o tempo esteja mesmo mau, com o tecto a uma altura de 20 metros, recorre-se à exibição em voo rasteiro.

Embora as exibições em voo rasteiro sejam bastante limitadas, não deixam de mostrar diversos desenhos de formação numa série de voltas horizontais.

Mas partindo do princípio que as condições atmosféricas são boas e que se pode executar a exibição completa, o grupo lança-se rugindo nos céus, com Dick, o Squadron Leader, dando instruções claras e precisas pela rádio aos seus oito pilotos. A exibição terá a duração de 7 minutos e durante esse tempo far-se-ão 5 manobras de formação, 24 mudanças de formação e cinco manobras individuais sincronizadas.

PERFEIÇÃO

Através da rádio os pilotos

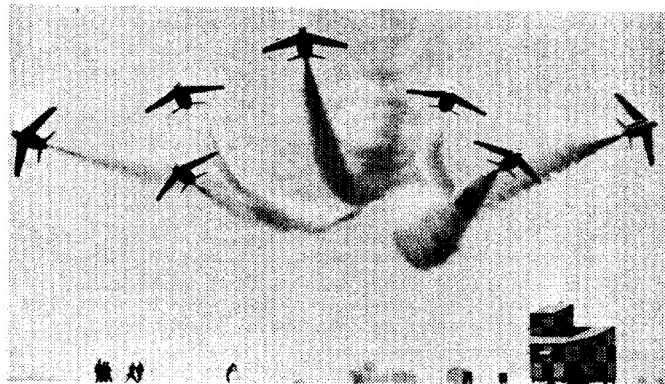
receberão 30 ordens indicando quando devem ligar ou desligar o fumo colorido — vermelho, branco e azul — que se pode fazer sair dos tubos de escape dos «Gnats» para tornar o efeito ainda mais espectacular. Do solo ter-se-á a sensação que os nove uniões se transformaram num só à medida que executam «loopings», «tonneaux» e picadas.

E provável que a multidão, ao olhar extasiada para a precisão com que tudo se desenrola, se pergunte como é possível aos Red Arrows manterem a sua formação impecável ao executarem um programa tão complicado. Por exemplo, entre as formações contam-se uma conhecida por «Concorde», pois tem a forma de uma seta e do solo tem-se a sensação de estar perante a forma do avião supersónico anglo-francês, e outras como «Wineglass», «King's cross» e «diamond nine».

A precisão e a formação impecável dos Red Arrows não se devem apenas aos treinos rigorosos mas também ao conceito de que o chefe «voa» toda a formação. Todos os pilotos alinham os seus aviões pelo do chefe e concentram-se depois a seguir os seus mais pequenos movimentos.

Esta perfeição elevadíssima atingida na arte de voar deve manter-se durante todo o Verão, desde meados de Abril até Outubro. O grupo dá uma média de quatro exibições por semana, viajando muitas vezes através de fronteiras internacionais para o fazer — e nem por um segundo, durante estas exibições, podem os pilotos afrouxar a sua vigilância ou atenção.

O grupo conta já 700 exibições nos seus oito anos de existência. A parte as exibições na Grã-Bretanha e no resto da Europa, já se deslocou aos Estados Unidos e Canadá e ao Médio Oriente. E, enquanto as exibições são observadas por muitos espectadores no próprio campo de aviação, muitos outros milhões tiveram já a oportunidade de apreciar os Red Arrows em sua casa através da televisão.



Demonstração de debandada em formação.



marelpe

GABINETE DE MARKETING E RELAÇÕES PÚBLICAS
dirigido por Júlio de Sousa Martins

Ao serviço de grandes empresas nacionais e estrangeiras

Após a cobertura da Europa por uma rede de representantes alarga as suas actividades aos outros continentes podendo desde já assegurar aos interessados (importadores, exportadores e sectores industriais) o estabelecimento de contactos a todos os níveis.

Nova fórmula de trabalho: tratamos dos assuntos deslocando-nos pessoalmente a qualquer parte do mundo.

marelpe

Gabinete de Marketing e Relações Públicas
Praça Olegário Mariano, 5-5º Dtº LISBOA-1 Telefone (P.R.C.) 83 85 87

Fraco rendimento agrícola em Abril

Escassez de chuvas e formação acentuada de geadas nocturnas estão na base, segundo uma informação do Instituto Nacional de Estatística, dos fracos rendimentos na produção de cereais, como trigo de inverno, centeio, cevada, aveia e fava. Também as árvores de fruto, vinhas e batatas sofreram com as irregularidades das condições meteorológicas, originando germinações irregulares e demoradas. Igualmente as pastagens naturais e as culturas forrageiras apresentavam, no fim do mês de Abril, um fraco desenvolvimento vegetativo, pelo que as condições de alimentação das espécies pecuárias nem sempre foram as mais favoráveis. As perspectivas de produção de feno em abundância estão bastante comprometidas.

A semelhança dos meses anteriores, a falta de mão-de-obra indispensável à realização de trabalhos agrícolas, continuou a agri-se, sentir, com intensidade variável de região para região.

Os 50 anos do Corpo Nacional de Escutas

Faz hoje cinquenta anos exactos que com o nome de Corpo Scouts Católicos Portugueses foi fundado o que hoje se chama Corpo Nacional de Escutas. Fundado na cidade de Braga sob a inspiração do seu primeiro Assistente Geral, o arcebispo-prímaz D. Manuel Vieira de Matos, o Corpo Nacional de Escutas é membro do Bureau Internacional e outras organizações escutistas como a Conferência Internacional do Escutismo Católico e a Associação do Escutismo Europeu.

O seu efectivo atinge actualmente uma cifra que anda entre os 15 e 20 mil filiados. Sendo a prática da vida ao ar livre uma das facetas mais características do método, os escutas realizam acampamentos com muita frequência e nestes cinquenta anos de vida efectuaram-se 3 grandes acampamentos nacionais, o primeiro em Aljubarrota em 1926, com a participação de 150 filiados e o último em Portalegre em 1968, do qual tomaram parte cerca de dois mil filiados. Prepara-se neste momento o Acampamento Jubilar que terá lugar em Leiria de 18 a 26 de Agosto próximo, esperando-se que se juntem naquela cidade uns cinco mil jovens.

Revelando a data que hoje se comemora o Episcopado Português da Metrópole redigiu uma nota em que se ressaltam as virtudes do escutismo e, em especial, a acção desenvolvida pelo Corpo Nacional de Escutas.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Rua Braamcamp, 9-2.º — Lisboa —

15.ª Secção de Actividade

«COMÉRCIO DE AUTOMÓVES E ACESSÓRIOS»

CONVOCAÇÃO

Convocam-se os Sócios e Contribuintes integrados nesta Secção de Actividade para uma reunião geral, a realizar no dia 1 de Junho de 1973 às 21,30 horas, nas instalações deste Sindicato, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, em Lisboa, para apreciação, antes da sua apresentação oficial, da tabela de vencimentos que se deseja negociar com o Grémio e que uma vez acordada terá a vigência de 2 anos de acordo com o que determina o Decreto-Lei 196/72.

Lisboa, 29 de Maio de 1973

A Direcção

criámos e desenvolvemos uma profissão de vanguarda:

consultor de segurança Império

**Este homem
é um Consultor de Segurança Império.**

Na vida moderna pensar em segurança
é um dever social — para si próprio,
para a família, para a empresa.

Mas pensar em segurança obriga à utilização
de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis,
a raciocinar em termos económicos e fiscais.

**Gerir os seus interesses da forma mais adequada
de acordo com as necessidades de futuro é, de facto,
tarefa que necessita do apoio de especialistas.**

Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças
existem especialistas para o assistir, a Império criou
e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar
um plano global de segurança à sua medida.

Um homem que tem a apoiá-lo a organização
que a Império representa no espaço português.

Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

O Consultor de Segurança Império

é um profissional rigorosamente preparado.

**Está apto a estudar, a conhecer o seu problema,
a aconselhar.**

A Império orgulha-se dos seus homens.

AO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO
a sua seguradora

A propósito do II Colóquio da Construção Civil

"O LANÇAMENTO DE OBRAS PÚBLICAS MUITO ESPECIALIZADAS SEM ANTECEDENTES NEM CONTINUIDADE ASSEGURADA NÃO PODIA DEIXAR DE NOS COLHER DE SURPRESA"

A construção civil em Portugal — um dos três ramos da cúpula da nossa economia — movimentou, em 1972, mais de vinte milhões de contos com preponderância para a construção de habitações. No ano anterior, o consumo de materiais ascendeu a nove milhões de contos e o total de remunerações elevou-se a cinco milhões de contos. Em França, os financiamentos fornecidos à economia atingem, em cada ano, 405 bilhões de francos sendo 128 bilhões só para habitações devendo assinalar-se que, de 252 bilhões de francos dados em créditos a médio e longo prazo, 122 bilhões são destinados à habitação.

Imagina-se, pois, a importância que esta actividade desempenha na economia dos países e o papel que lhe cabe nos programas de desenvolvimento. Foi precisamente com o objectivo de detectar uma série de problemas do sector que os Grémios Regionais dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte e do Sul decidiram organizar, de 4 a 9 de Junho próximo, o II Colóquio Nacional da Indústria da Construção subordinando-o ao tema genérico «O desafio da produtividade no IV Plano de Fomento».

Da comissão executiva fazem parte os engs. Manuel Monteiro de Barros, António Machado e Moura e José Teixeira Trigo; o dr. Casimiro José Vigário; o Agente Técnico Joaquim Moreira Tojal; e os engs. João Guerreiro Nuno, António Marques e Mário de Aze-

vedo, este como secretário-geral.

Acedendo a conceder uma entrevista ao «Diário de Lisboa» sobre a realização do colóquio, o eng. Monteiro de Barros começou por nos dizer:

Desejamos que o colóquio permita o debate amplo de uma série de problemas que afectam a construção civil e que seja, também, uma afirmação da capacidade e do prestígio da indústria. O êxito que pensamos conseguir pode prever-se a partir dos nomes que acederam a presidir às mesas de trabalho, das personalidades convidadas para relatórios e dos autores das comunicações. Por outro lado, procuramos trabalhar em estreita colaboração com o sector público sem o qual não seria possível atingir os resultados desejados. Aliás, a sessão inaugural será presidida pelo sr.

- declarou ao "Diário de Lisboa"
o eng. Monteiro de Barros

ministro das Obras Públicas e teremos, ainda, a presença na mesma sessão dos srs. secretários de Estado do Orçamento e da Indústria.

Como aprecia a situação da indústria da construção civil no nosso País? perguntamos a seguir.

Há que definir, antes de mais, o que se passa neste domínio quanto a duas actividades paralelas — uma, a promoção; outra, a indústria propriamente dita. A promoção engloba acções da organização da construção como a compra de terrenos ou a gestão financeira e a segunda refere-se à parte de construção ou execução de trabalhos. Não quer dizer que as duas actividades não sejam susceptíveis de permitir a acumulação. Mas, a verdade, é que são distintas.

E depois de uma pausa: Durante os últimos anos, a indústria da construção sofreu uma evolução muito irregular. Se até 1966 se tinha verificado constante expansão embora com coeficientes de ocupação da indústria muito baixos, a partir daquela data e até 1969/70 deparamos com uma retracção notória. A partir de 1970 notamos então um novo surto de desenvolvimento, embora sempre caracterizado pela irregularidade. Para o ano corrente há perspectivas de um

volume considerável de obras calculando-se em 30 por cento a percentagem de obras públicas. Mas estamos a enfrentar uma situação inesperada, pois verifica-se o aparecimento e intervenção de empresas estrangeiras, facto que deriva do lançamento quase simultâneo de grandes obras em prazos curtos o que favorece a intervenção de empresas de grande escala. Ora, por falta de trabalhos anteriores e por falta de garantias para o futuro, as nossas empresas não puderam apetrechar-se imediatamente e corresponsavelmente, nem ensaiar as coligações indispensáveis para se fazer face a exigências enormes não só no campo dos recursos humanos como nos aspectos administrativos. Há também, a considerar o problema do financiamento, que a nossa indústria não estava habituada a obter no meio nacional e que as empresas estrangeiras conseguem normalmente em condições favoráveis até para os seus clientes com o apoio oficial dos seus governos. A indústria, enfim, foi apanhada de surpresa e tem, agora, que se consolidar e encarar as novas realidades. Esse é um dos aspectos que tem que ser debatido no colóquio. Quero, porém, afirmar que, no aspecto tecnológico, não me parece que haja diferenças acentuadas entre as empresas nacionais e estrangeiras. Trata-se, apenas, de um problema de dimensionamento. Só em campos específicos muito especializados e pouco relevantes teremos conveniência de apoio estrangeiro, sobretudo se se exigir em curto prazo a concepção e execução da obra. De resto possuímos técnicos altamente competentes e empresas já de nível internacional. Assim, o lançamento de obras muito especializadas sem antecedentes e sem continuidade, não podia deixar de nos colher de surpresa. No entanto, a execução dessas obras pelas empresas estrangeiras, perante a invocada urgência com que o País tem que progredir e fazer face às necessidades nacionais, não poderá deixar introduzir limitações ao desenvolvimento da indústria nacional.

OS SALÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL SUBIRAM 20 POR CENTO POR ANO EM ALGUNS PERÍODOS

O eng. Monteiro de Barros — autor de uma série de artigos sobre construção civil que tiveram recentemente grande audiência — abordou, depois, a nosso pedido, o problema da mão-de-obra, salientando:

O problema da mão-de-obra evoluiu numa perspectiva totalmente independente do problema de mercado. Como se sabe, a mão-de-obra tem es-

casado devido à emigração, fenómeno que nada tem a ver com a construção civil. No entanto, a indústria foi afectada na medida em que viu subir vertiginosamente os salários, os quais chegaram a aumentos anuais de 20 por cento aumentos verificados precisamente no grande período de retracção. A indústria teve que aceitar custos mais elevados sem possibilidade de aumentar proporcionalmente os seus preços nem a sua produtividade, o que tornou difícil a gestão das empresas. A mão-de-obra existente ficou desinteressada do trabalho por ter sempre emprego assegurado o que se verifica sempre que desaparece a situação concorrencial

E a seguir:

Este, porém, não foi o único problema surgido nos últimos anos. Recentemente, como sabe, os financiamentos para a construção de habitações foram reduzidos por parte da banca privada e, também, por meio da Previdência. Essas reduções de crédito visaram deixar disponibilidades para o sector industrial mas a verdade é que a parte da habitação era das mais importantes no campo da construção civil. Estamos a prever uma melhoria da situação, a partir da maior liquidez verificada e, também, porque a escassez de habitações valoriza a propriedade e fomenta o investimento no sector.

PREVISTA UMA EXPANSÃO TANTO NO SECTOR PÚBLICO COMO NO PRIVADO

O eng. Monteiro de Barros disse-nos depois:

Decorre desta análise que se pode prever uma expansão tanto do sector público como privado para os próximos anos. Teremos que acorrer às necessidades do parque de equipamentos colectivos e, também, do fomento habitacional, pois as carências não cessam de crescer. A engrenagem económica levar-nos-á fatalmente a essa situação. A perspectiva que pode desenhar-se para os próximos sete anos é favorável e precisamos, apenas, de consciencializar do facto tanto o sector privado como o público. Temos que nos preparar para o esforço que nos vai ser exigido dentro do IV Plano de Fomento E, por isso, o nosso colóquio se intitulou «Desafio da Produtividade no IV Plano de Fomento». Não possumos elementos definitivos sobre o papel que a construção civil vai desempenhar nesta próxima fase de planeamento mas, pelos trabalhos prévios já realizados, sou levado a crer que a indústria da construção vai realmente enfrentar uma expansão assinalável derivada das necessidades que sentimos neste momento tanto no que se refere à instalação de



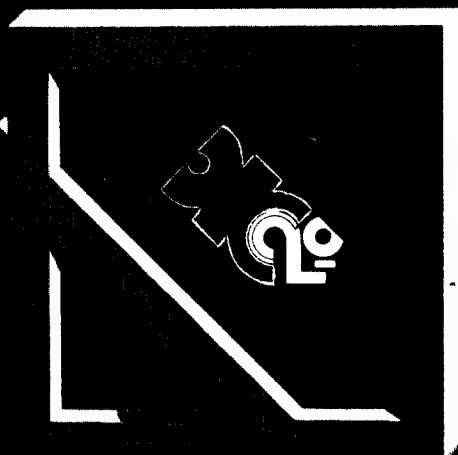
Eng. Monteiro de

indústrias, como à abertura de vias de comunicação, como a construção de habitações e equipamentos públicos e de estruturas turísticas, etc. Para este quadro contribuirá o fenómeno inevitável das migrações internas, assim como o desenvolvimento turístico. O crédito internacional cada vez mais fácil e o interesse dos estrangeiros por Portugal como país de turismo, vão dar a este sector da actividade perspectivas consideráveis de desenvolvimento.

O eng. Monteiro de Barros revelou-nos, depois, pormenores do colóquio que decorrerá nas instalações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil. As duas sessões plenárias presidirão os engs. Fernando Abelho e Armando Pereira Serra, presidentes das assembleias gerais dos Grémios do Norte e do Sul. As mesas de trabalho terão como presidentes os engs. Correia Gago, director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho; José Maria Seguro, director do Gabinete de Planeamento dos Ministérios das Obras Públicas e das Comunicações; António Abecassis, director das Obras Públicas do Ministério do Ultramar; António Martins, director do Gabinete da Área de Sines; Carlos Covre, engenheiro inspector-geral do Ministério das Obras Públi-

II COLOQUIO NACIONAL DA

INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO



Lisboa - 4 a 9

junho - 1973

Cartaz que anuncia o próximo Colóquio Nacional da Indústria da Construção

Aquilino Ribeiro morreu há dez anos

Precisamente há dez anos, morria no Hospital da C. U. F., em Lisboa um dos nossos maiores escritores, Aquilino Ribeiro.

Nascido a 13 de Setembro de 1885 numa povoação do concelho de Sernancelhe, Aquilino viria a iniciar os seus estudos superiores em instituições eclesásticas, tendo frequentado o seminário de Beja que abandonou no 2.º ano. O ano de 1907, de intensa acção republicana, e de agitação revolucionária, vem encontrar o escritor em Lisboa e é nesse mesmo ano que se verifica o incidente que o levaria a fugir, no ano seguinte para Paris. Um professor liceal e um comerciante seriam vítimas de uma explosão ocorrida no quarto de Aquilino ao manusearem explosivos que ali se encontravam. Preso, e evade-se a 12 de Janeiro de 1908 seguindo, clandestinamente para Paris, onde vive seis anos, frequentando a Faculdade de Letras da Sorbonne.

Al seguiu as lições de mestres como George Dumas, Dürckheim, Léon Brunswick, Lévy Bruhl. Em 1913 escreve e publica o seu primeiro livro, «Jardim das Tormentas». Regressa a Portugal no ano seguinte. Em 1919 viria a nascer, do grupo de intelectuais a que pertence, a revista «Seara Nova». Publica o romance «Terras do Demónio».

Dadas as suas ligações com a revolta contra a Ditadura Militar, demitido das suas funções, Aquilino Ribeiro volta a exilar-se durante algum tempo em Paris. Tendo regressado clandestinamente a Portugal é preso, no ano seguinte, por ter tomado parte no movimento insurreccional do regimento de Pinhel contra o Governo.

Recluso no presídio militar de Fontelo mais uma vez se evade, em circunstâncias rocambolescas. Volta a França. O tribunal militar de Santa Clara julga-o e condena-o à revelia. Nos anos seguintes publica os romances «O Homem que matou o diabo», «Batalha sem Fim» e «As três mulheres de Sansão», este em 1932, já vivendo em Portugal, uma vez que fora amnistiado. O segundo deste romance valeu-lhe o Prémio Ricardo Malheiros, pela primeira vez instituído. Seguem-se os seus anos de maior produtividade literária («S. Banaboião», «Anacoreta e Mártir», «Mónica» e «Por Obra e Graça», «O Servo de Deus e a Casa Roubada», «Brito Camacho», de parceria com Ferreira de Mira, «Os Avós dos Nossos Avós», «Volfrâmio», «Lápides Partidas», «O Arcajo Negro», «Cinco Reis de Gente», «Uma Luz ao Longe», «Luís de Camões, Fabuloso e Verdadeiro», ensaio muito polémico, «Portugueses das Sete Partidas», entre outras obras). Em 1958, é eleito sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa de que era, desde 1935, sócio correspondente. Publica o romance «Quando os Lobos Uivam», pelo qual foi processado, vindo a beneficiar da amnistia de Novembro de 1960. Neste mesmo ano é proposta a sua candidatura ao Prémio Nobel, no seguinte inicia a escrita das suas memórias — «O Escritor Confessa-se», — Em 1963, ano da publicação de «Tombo no Inferno», a Sociedade Portuguesa de Escritores leva a efeito uma homenagem à sua pessoa, comemorando o 50.º aniversário da publicação do seu primeiro livro, «O Jardim das Tormentas», durante as quais Aquilino Ribeiro adoece subitamente, vindo a falecer a 27 de Maio.

II Colóquio Nacional da Indústria da Construção

Entre os dias 4 e 9 de Junho realiza-se em Lisboa o II Colóquio Nacional da Indústria da Construção, o qual, analisando problemas que, por se referirem a uma indústria cujo desenvolvimento tem sido espectacular em Portugal nos últimos anos, merecem toda a atenção dos peritos, será acima de tudo, uma realização comunitária, aberta a todos que possam contribuir para a resolução de tais problemas.

«O Mercado», «Industrialização e Estrutura Empresarial» e «Aspectos Legais e Regulamentares» foram os temas gerais escolhidos para debate no Colóquio.

Da Comissão de Honra fazem parte o ministro das Obras Públicas e o ministro das Corporações; secretário de Estado da Indústria; secretário de Estado do Tesouro; presidente da Câmara Municipal de Lisboa; presidente da Corporação da Indústria; directores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e do Instituto Nacional de Investigação Industrial; e presidentes dos Grêmios dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte e do Sul.

Nas sedes destes grêmios, situadas na Rua Alves Cabral, 306, Porto, telefone 20082, e na Rua António Fries, 9, 5.º Lisboa 1, telefone 533193, serão prestados todos os esclarecimentos relativos ao colóquio.

DIA DA MÃE

Várias cerimónias oficiais assinalaram ontem p «Dia da Mãe», comemorado em todo o País. Em Lisboa o bispo de Teófilo celebrou missa por intenção de todas as mães portuguesas, em cerimónia da Obra das Mães pela Educação Nacional. Presentes, entre outras individualidades, a comissão nacional da M.P.F. e o comissário nacional adjunto da M.P. O bispo de Teófilo, durante a homilia, referiu que só os cristãos tiveram conhecimento do amor de Deus pelos homens, pois em toda a Antiguidade, até à vinda de Cristo, aquela realidade não tinha sido vivida pelos homens.

Monsenhor Moreira das Neves esteve presente nas cerimónias efectuadas na sede dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique. Porferiu uma palestra-alusiva e no final recitou o soneto de sua autoria: «Amor Maior».

Em Coimbra houve missa na Sé Nova, por intenção das mães portuguesas. No final da liturgia foi lida em voz alta a consagração das mães a Nossa Senhora.

FESTIVAL INFANTIL

Na Voz do Operário o subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, dr.ª Maria Teresa Lobo, presidiu ao «Festival da Canção Infantil», que registou a presença de cerca de mil e quinhentas crianças e respectivos familiares. Letra de uma canção apresentada pela Musgueira: «Menina que sonha/com tanta riqueza/só quer ter um lar/po pobre que seja/Menina descalça/sem cor de alegria/com tanta tristeza/pouco viverias»...

ACIDENTES

Um morto e três feridos foi o balanço de um acidente grave na curva do Viveiro, à entrada de Valongo. Um automóvel conduzido pela professora primária, Graciete Dias da Silva, de 32 anos, solteira, acompanhada de duas irmãs e um seu conhecido, resvalou ao entrar na referida curva (na direcção de Vila Real) e fiu chocar com um autocarro de excursionistas, que seguia para o Porto. A condutora morreu e ficaram gravemente feridos as irmãs e o acompanhante, respectivamente Maria Zélia da Silva, de 19 anos, Fernanda Dias da Silva, de 24, e Alvaro Fernandes dos Santos, de 25 anos, morador em Lavra, Matosinhos. Os feridos encontram-se internados no Hospital de S. João, mas livres de perigo.

Os empregados bancários e a revisão do Contrato Colectivo

Os empregados bancários do distrito de Lisboa reunem-se esta noite, a partir das 21 horas, na Sociedade Voz do Operário, para discutirem de novo as circunstâncias em que tem decorrido a fase de arbitragem relativa à revisão do Contrato Colectivo de Trabalho actualmente em vigor e que en-

globa todos os profissionais bancários do País.

Há dias, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência prorrogou por mais sessenta dias, após prorrogar inicialmente por 45 dias a pedido

do árbitro-presidente, o prazo previsto para os trabalhos da Comissão Arbitral, pelo que estes terão de estar concluídos em 6 de Julho.

No requerimento apresentado, o presidente da Comissão Arbitral referia não ser possível apresentar no prazo normal previsto na lei a decisão final.

UM CONTRATO DA HOLLIDAY INN

Por informação colhida junto de pessoas ligadas à actividade turística e recentemente chegadas de New York, sabemos que era notícia, naquela cidade, a rescisão de contrato entre a Holliday Inn e a Matur no que diz respeito à exploração do hotel daquela cadeia construído em Água de Pena, a 25 quilómetros da cidade do Funchal, na

ilha da Madeira. Na tentativa de confirmação da notícia aparamos junto de diversas pessoas do meio turístico-hoteleiro, em Lisboa e no Funchal, de que a rescisão respeitante ao hotel não se confirma, mas sim que a Holliday Inn cancelara com a Matur o contrato de exploração da aldea turística de Água de Pena composta por di-

versas moradias e «flats».

Contactada a Matur em Lisboa, fomos informados pelo sr. Silva Marques, adjunto da administração, de que não houvera rescisão de contrato e que a «Holliday Inn continuava na Madeira com o seu hotel». Nada sabemos sobre o aldeamento, através daquele porta-voz, que nos garantiu estar o hotel esgotado para a próxima época, e acrescentou, referindo-se ao fraco índice de ocupação, «que era devido ao facto de se encontrar no seu primeiro ano».

VIANA DO CASTELO

Os problemas do distrito no 4.º Plano de Fomento

VIANA DO CASTELO — Realizou-se no salão dos Bombeiros Voluntários desta cidade, a última reunião a nível distrital da visita de estudo que os membros dos gabinetes de planeamento dos ministérios e secretarias de Estado efectuaram à Região — Plano Norte. Presidiu à sessão o eng. António Carneiro, presidente da Comissão de Planeamento do Norte.

O relatório base da reunião, sintetizando as medidas prioritárias a ter em conta no Plano de Fomento, foi lido pelo dr. Alfredo Pinto. Focou em primeiro lugar a questão da agricultura, apontando as potencialidades dos 112.500 ha da área integrada do Vale do Lima. Noreferente à viticultura, defendeu a produção de vinhos de alta qualidade.

No relativo ao turismo, considerou prioritária a criação da comissão regional de Entre-Douro-e-Minho, frisando a necessidade de uma zona de jogo permanente no litoral norte. No domínio das comunicações,

referiu a ligação Porto-Valença e a importância das pequenas estradas que permitem extraordinários circuitos turísticos.

Analisando a situação escolar, apontou a necessidade de criar uma escola do Magistério Infantil, junto à escola do Magistério Primário, e de secções liceais e técnicas em todas as localidades em que a população escolar o justifique. No campo da saúde e assistência, o dr. Alfredo Pinto propõe a criação de lares de pessoas idosas e de jardins infantis.

Terminada a leitura da comunicação-base, o eng. António Carneiro afirmou que as propostas avançadas merecem o acordo genérico da comissão de Planeamento, de modo a ser consideradas na programação do 4.º Plano de Fomento.

À tarde, os participantes da reunião visitaram os estaleiros navais de Viana do Castelo, efectuando depois uma reunião de avaliação dos resultados no Hotel de Ofir.

De ontem para hoje

AFOGAMENTOS

Sábado à noite, após o trabalho, munido do respectivo salário, José Nunes da Silva, de 26 anos, agricultor, solteiro, residente em Vila Chã, esteve numa taberna a beber. No regresso para casa tomou caminho diferente do habitual e caiu num poço. Aos gritos de socorro acudiu António Marques da Silva, de 26 anos, empregado de escritório, que se lançou à água. Nada conseguiu, porém, e teve de ser socorrido por outros populares, pois quase se afogava também.

O corpo de José Nunes foi mais tarde retirado pelos Bombeiros de Viseu.

Também na Foz do Arelho morreu por afogamento José António de Jesus Romão, de 19 anos, residente em A-da-Barriça. A outros dois companheiros, que com ele tomavam banho, quase acontecia o mesmo. Foram socorridos na casa de Saúde dos Montepio.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

viagens apolo 73

CANÁRIAS

VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.
Part das todas as 5. Feiras de Julho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE 2.770,00

Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

MAIORCA

VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 3. e 5. Feiras de Junho a Setembro

PREÇOS A PARTIR DE 3.400,00

Estadia em regime de pensão completa Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto

TORREMOLINOS

8/15 DIAS
VIAGEM EM AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO
Partidas todos os domingos de Junho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE 2.320,00

Estadia em regime de pensão completa.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CREDITO

MARCUS & MARTINS, LDA.

A AGENCIA DE VIAGENS MAIS CENTRAL DE LISBOA

LISBOA: ROSA 50, FARS 100, TEL. 363271
PARIS: CORSELOUVERE BIVAR, 69, TEL. 24034

DL/ESTRANGEIRO

O CASO "VELOS" COMPROMETE O REGRESSO DE CONSTANTINO

ATENAS, 28 — (UPI e ANI) — Os jornais gregos dizem que o caso dos oficiais e praças do contingente do «Velos» que pediram asilo político à Itália fará surgir a questão da monarquia e o Governo pedirá ao povo para dar a sua opinião sobre o possível regresso ao trono do rei Constantino.

O «Eleftheros Kosmos», o jornal de Atenas que normalmente reflete as opiniões do Governo, diz em editorial que já não é aplicável o artigo da Constituição que autoriza automaticamente o regresso de Constantino logo que se realizem as primeiras eleições parlamentares.

«É evidente que o Governo pedirá agora ao povo para dar a sua opinião acerca do rei, antes das eleições. O rei já foi

informado disso» — diz o director do jornal, Savvas Constantopoulos, no editorial.

«Uma vez que o problema do rei seja colocado perante o povo, os arquivos sobre o caso devem ser publicados, para que a opinião pública seja completamente informada, de modo a poder tomar decisões correctas».

Constantino, que vive com a sua família em Roma há cinco anos e meio, conservou-se silencioso desde que o Governo anunciou, na quinta-feira, a descoberta de uma conjura na Marinha — conjura que, segundo o Governo, foi instigada por gregos exilados.

Desde que chegaram a Atenas as notícias do caso do «Velos», na sexta-feira, várias personalidades do Governo afirmaram que o caso fora provo-

cado directamente de Roma — querendo significar o rei.

As medidas de segurança parecem ter afrouxado na Grécia. Testemunhas oculares dizem que não há sinais de medidas de segurança especiais em redor dos quartéis e bases aéreas, que na semana passada estavam guardadas por tanques.

O Governo também anunciou que, durante as celebrações do trigésimo segundo aniversário da batalha de Creta, houve uma parada militar, ao mesmo tempo que aviões da Força Aérea sobrevoavam as maiores cidades de Creta.

Creta caiu em poder dos para-quedistas alemães em Maio de 1941, depois de uma luta heróica das tropas defensoras australianas, neo-zelandesas e gregas.

O Comandante Pappas não quis provocar uma guerra civil

GENOVA, 28 — (R) — Os oficiais e praças da Marinha grega, que vieram de Atenas num avião especial, enfrentam hoje possivelmente uma tripulação hostil quando colocarem novamente o contratorpedeiro grego «Velos» sob a autoridade do Governo grego, a seguir a uma revolta contra o regime de Atenas, chefiada pelo seu comandante.

Embora 240 tripulantes preferissem permanecer a bordo quando o comandante Nicholas Pappas desembarcou no sábado com 30 revoltosos, o cabecilha da rebelião afirmou que eles se tinham pronunciado «como um só homem» contra a situação na Grécia.

Os novos 30 tripulantes chegaram a noite passada de avião vindos de Atenas, e juntaram-se a três oficiais superiores gregos da NATO e a três homens à paisana, que se julga serem agentes

dos serviços secretos, que foram a bordo no sábado.

Os amotinados desembarcaram no porto de pesca de Fiumicino, perto de Roma, quando foi deferido o seu pedido de asilo político, após um dia de negociações delicadas com as autoridades italianas.

O barco chegou ontem a Génova e está ancorado entre quatro outros navios da NATO.

A revolta do «Velos» seguiu-se a uma intentona descoberta na quarta-feira na Grécia, que teria envolvido a apreensão de três navios de guerra para obrigar o Governo a dimitir-se.

Numa conferência de Imprensa concedida ontem no motel, onde os revoltosos ficaram instalados até ser decidido o seu futuro como refugiados políticos, o comandante Pappas declarou que escolhera o exílio na Itália porque não queria provocar

uma guerra civil na Grécia ou derramamento de sangue por «acção mais dinâmica», utilizando o poder de fogo do seu contratorpedeiro.

Disse ainda que os revoltosos não pertenciam a qualquer partido político e que se tinham amotinado porque «somos fieis ao nosso juramento de lealdade à constituição grega».

Afirmou que dera ordens para que o maior número possível de tripulantes ficasse a bordo do barco, a despeito da sua simpatia com a revolta, porque teria sido um problema demasiado grande para a Itália se todos tivessem desembarcado.

O ser-lhe perguntado o que aconteceria às famílias dos revoltosos, o comandante Pappas respondeu: «Não sei mas é evidente que ponderamos todas as consequências antes de tomarmos a nossa decisão».

Aumento unilateral dos preços: possível atitude da OPEP

GENEVA, 28 (R) — Os grandes estados produtores de petróleo iniciam hoje nesta cidade uma nova série de negociações com companhias petrolíferas ocidentais acerca de preços mais altos para o precioso líquido, que aumentará em milhões de dólares o seu custo.

Havia indícios de que nesta quarta sessão de conversações as primeiras três terminaram num malogro no Cairo, Viena e Trípoli — as companhias poderão fazer uma nova oferta numa tentativa para acabar com a actual disputa de preços provocada pela desvalorização há três meses do dólar em 10 por cento.

A poderosa organização de países exportadores de petróleo (OPEP), de 11 nações, que fornece cerca de 80 por cento das necessidades de petróleo em bruto no mundo ocidental, exigiu um aumento de 11,1 por cento nos preços existentes do petróleo em bruto para compensar as perdas causadas pela desvalorização do dólar.

A última oferta das companhias de cerca de oito por cento foi rejeitada redondamente há três semanas na Líbia pelo grupo de negociação ministerial da OPEP.

Antes de uma sessão de emergência dos Estados produtores na sede da OPEP em Viena, na sexta-feira, à noite, as companhias declararam a sua prontidão de chegar a uma solução negociada e sugeriram

que uma iniciativa poderia ser apresentada hoje.

O secretário geral da OPEP, dr. Abderrahman Khene, da Argélia, declarou a jornalistas, após a conferência de Viena, que os países produtores pode-

riam impor sanções se fracassem as conversações de Genebra.

Não revelou quais poderiam ser essas sanções, embora observadores afirmassem que uma possibilidade fosse a de que países da OPEP decidissem aumentar unilateralmente os preços do petróleo.

Círculos petrolíferos de Viena revelaram a noite passada que se julgava que as companhias abrandaram a sua atitude quanto a alguns pontos críticos, mas a OPEP não confirmaria que uma nova oferta tinha sido apresentada formalmente.

Havia, também, sinais de que os produtores modificaram, também, a sua posição e o presidente da OPEP, Shettima Ali Monguno, da Nigéria, declarou à Reuter: «De momento não vamos pedir 11,1 por cento».

As conversações terão como tema o acordo de Genebra de 1972, que estabelece uma fórmula para o ajustamento de preços fixados no caso de flutuações cambiais.

Os estados da opep são a Argélia, Líbia, Iraque, Pérsia, Arábia Saudita, Kuwait, Abu Dhabi, Qatar, Nigéria, Indonésia e Venezuela.

Interrogado o piloto de um avião soviético caído na Alemanha

BRUNSWICK (Alemanha Ocidental), 28 (R.) — As autoridades alemãs ocidentais continuam a interrogar o jovem piloto soviético que ontem de manhã saltou de pára-quedas e caiu perto desta cidade, quando o seu caça a jacto se despenhou a poucos quilómetros da fronteira da Alemanha Oriental.

Não foi ainda revelado se o piloto atravessou a fronteira acidentalmente devido a avaria do avião ou se fugiu deliberadamente para o Ocidente, pois, até agora, nada foi revelado sobre o resultado do seu interrogatório.

Um informador militar alemão, interrogado pelos jornais, recusou-se a confirmar ou a desmentir a hipótese do piloto ser um desertor. A sua identidade não foi revelada, sabendo-se apenas que é um tenente de 22 anos.

Um funcionário do consulado soviético em Hamburgo deslocou-se a Brunswick para se avistar com o piloto mas as autoridades alemãs não permitiram o encontro e mais tarde transferiram o piloto de helicóptero para local desconhecido.

Depois de ter saltado de pára-quedas o piloto tinha sido levado de automóvel para o quartel desta cidade onde um médico militar da RAF o examinou e disse que ele se encontrava ileso.

O controle aéreo neste sector da fronteira é exercido pela FAF e um informador militar deu a entender que o avião soviético estava a ser vigiado quando penetrou no espaço da Alemanha Ocidental.

APARELHO MIG-21?

O tipo exacto do aparelho ainda não foi determinado, pois, ao embater no solo ficou praticamente desfeito. A política estabeleceu um cordão de segurança em torno dos destroços enquanto técnicos de aviação percorrem a zona à procura de peças e outros fragmentos. Alguns técnicos britânicos da RAF pensam tratar-se de um MIG-21.

Entretanto aguarda-se a qualquer momento um comunicado oficial sobre o destino do piloto, que depende do resultado do interrogatório.



Acompanhada por um belo cão Setter, esta beldade índia, que se identificou como Nuven Flutuante, participou numa manifestação diante da residência do presidente Richard Nixon em Key Biscayne, na Florida. A manifestação era em defesa do pantano do Grande Cipreste, ameaçado pelo desenvolvimento industrial da Florida. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Watergate: manobra de manipulação

WASHINGTON, 28 — (R.) — Uma comissão independente de fiscalização eleitoral no seu relatório sobre as eleições presidenciais de 1972 denuncia o caso Watergate como uma manobra de manipulação que vai contra todas as normas de Governo democrático.

Essa comissão não partidária, criada há vinte anos sob a designação de Fair Campaign Practices Committee, diz nunca ter

encontrado qualquer tática eleitoral comparável na sua gravidade ou nos prejuízos políticos causados a uma sociedade livre.

«O sórdido escândalo chamado Watergate não se limita a ser mais um exemplo daquela tática que tem contribuído para dar má fama à política. Estamos perante uma conspiração que visava deliberadamente violar as leis, manipular os eleito-

res e transformar numa palhaçada o sistema democrático de Governo».

As conclusões da comissão estão em total desacordo com a posição defendida pelo presidente Nixon, segundo o qual o caso Watergate «foi apenas o exemplo mais recente do género de táticas duvidosas que políticos de todas as cores têm vindo a empregar, cada vez mais, nos últimos anos».

JUGOSLÁVIA
Viagem de avião+autopullman
Zurich, Belgrado, Sarajevo,
Dubrovnick, Split, Piltvicka
e Ljubljana
9 dias — 10.870\$00
programa detalhado
"Atlântica"
Rua Capelo, 4-A, Lisboa
Tel 36 92 81 (10 linhas)

DL/ESTRANGEIRO

O comandante do "Velos" afirmou que escolheu o exílio para evitar um "banho de sangue" na Grécia

ROMA, 28 (R.) — O capitão Nicolas Pappas, comandante do contratorpedeiro amotinado grego "Velos", declarou ter escolhido o exílio na Itália e para si próprio se a totalidade dos 270 tripulantes tivesse ficado em terra.

Numa conferência de Imprensa efectuada no primeiro dia da sua nova vida de refugiado político, o imponente oficial declarou que a sua acção poderia ter sido mais "dinâmica".

Explicou que não o tinha feito porque não tinha tomado a decisão de provocar um "banho de sangue" e uma guerra civil na Grécia.

Rodeado pelos outros oficiais e marinheiros rasos que ontem pediram asilo político na Itália, Pappas afirmou que a ideia da rebelião o perseguia desde o golpe militar de Abril de 1967, mas só quando, na quinta-feira, ouviu no "Velos", pela rádio, a notícia de uma revolta naval frustrada na Grécia, é que decidiu agir.

Alegando que dezenas de oficiais da Marinha tinham sido presos na Grécia em consequência da insurreição abortada na quarta-feira Pappas reiterou que os seus "não pertencem a qualquer partido político, das direitas, das esquerdas ou do centro".

"Somos oficiais das Forças Armadas da Grécia que nos lançamos nesta empresa, porque guardamos fidelidade ao nosso juramento de lealdade à Constituição grega", sublinhou.

Afirmou que os 270 homens que constituem a tripulação do "Velos" se pronunciaram unanimemente "como um só homem" contra a situação na Grécia, mas que ordenara que o maior número possível permanecesse a bordo, principalmente os pais de família, e regressasse ao país, pois seria um enorme problema para a Itália e para si próprio se a totalidade dos 270 tripulantes tivesse ficado em terra.

Entre os que desembarcaram há seis oficiais e 24 suboficiais dos quais o mais jovem tem apenas 18 anos.

Prosseguindo, Pappas declarou que não concorda com o que muita gente pensa na Grécia — que o golpe de 1967 foi promovido pela CIA e que o actual regime dos "coronéis" repousa sobre o apoio dos Estados Unidos.

Pappas esquivou-se contudo a esclarecer se o motim do "Velos" fazia parte de um plano geral em que deviam participar outros navios gregos. Afirmou, contudo, que se a revolta de quarta-feira tivesse obtido êxito, o seu barco teria aguardado "novas ordens na nova situação" criada, tal como o resto da frota.

Recusou-se, igualmente a revelar o conteúdo das conversações que travou com o embaixador da Grécia em Roma e com o representante grego da NATO na Itália.

Tendo-lhe os jornalistas perguntado onde encontrava o regime de Atenas o seu apoio, se não podia contar nem com as Forças Armadas nem com a população, respondeu: "na Polícia".

Interrogado sobre qual seria a sorte das famílias dos amotinados, disse que estes "tinham pesado todas as consequências, antes de tomarem a sua decisão".

MONARQUIA: QUE FUTURO?

Na esteira da revolta abortada da Marinha grega contra o regime militar de Atenas, o Governo actual está a estudar novas medidas para resolver a questão da monarquia e, possivelmente, para a abolir.

São numerosos os observadores políticos que pensam que depois da rebelião da Marinha o regime decida lançar mais cedo do que previa o referendo para decidir do futuro da monarquia.

A Constituição de 1968 estipula que o rei deve regressar à Grécia, depois das primeiras eleições parlamentares que se realizarem desde o golpe militar de 1967, a menos que o convide a voltar mais cedo.

Constantino conserva o apoio dos antigos políticos afastados do Governo pelo golpe de Estado de 1967 e é considerado, em alguns sectores, como um impedimento para o regresso ao sistema parlamentar. Esses sectores consideram que se a monarquia for abolida, o Governo militar terá menos motivos de receio para organizar as eleições.

Em qualquer dos casos, Papaeopoulou não pode adiar por mais tempo a decisão de proclamar as eleições ou de resolver a questão da monarquia.

Entretanto, o regime relaciona os últimos acontecimentos com recentes declarações proferidas pelo antigo primeiro-ministro Constantin Karamanlis e por uma série de oficiais de alta patente reformados, entre os quais muitos generais e almirantes de confirmadas simpatias monárquicas.

Caramanlis, primeiro-ministro conservador da Grécia, durante oito anos, até 1963, afirmou, num comunicado difundido no mês passado em Paris, que o rei Constantino representava o símbolo da legitimidade, devendo regressar ao trono para constituir um Governo e restabelecer o regime democrático-parlamentar.



O comandante Nicholas Pappas (à esquerda) escolheu o exílio, acompanharam-no 36 elementos do "destroyer" Velos, que participava em manobras da NATO. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

CAMPORA AMNISTIOU TODOS OS PRESOS POLÍTICOS

BUENOS AIRES, 28 (R.) — Foram amnistiados todos os presos políticos da Argentina, que totalizam cerca de mil pessoas, ao encerrar-se a primeira sessão do Congresso, em sete anos.

O Congresso dissolveu igualmente os tribunais especiais "anti-subversivos" estabelecidos pelo regime militar que cessou os seus poderes na sexta-feira passada e restituiu à legalidade o Partido Comunista argentino, banido há longo tempo.

A amnistia invalidou todas as condenações por delitos cometidos por "razões relacionadas com actividades políticas, sociais, de trabalho ou estudantis".

A maioria dos 600 000 presos afectados, entre os quais muitos elementos da guerrilha urbana, já tinham sido libertados graças ao perdão assinado pelo novo

presidente da República, Hector Campora, horas depois de ter sido empossado.

O Senado e a Câmara dos Deputados aprovaram por unanimidade a lei de amnistia ao terminarem a primeira sessão de trabalho que efectuam desde que os militares tomaram o poder, em Junho de 1966.

Os guerrilheiros urbanos do Exército Revolucionário Popular (ERP), de tendência marxista, receberam um acolhimento entusiástico da vasta multidão que os aguardava ontem à noite no aeroporto de Ezeiza, ao desembarcarem, juntamente com outros presos políticos amnistiados, de aviões especiais que os transportaram da desolada região da Patagónia, onde cumpriam as suas penas na cadeia de Rawson.

Os aviões, pertencentes à companhia de aviação Austral, tinham sido recobertos de distícos revolucionários esquerdistas e das designações e símbolos das principais organizações guerrilheiras: ERP, Montoneros e Forças Armadas Revolucionárias (FAR).

Distícos análogos ressaltavam por toda a capital, ao mesmo tempo que os guerrilheiros emergiam à luz do dia, depois de anos de luta clandestina contra o Governo militar.

Fontes ligadas às guerrilhas

afirmam que o ERP vai libertar em breve os dois oficiais que tem mantido cativos como reféns para garantir a libertação de todos os seus militares detidos.

Trata-se do antigo chefe dos Serviços Secretos da Marinha, almirante Francisco Aleman, e do major da Gendarmeria Jacobo Nasif, raptados em Abril.

Por outro lado, os guerrilheiros comprometeram-se a não tomar armas contra o Governo Campora ou contra a Polícia, a menos que sejam atacados. Indiciaram, porém, que continuarão a sua acção contra os militares, principalmente os homens que consideram responsáveis pela morte de 16 guerrilheiros presos na base aero-naval de Trelew, perto de Rawson, em 22 de Agosto do ano passado.

Entretanto, fontes governamentais confirmam que Campora irá a Madrid no princípio de Junho para se avistar com o seu protector político, o antigo presidente Juan Perón, e o acompanhar na sua viagem de regresso a Buenos Aires.

O novo presidente da República conferenciou em privado durante hora e meia com o presidente marxista do Chile, Salvador Allende, que veio à Argentina para assistir à investidura solene de Campora.

Gowon: primeiro objectivo da OUA é a libertação da África

ADDIS-ABEBA, 28 (R.) — Os dirigentes africanos reunidos na capital etíope esforçam-se por solucionar o conflito de fronteiras entre a Somália e a Etiópia, que ameaça ensombrar a conferência cimeira da Organização da Unidade Africana (OUA) em curso em Addis-Abeba.

Numa reunião particular que antecedeu a conferência de alto nível, foi estabelecida uma comissão especial de conciliação e enviada uma delegação a Mogadíxio, para persuadir o presidente Somali, Siad Barre, a participar na cimeira.

O conflito dominará já os 10 dias de reuniões da OUA que precederão a décima conferência dos chefes de Estado e de Governo da organização. Relaciona-se com a região desértica do sul da Etiópia, onde consta ter sido descoberta a existência de petróleo, tendo a Somália acusado a Etiópia de ter ali concentrado tropas para uma invasão.

A Etiópia rejeita categoricamente as acusações.

Na sessão particular dos chefes de Estado e de Governo, o general Yakubu Gowon, da Nigéria, foi eleito para presidir à OUA, tendo sido ele quem desempenhou o papel principal

nas medidas conciliatórias entre a Somália e a Etiópia.

Gowon, que foi eleito por unanimidade, proferiu o discurso de abertura da conferência de alto nível, no qual salientou a necessidade de abolir o ódio e o azedume e de evitar divisões entre os membros da organização que os inimigos da África se apressariam a explorar.

Referindo-se ao conflito Somália-Etiópia, e às acusações da Líbia contra a Etiópia, manifestou a sua consternação por alguns dos discursos proferidos durante as celebrações do 10.º aniversário da fundação da OUA.

SUGESTÃO DA LÍBIA

A Líbia sugeriu que a sede da OUA fosse transferida de Addis Abeba, alegando que as ligações da Etiópia com Israel e com os Estados Unidos equivaliam a apoiar os regimes minoritários brancos da África Austral, e incitou todos os Estados africanos a solidarizar-se com o Egipto, rompendo as relações diplomáticas com Israel.

Gowon acha que se devia ter manifestado "uma maior compreensão do momento e dos sentimentos recíprocos". Embora desse o seu justo valor à gravidade de alguns problemas levan-

tados, pensa que o espírito festivo devia ter prevalecido durante as comemorações.

Acrecentou que depois de se ter encerrado a assembleia comemorativa, releu a Carta e as resoluções da OUA, tendo chegado à conclusão de que não há problema que não possa ser solucionado dentro de um espírito fraternal e do âmbito da Carta.

Três objectivos primordiais devem presidir à acção dos membros da OUA na década vindoura, prosseguiu.

O primeiro é a libertação do continente de "toda e qualquer forma de colonialismo e de imperialismo", incluindo o crescente apoio moral e material

aos movimentos de libertação que combatem nos territórios dominados pelas minorias brancas.

O segundo objectivo consiste em consolidar ainda mais a independência política e cultural dos países africanos, a fim de "garantir que a África não poderá nunca voltar a ser escravizada".

Neste contexto sublinhou qualquer tentativa de um dos membros para subverter outro só concorre para favorecer os inimigos da África.

O terceiro objectivo refere-se à conquista da independência da África. Os países africanos devem controlar os seus próprios recursos e utilizá-los para o benefício dos seus povos.

São estes os alicerces da paz, concluiu Gowon, e "em última análise seremos julgados pelas nossas obras".

RIO DE JANEIRO: INCÊNDIO NA BIBLIOTECA

RIO DE JANEIRO, 28 (ANI) — Uma biblioteca com 165.000 volumes sobre mineralogia e o maior património paleontológico do Brasil foram completamente destruídos a noite passada, num incêndio que se verificou no Departamento Nacional de Produção Mineral, no Rio de Janeiro.

O Incêndio mobilizou todas as guarnições de bombeiros das zonas centro e sul do Rio de Janeiro, num total de cerca de duzentos homens. Não obstante, o trabalho de extinção foi prejudicado por falta de água.

Metade do edifício onde funcionava o Departamento Nacional de Produção foi destruída.

Conselheiros de Nixon ligados directamente ao "caso Ellsberg"

Washington, 28 (F. P.) — Harry Haldeman e John Ehrlichman, antigos conselheiros do presidente Nixon, terão estado directamente ligados a actividades ilegais em prejuízo de Daniel Ellsberg, escreve o "New York Times" citando círculos que acompanham de perto o Caso Watergate.

Segundo estes círculos, os procuradores federais que investigam o escândalo Watergate, tem agora, e pela primeira vez, provas de que Haldeman, ex-secretário geral de Casa Branca, e Ehrlichman, antigo conselheiro presidencial para as questões internas, estão directamente implicados em actividades ilegais desenvolvidas contra Daniel

Ellsberg, acusado de ter facultado a imprensa documentos secretos do Pentágono relativos ao envolvimento dos Estados Unidos na Guerra Vietnamita.

Apurou-se entretanto que Howard Hunt e Gordon Liddy, ambos implicados no Caso Watergate, foram a entrada no gabinete do psiquiatra de Ellsberg e que o telefone fora ligado a um mês de escuta.

Segundo o "New York Times" a ligação entre os dois antigos conselheiros presidenciais e estas actividades ilegais no caso dos documentos secretos do Pentágono foi revelada aos procuradores federais por David Young, antigo assistente do Conselho Nacional de Segurança.

DL/GERAL

ANGOLA PRETENDE FABRICAR FERTILIZANTES AGRÍCOLAS

LUANDA (L) Reuniu o Conselho de Governo, sob a presidência do governador-geral de Angola, tendo tomado conhecimento da evolução das acções desenvolvidas pelos serviços quanto aos problemas de abastecimento e preços de alguns produtos.

O secretário provincial da Economia informou o Conselho sobre as posições assumidas pelas três empresas requerentes a autorização para o fabrico em Angola de fertilizantes agrícolas, quanto à sugestão que lhes foi feita de constituírem uma empresa única na qual o Estado participaria numa muito pequena percentagem a fim de assegurar a todas o cumprimento das condições a acordar.

Dado que uma das empresas exigiu uma posição de predominio na administração, não é possível levar por diante a ideia.

Nestes termos, o Conselho considerou satisfeito o respeito que devia ao princípio da conciliação de interesses e irá decidir em termos de condicionamento, cujo processo, aliás, nunca se suspendeu.

ADUBOS QUÍMICOS

Cifrou-se em 2 360 toneladas correspondentes a 7 356 milhões de escudos a produção angolana de adubos químicos nos meses de Janeiro

a Novembro de 1972, tendo sido importadas 72 004 toneladas, no valor de 27 029 milhões de escudos, durante todo aquele ano.

Em Janeiro e Fevereiro deste ano Angola importou 6 020 toneladas, contra as 5 782 do mesmo período do ano passado, no valor de 3 463 milhares de contos contra 258, o que se traduz num aumento de 236 toneladas e 2 205 contos, relativamente ao mesmo período de 1972.

AMIGOS DE CARDIGOS

Na sede da Liga dos Amigos de Cardigos, em Lisboa, realiza-se amanhã um almoço de confraternização dos cardigueses radicados na capital e noutros pontos do País.

As inscrições podem ainda ser feitas pelos telefones 7 00.27. 7267 2 e 87 446.

CIÊNCIAS DOMÉSTICAS

Na sede da Associação Portuguesa de Ciências Domésticas, à Alameda de Santo António dos Capuchos, efectua-se no dia 30, às 8 e 5, integrado no ciclo de colóquios para donas de casa e chefes de família, um debate sobre a Publicidade, problema e consequência do mundo contemporâneo, que será orientado pelo prof. Borges de Macedo, da Faculdade de Letras de Lisboa.

Dupla nacionalidade

Foi concedido o estatuto geral de igualdade de direitos e deveres com os nacionais portugueses, consoante a Convenção de Brasília, aos cidadãos brasileiros srs. Carlos Teles Sobral, Jair Dias e D. Maríam Berwanger.

Aviões sem piloto

Continuação da pag. 3

aspectos, militarmente efectivo ou mesmo mais económico do que o uso de caças-bombardeiros pilotados.

Os responsáveis dizem não ter completa certeza de que o grande número de aviões autómotos que seriam necessários, por exemplo, para interceptar mísseis terra-ar, atacar os locais de lançamento ou alvos fortemente defendidos, possa ser controlado e coordenado através de operadores remotos com eficiência bastante para que o ataque seja bem sucedido.

Os padrões de voo teriam de ser flexíveis a ponto de evitar que o inimigo pudesse abater facilmente os aviões sem defesa. Um frande número de «zangãos» foi abatido, destruído ou perdido por falta de combustível sobre o Vietname do Norte e outros foram cair no interior da China.

Alguns projectos de demonstração mostraram ainda recentemente que os mísseis podem atingir uma instalação de radar colocada no meio de um deserto. Porém, muitos oficiais mostram-se cépticos relativamente a estes veículos, que são tão bons como os olhos de um televisor ou quais quer outros dispositivos sensoriais, quanto à sua capacidade para descobrir e atingir melhor alvos escondidos.

«Nenhum dos fanáticos do projecto», diz um oficial de alta patente, «pronunciou ainda o custo total do sistema». Muitos oficiais duvidam que os aviões de ataque RPV possam ser construídos por menos de meio milhão de dólares cada

um. Temem as propostas para carregar um avião basicamente simples com todos os tipos concebíveis de aparelhos electrónicos que lhe ponham «olhos atrás da cabeça» ou, sob outro aspecto, que compensem o facto de não haver um piloto na cabine do avião para ver o que está a acontecer, e decidir o que tem a fazer.

«Estas coisas são uma questão de coragem», diz um general, «mas também são uma incógnita.»

As percentagens de perda são, também, um factor crítico no cálculo de custo. Muitos «zangãos» são agora recuperados, no ar, por helicópteros, depois de abrirem um pára-queda. Porém, as percentagens de perda devidas apenas à impossibilidade de uma recuperação adequada estão calculadas em mais de dez por cento, o que é demasiado elevado para o futuro.

Um outro facto que se desconhece é quantas vezes um único RPV pode ser usado, em comparação com centenas de missões que faz um avião pilotado, e, ainda, quanto custaria reabastecê-los e repará-los.

Uma pergunta que também se põe é se os RPV oferecem um ganho significativo quanto aos novos mísseis que estão a ser construídos pela Marinha e pela Força Aérea e que se destinam a ser lançados de aviões, entre 15 e 80 quilómetros do alvo aproximadamente e, presumivelmente, fora do alcance do fogo anti-aéreo inimigo.

Embora a aceitação dos RPV como aviões de guerra possam reduzir o número de aviões pilotados e de pilotos da Força Aérea do futuro, esses oficiais arrefecem perante a ideia e, neste ponto, argumentam que não são cépticos por causa da tradição.

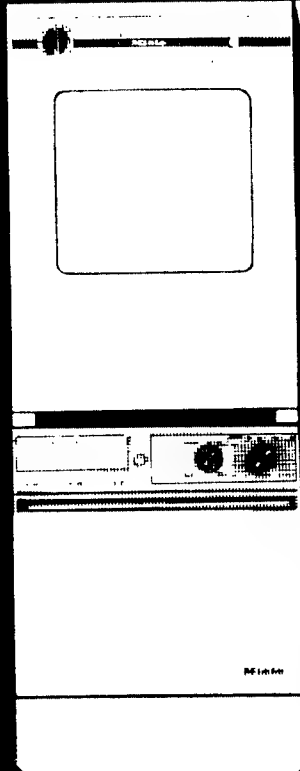
A. OLIVEIRA ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

AFRODITE/HISTÓRIA

TRÁGICO - MARÍTIMA
STAND 44

Coluna lavar/secar roupa W440/T330



Lavagem automática e secagem electrónica - simultaneamente - num mínimo espaço de sua casa.

Miele

Agente oficial:

M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48 A

Telef. 58958

LISBOA

"Documento de viagem" nas fronteiras angolanas

LUANDA (L) - A fim de facilitar os movimentos que tradicionalmente se processam para um e outro lado entre as populações que habitam perto das fronteiras de Angola, acaba de ser criado um «Documento de Viagem» para os cidadãos nacionais que, pela legislação em vigor, estejam dispensados da apresentação de passaportes.

O referido documento segundo o preâmbulo do Diploma Legislativo que o instituiu respeita apenas as pessoas maiores de 18 anos, quando passado individualmente, havendo um «documento familiar» que abrange qualquer casal e respectivos filhos menores de 8 anos.

CARROS DE SERVIÇO COM GARANTIA

CITROËN

Rua Filipe Folque N.º 5 B - Lisboa - Tel. 534131/6

CITROËN

BOM APETITE

CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA

PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS)

Encerrado às 2.ªs feiras.

RESTAURANTE E BAR

DO

HOTEL ALVORADA

ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA E VARIADA

(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)

Telef. 260070 (Frente do casino)

RESTAURANTE SANCHO

Trav. da Glória, 8-16

Telef. 369780

LISBOA

restaurante

arameiro

LISBOA

Restaurante

Trav. S. Antão 21

PRÉMIO DOS S. N. I

RESTAURANTE Colina

SNACK-BAR

Rua Filipe Folque, 46-A

Telef. 560209

AMANHÃ

FEIJOADA À TRANSMONTANA

4.ª feira

ARROZ DE PATO

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTA HOJE MESMO A

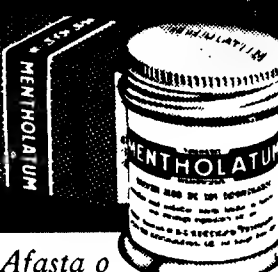
ORCOSI

MEDIADORA AUTORIZADA

EDUARDO SAUSSETTO

Rua 1.ª de Dezembro, 45

Telefones 36 74 44 32 31 72



Afasta o CATARRO depressa!

A origem do catarro se esconde no nariz. O catarro se torna irritante na garganta, desce ao peito. Não existe necessidade nenhuma dum sofrimento prolongado. O balsamo Mentholatum afasta o catarro visto que o Mentholatum trabalha directamente no nariz. A noite, aplique Mentholatum à entrada do nariz. O efeito é evidente. Durante a noite. O vapor de Mentholatum trabalha afastando a congestão. Você dorme melhor, respira melhor, sente - se melhorado amanhã. Compre e use Mentholatum.

BOIÕES E TUBOS
MENTHOLATUM
AFASTA O CATARRO DEPRESSA

LUSTRES

encantadores, ao gosto da juventude. Fábrica, Av. 5 Outubro, 203, r/c. Esq.º (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

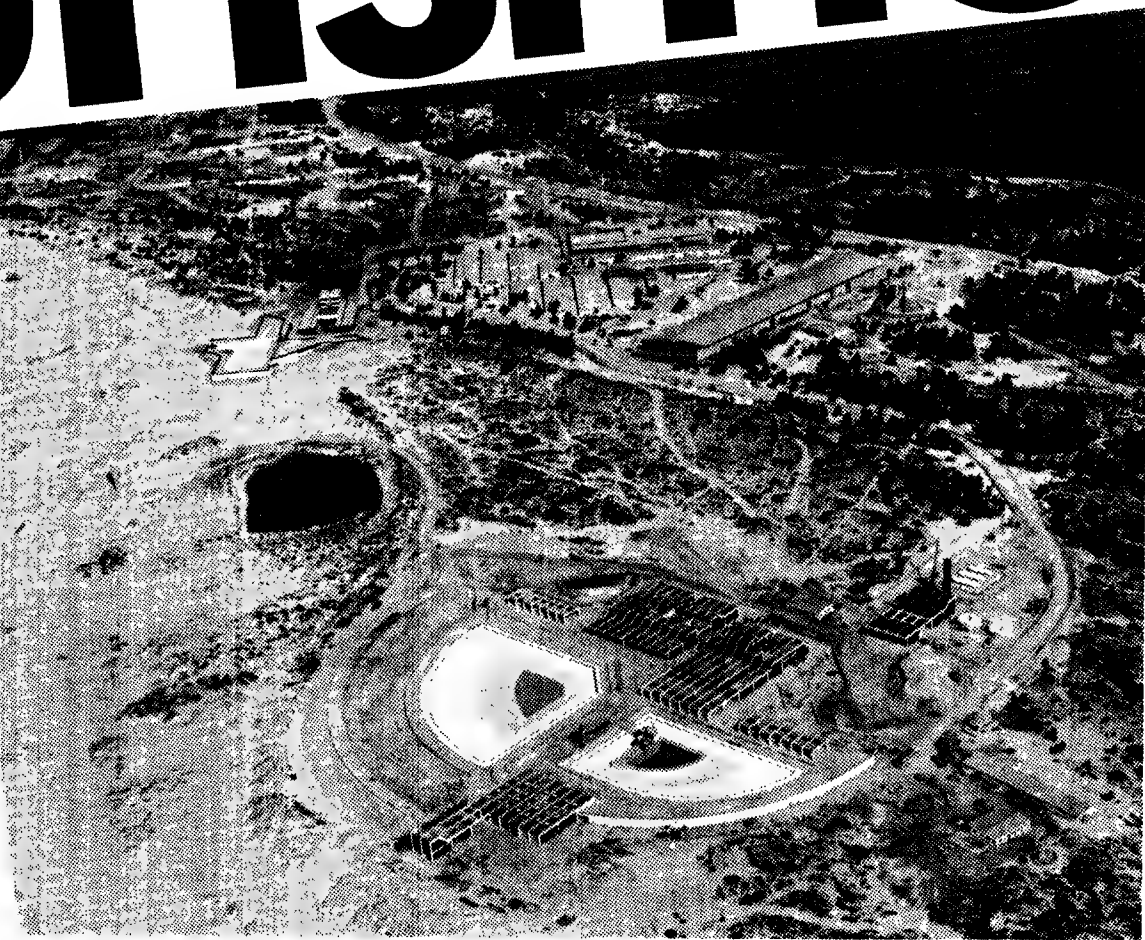
VENDA AO PÚBLICO

APÓS-AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

An aerial, black-and-white photograph of a large, semi-circular stadium complex. The stadium features multiple tiers of seating and a central field area. It is surrounded by dense vegetation and some smaller structures. The image is oriented horizontally on the page.



UM LUGAR PARA SI
NUMA SOCIEDADE PARA TODOS



O E I R A S



CARLOS TARDIO DO ESPÍRITO SANTO ALVES

FALECEU

Maria Isabel de Oliveira Ribas Alves, Maria Eugénia do Espírito Santo Alves, Angelina Tardio do Espírito Santo Alves Ribeiro da Fonseca, filhos, netos, José Tardio do Espírito Santo Alves e sua mulher, Mercedes Tardio do Espírito Santo Alves da Silva Pinto e seu marido, Maria Cândida Tardio do Espírito Santo Alves da Silva e seu marido, filhos, neto e mais família participam o falecimento do seu muito querido marido, filho, irmão, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 29, pelas 12 horas, para o cemitério local, saindo da capela de Santo Amaro de Oeiras, onde será rezada missa de corpo presente pelas 11.30 horas.

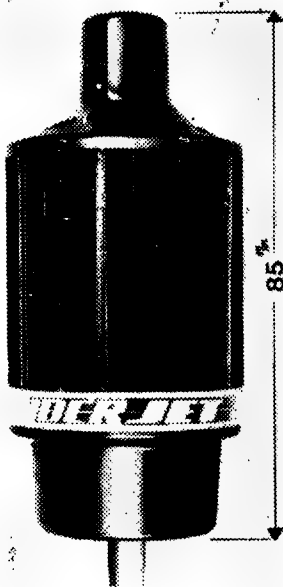
A FUNERÁRIO DE OEIRAS — TELEF. 2430856

**Pela primeira vez
Lisboa-Paris
sem trasbordo
no comboio**

SudExpress

- novo horário a partir de 3/6/73
- carruagens-beliches de 2ª classe com eixos intermudáveis
- maior comodidade
- suplemento módicó

CP Caminhos de Ferro Portugueses



É JAPONÊS E CHAMA-SE THUNDER-JET

É um sistema de ignição electrónica aplicável em todos os automóveis, e qualquer pessoa o pode montar em 1 minuto.

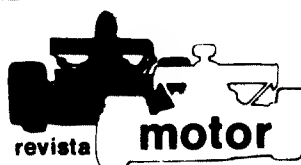
Além de outras vantagens, pode oferecer aumento de 30% potência, e economia de 20% gasolina custa só 280\$00. Chegou nova remessa. Vende-se nas casas de especialidade ou na

SE FIREX

Rua Voz do Operário, 44-T. — LISBOA — Telef. 871325

COM
TAKY
NÃO HA PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÓR
SEM IRRITAÇÃO

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SÁLDANHA)



ONTEM NO CASINO ESTORIL

Concurso de Elegância e Conforto Automóvel 1973

O parque do Estoril serviu ontem de cenário ao Concurso de Elegância e Conforto Automóvel, que reuniu mais de meia centena de carros de várias marcas e modelos e foi valorizado pela presença de um grupo de manequins profissionais que exibiram belas «toilettes».

O certame, promovido pela Estoril-Sol, como anualmente vem sendo hábito, começou na véspera com a verificação das viaturas inscritas. O júri, inspeccionou cada automóvel de per si, atendendo à elegância de linhas, harmonia de cores, acessibilidade, comodidade, visibilidade do interior, acabamentos, apresentação e aspecto funcional. O referido júri era constituído pelo eng. António Gervásio Leite, dr. Augusto Filipe Martins, José Luís Ahrens Novais, dr. José Maria Paiva Raposo, eng. Mário Rodrigues (pelo Automóvel Clube de Portugal), eng. António Palmeirim (pelo Grémio dos Importadores Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul) e dr. Manuel Telles (pela Estoril-Sol).

CLASSIFICAÇÃO
CATEGORIA I — Auto-
móveis de Turismo de duas por-
tas.

Prémio de Honra: Audi 100 Coupé.

Classe (até 850 cm3): 1.º Suzuki 500.

Classe 2 (850 a 1300 cm3): 1.º, Toyota Corolla Coupé SL; 2.º, Morris Marina 1300; 3.º, Toyota Corolla; 4.º, Daf 66 Super de Luxe.

Classe 3 (1300 a 2000 cm3): 1.º, Audi 100 Coupé; 2.º, Alfa-Romeo 2000 GT; 3.º, Audi 100 GL.

Classe 4 (acima de 2000 cm3): 1.º, Ford Granada.

CATEGORIA II — Auto-
móveis de Turismo de quatro
portas.

Prémio de Honra: Jaguar XJ6-4.2.

Classe 6 (1000 a 1300 cm3): 1.º, Peugeot 304; 2.º, Austin 1300 GT.

Classe 7 (1300 a 2000 cm3): 1.º, Peugeot 504; 2.º, Audi 100 GL; 3.º, Audi 100 LS; 4.º, Saab 99 LE.

Classe 8 (2000 a 3500 cm3): 1.º, Fiat 130; 2.º, Vauxhall FE 2300.

Classe 9 (acima de 3500 cm3): 1.º, Jaguar XJ6-4.2.

CATEGORIA III — Auto-
móveis de Grande Turismo.

Prémio de Honra: Alfa Ro-
meo Montreal.

**Classe 10 (fechados até
2000 cm3):** 1.º, MG/BGT.



**Classe 11 (fechados acima
de 2000 cm3):** 1.º, Alfa-Romeo
Montreal.

**Classe 12 (transformáveis
até 1600 cm3):** 1.º, Peugeot
304 Cabriolet; 2.º, Triumph
Spitfire.

**Classe 13 (transformáveis
acima de 1600 cm3):** 1.º,
Triumph Stag; 2.º, Alfa Romeo
Spider.

CATEGORIA IV — Viaturas
mistas.

Prémio de Honra: Vauxhall
FE-2300.

Classe 14 (até 1600 cm3):
1.º, Daf 66 Estate; 2.º, Morris
Clubman.

**Classe 15 (acima de 1600
cm3):** 1.º, Vauxhall FE 2300;
2.º, Morris Marina 1800.

PRÉMIOS ESPECIAIS

Taça do Júri (automóvel
montado em Portugal com
maior pontuação): Peugeot 504
Berlina.

**Taça para a marca com
maior representação no Con-
curso:** Vauxhall.

TAUROMAQUIA

Apoteose a João Nuncio

Diffícil será dar notícia do êxito da homenagem ontem prestada no Campo Pequeno ao ilustre cavaleiro João Nuncio, a quem o Chefe do Estado, com a presença do presidente do Conselho e membros do Governo, condecorou com a comenda do Infante D. Henrique, com calorosos aplausos dos espectadores que esgotaram a lotação da praça engalanada com panos de armas. E apoteóticas foram as ovações que sublinharam a lide exemplar do grande mestre no touro que culminou o espectáculo, após ter dado alternativa a D. José João Zoio, em auspiciosa estreia como profissional, cravando

ferros magníficos ao som da música e com triunfais voltas à arena. Ovações com música ouviu Manuel Conde, e todos os cavaleiros se somaram à homenagem que a Comissão do Real Clube Tauromáquico, promotora do espectáculo a favor do Centro de Alcoitão, realizou no centro da arena, com ofertas de brindes a João Nuncio, levantado em ombros pelos peões e com a adesão do director da corrida, Júlio Procópio, que solicitou a presença de outros, como Agostinho Coelho.

D. Álvaro Domecq quis prestar homenagem a João Nuncio, somando-se ao passeio das cortesias precedidas de um cortejo de carros e andaluzas, com gentis meninas ataviadas como sevi-



do-se o admirável Luís Miguel da Veiga que deu a segunda nota lata com música e voltas triunfais e ainda Fernando Andrade Salgueiro, também aplaudido. Bravos os touros dos irmãos Veiga que deram volta à arena e valentes as pegas dos grupos de Santarém, Montemor e de Lisboa. E assim terminou a memorável apoteose a João Nuncio, seguindo-se um jantar oferecido no Hotel Sheraton por D. João José Zoio, para comemorar a sua auspiciosa alternativa.

«EL T.P.»

ÁGUAS MINERAIS NOS AÇORES?

ÁGUA DO HEROISMO. (ANY) Poderá ser rentável a exploração industrial das nascentes conhecidas por «Água azeda», da serreta, e «Água das fajãs», ambas na Ilha Terceira, informa o «Diário Insular» o qual acrescenta que, muito embora não haja a certeza de as referidas águas reunirem as condições necessárias para serem consideradas «minero-medicinais», tudo indica que a sua percentagem de gás, bem como o seu sabor, justifiquem análises mais pormenorizadas do que as já feitas.

O jornal sugere que a Junta Geral do Distrito tome a seu cargo o estudo e aproveitamento daquelas águas.

Associação Escolar de S. Mamede

A Associação Escolar de S. Mamede promove nos dias 2 e 3 de Junho, às 21 e 30 e às 14 e 30, respectivamente, uma pequena festa de encerramento do ano lectivo de 1972-73, que inclui vários actos e para a qual estão convidados, o governador civil de Lisboa, secretário de Estado da Saúde e Assistência, Inspector-geral do Ensino Particular e outras entidades.

thanas. Homenagem mais real foi a de António Ordoñez que patenteou a sua arte excelsa em presiosos lances de capa e sábios passes de «muleta», ovacionado em voltas à arena. Abriu a segunda parte o rojoneador mexicano Gaston Santos, aplaudido, sequin-

CENTRO ESCOLAR

O Centro Escolar dr. Salgueiro de Almeida elegeu os corpos gerentes para o corrente ano. Presidem, à assembleia oeral, Álvaro Pires Leitão; à direcção, João Raul Farinha da Silva; e ao conselho fiscal, Fernando Eduardo S. A. Campos e Silva.

Colheita de sangue

No prosseguimento da sua actividade de colheita, o Instituto Nacional de Sangue envia brigadas a todos os locais onde um número suficiente de doadores o solicite. Hoje, uma das aquelas brigadas encontra-se na Fábrica Progresso Mecânica; amanhã estará na Escola

n.º 1 da Armada de Vila Franca de Xira e no dia 1 de Junho na Direcção Geral dos Hospitais.

No Porto deslocar-se-ão brigadas ao Regimento de Transmissões e ao Regimento de Artilharia Pesada n.º 2.

O asfalto da estrada também é feito com suor

Numa estrada, um carro des-pista-se a cem quilómetros à hora. Um acidente destes quase sempre é fatal para os ocupantes do veículo sinistrado.

Surtem depois as discussões sobre as causas do acidente. Avaria mecânica? Mau piso da estrada? Não raramente se chega à conclusão de que o desastre se deve a este último factor. Mas quando viajam tranquilamente ao volante dos seus carros, vendo estender-se na sua frente a longa e brilhante serpente de asfalto, os automobilistas pensarão alguma vez no duro trabalho que é o fabrico da massa betuminosa com que se forma o leito da maioria das vias de circu-

tagem da pedra negra com que se fabrica a **gravilha** que, depois de misturada com o alcatrão, dará lugar à liga que conhecemos com o nome de asfalto, até à sua escolha como gravilha 1 (a mais grada), gravilha 2 (a média) e gravilha 3 ou areão (a mais fina, parecida com a areia preta); desde a mistura da gravilha com o alcatrão, feita numa máquina Star mix gigante a alta temperatura, até à carga para os camiões.

Os leitos das estradas explica-nos um desses homens — após o seu fundo feito geralmente de pedra branca, recebem três tapetes de asfalto. O primeiro, mais solto, é o que leva a gravilha grada, a 1. O segundo, a gravilha 2. E o terceiro tapete, aquele em que correm as rodas dos carros, consegue-se com a mistura do alcatrão e da gravilha zero ou areão.

— Quanto ganham por dia os homens que aqui traba-

ham? Inquirimos.

Cento e vinte escudos. Mas isto é um ofício danado, sobretudo por causa do pó, dos gases do alcatrão e de termos que trabalhar sem telha.

Quantas toneladas de asfalto produzem diariamente? Eu não sei bem, mas produzimos muitas.

A pedra negra da gravilha também é arrancada aqui?

Não senhor. Vem de pedreiras que há lá para o pé de Queluz e Amadora.

Só vimos homens já maduros a funcionar ali. Indagámos. Responderam-nos que os jovens não querem trabalhar naquelas coisas.

Isto é sujo.

remata um dos operários.

Mesmo à beirinha da bu-liçosa estrada, mas ignorados, estes homens, trabalhando em condições bem duras, fabricam esforçados o asfalto que há-de cobrir as longas tiras das rodovias por onde correm os «desportivos» e «utilitários».



Os jovens não querem esta profissão. A máscara do homem demonstra bem a rudeza do trabalho, que o cobre de pó negro e o obriga a engolir os gases do alcatrão.

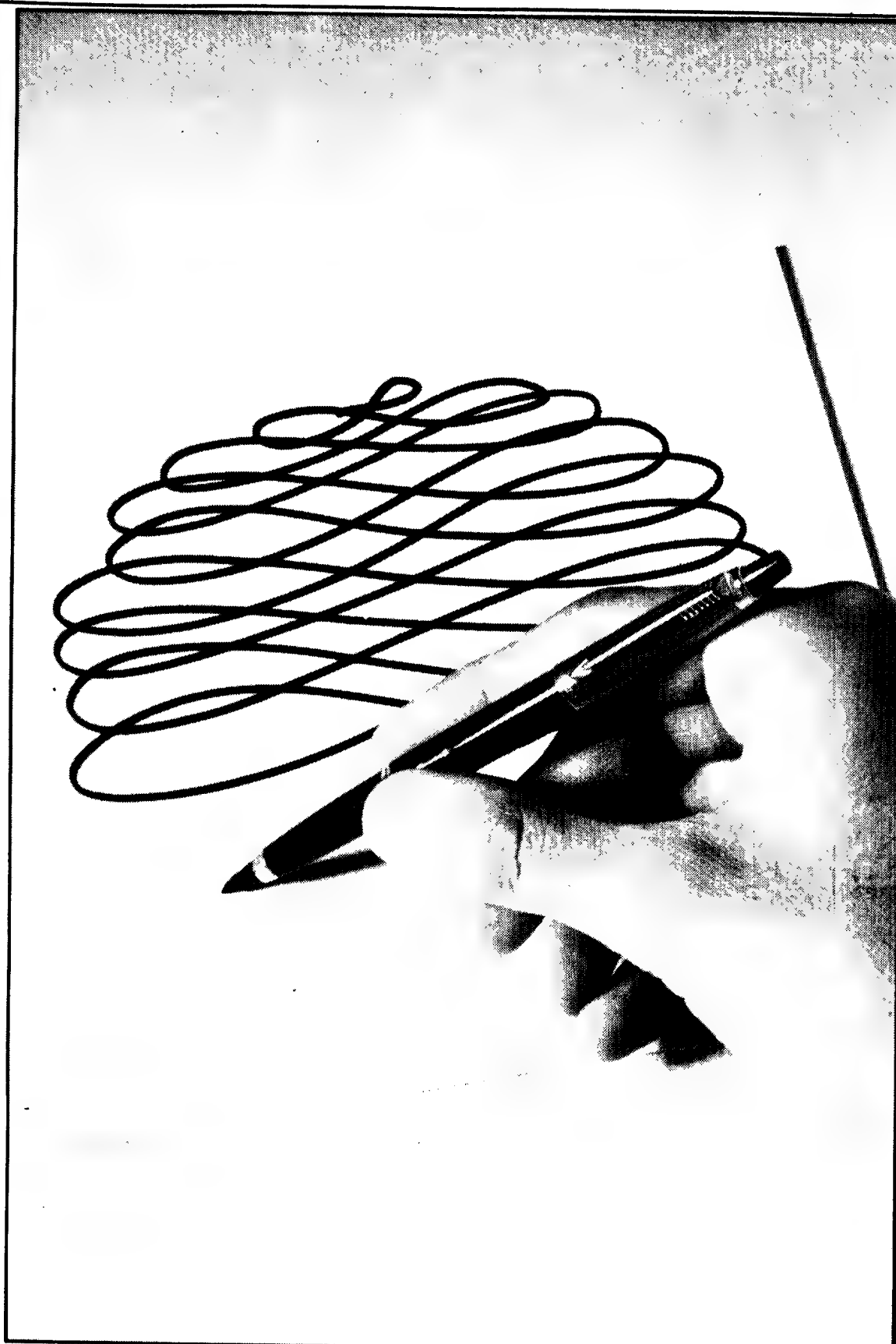


Ofício duro e sujo como poucos, à torreira do sol ou sob frio de Inverno.

lação automóvel do nosso país e mesmo do mundo? E como se consegue aquela liga que torna os pisos menos perigosos — quando em bom estado —, cómodos e resistentes? Pois nós também não sabíamos.

Mesmo à beira da auto-estrada Lisboa-Cascais, sobre a curva que dá acesso a Caxias antes da entrada da Marginal, muito perto do Estádio, avistam-se grandes montões de **terra negra**, muito semelhante a fuligem. Por detrás desses montões sobem, por entre o ramalheto das árvores do parque, grandes núvens de fumaça. Ali labuta-se oito horas diárias, ao ar livre, sob as inclemências do tempo: calor de morrer no Verão, frio de rachar no Inverno. Mesmo à beirinha de uma via por onde passam milhares de condutores de veículos que, de dentro dos seus carros, deitam ao conjunto um olhar displicente — quando deitam. No entanto é um dos muitos locais em que máquinas e homens cobertos de pó negro fabricam o asfalto por onde correm velozes os seus «desportivos» ou «utilitários».

Fomos ali colher algumas imagens e falar com os homens que lá trabalham. É uma profissão dura, embora as máquinas — isso é verdade — façam quase tudo: desde a bri-

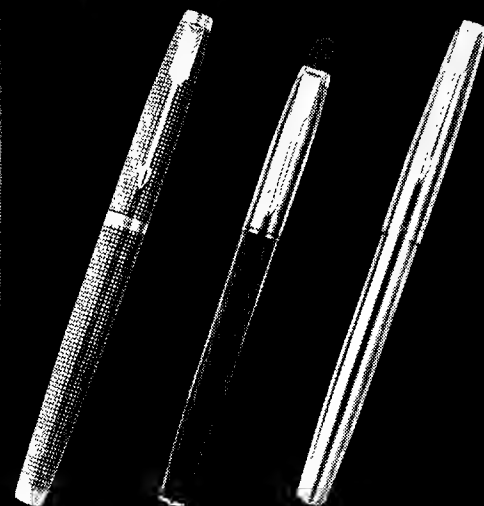


OUTRA
"ESCRITA"
CHAMADA

⌘ PARKER

A Parker Touché.
— uma nova caneta
de ponta de feltro
recarregável.

Que serve as
necessidades actuais
da escrita. Prática e
funcional. E um belo
objecto. Dos que se
guardam com carinho.
Dos que se tem orgulho
de possuir. O orgulho
de possuir uma Parker.



⌘ PARKER

"PRESTÍGIO POR ESCRITO"...

... mesmo em canetas de feltro.
Representantes: VIALGA, SARL
Rua Joaquim António de Aguiar,
45-2.º - Dto - LISBOA

DL/DESPORTOS

CUF, 0 — SPORTING, 1

O SALTO

Não há dúvida: esse atrevido rapaz que dá pelo nome de Mário Lino sabe do negócio e conhece bem (por experiência própria) que sem força nas pernas não há campeão que se aguente. Dai que o seu primeiro trabalho ao leme do mais que depauperado futebol leonino tenha sido aquele que ontem toda a gente viu no Lavradio: dar condição física aos Marinheiros e aos Yazaldes, aos Dinises e aos Vagners que, no tempo do simpático golfista britânico Ronnie Allen, mal se podiam ter sobre as «canetas» um puxado quarto-de-hora.

Ontem, à custa de uma velocidade e duma força que pareciam insuspeitadas no «team» leonino, os homens de Alvalade desbarataram completamente o extremo reduto cufista, apenas se ficando no parco e simbólico golo eliminatório porque em questão de pontaria afinada e que a coisa ainda está muito tremida, lá para os lados de Alvalade. De resto, o Sporting fez gato-sapato da destemida defesa cufista, que nunca esteve por meias-medidas e, sempre que via o negócio a fugir por água abaixo, não hesitava em conceder cantos a esmo ou, por intermédio da extremidade das botas de Américo e Castro, fazer sentir aos contrários que só vence na relva cufista quem tem barba rija e destemor nas veias.

Pois o Sporting, amigos, ven-

Comentarios Por
NEVES DE SOUSA

ceu e convenceu, dando (em muitos momentos) um «show» de futebol que fica como dos mais bonitos momentos desta sorumbática e esquelética «Taça de Portugal».

Realmente, o Sporting atinge com inteira justiça a relva bonita do Jamor, nessa festa grande prevista para 17 de Junho. E que, passar no duro teste do Lavradio, não é proeza ao alcance de qualquer um, sabido (como é) o talento calculista e frio do esgrimista Fernando Caiado no comando das suas hostes. Ontem, por pura fatalidade, Caiado não teve a dispor uma das melhores unidades do seu «plantel» (Manuel Fernandes) enquanto duas outras (Castro e Américo) de tanto tentarem atingir fisicamente os contrários, acabaram por resultar numa faca de dois gumes e, o que é pior, não deixaram de ficar associados ao dramático instante em que a barreira de cobertura de Conhé foi rasgada de lado a lado para a testa-de-ferro de Alinho ir atirar a bola até ao fun-

do das malhas.

Com efeito, o tento do Sporting foi habilmente marcado mas penosamente sofrido. Esquemático, certamente, nos treinos de Alvalade, só se torna viável quando, como ontem, tem hipóteses de concretização à custa de uma barreira fendida, de uma defesa estática e grudada ao relvado como pez a madeira fina. Deu-se o caso de Vítor Gomes, sem nada o impelir para tal, se lembrar de ir (mesmo à beirinha da sua grande área) dar uma valente «sarrafada» em Marinho, que até já nem tinha a bola em seu poder. Pacífico, apaziguador, o árbitro Fernando Leite não puxou de nenhum cartão colorido mas marcou o (pelo menos) competente livre. Marinho cruzou para o lado direito de Conhé e, como o guarda-redes cufista confiou demais na barreira e no seu golpe de vista e, ainda por cima, oferecera de bandeja o seu flanco esquerdo, Alinho veio por ali abaixo e não perdoou. Estava eliminada a CUF: estava o Sporting com os dois pés bem assentes no Jamor.

A CUF, que jogou sempre com Castro em funções de «libero», apresentou uma defesa bastante permeável e uma média quase verdadeiramente notável. De facto, enquanto José António (durozinho ...) e Vieira (idem, idem) se batiam uns furos acima da claudicante



Um círculo de jogo

FUTEBOL INTERNACIONAL

O BRASIL EM RODAGEM

A selecção de futebol do Brasil venceu por 5-0 a da Bolívia, com 3-0 ao intervalo, no encontro particular disputado no Estádio do Maracanã.

Sob a direcção do brasileiro Armando Marques, auxiliado por José Favile Neto e Arnaldo Cesar Coelho, as equipas alinharam:

Brasil: Leão, Chiquinho, Piazza, Zé Maria e Clodoaldo, Marco António e Valdomiro, Paulo César, Leivinha, Rivelino e Edu.

Bolívia: Cobo, Cayo, Agreda, Chaves e Antelo, Perez e Linhares, Vargas, Jimenez, Mezza e Fernandez.

A INGLATERRA EM PRAGA

Num desafio particular de futebol, que decorreu equilibrado, a Checoslováquia empatou com a Inglaterra por 1-1 (ao intervalo, 0-0).

Os golos foram marcados por Novak (58 minutos) e Clarke.

No Estádio Nacional, com temperatura agradável, uns 22 000 espectadores assistiram ao jogo, dirigido por Rudolph Bloekner, da Alemanha Ocidental. As equipas alinharam:

Checoslováquia: Viktor, Pivarnik, Samek, Zlocha e Hagara, Kuna, Bicowsky e Novak, Bohumil Vesely, Nehoda e Stratil.

Inglaterra: Shilton, Madeley, McFarland, Moore e Storey, Bell, Ball e Peters, Channon, Chivers e Clarke.

ESPAÑA: O SOBE E DESCE

Encerrados os torneios da Liga Espanhola de Futebol nas três divisões, é a seguinte a lista de subidas, descidas e apurados para torneios de promoção:

Primeira Divisão:
Campeão: Atlético de Madrid.

Descem à Segunda: Burgos, Corunha e Bétis.

Segunda Divisão:
Campeão: Múrcia.

Sobem à Primeira: Múrcia, Elche e Santander.

Descem à Terceira: Mestalla, Leonesa, Pontevedra e Logrones.

Torneios de Promoção: Tarragona, Osasuna, Tenerife e Córdova.

Terceira Divisão:
Sobem à Segunda: Orense, Salamanca, Levante e Linares.

Torneio de Promoção: Ensidesa, Atlético Madrileno, Girona e Cartagena.

TORNEIO EM DORTMUND

Spassky favorito

O antigo campeão mundial de xadrez, Boris Spassky, empatou a partida com o romeno Victor Ciocaltea, na oitava jornada do campeonato aberto da Alemanha Federal, que está a decorrer em Dortmund.

Na classificação, cinco concorrentes ocupam o primeiro lugar, com cinco pontos: Spassky (da Rússia), Juergen Dueball e H. J. Hecht (ambos de Berlim Ocidental) Marovic (da Jugoslávia) e Luben Popov (da Bulgária).

Na oitava jornada Mathias Gerusel (da Alemanha Federal), derrotou F. Paoli (da Itália) e Heikki Westerinen (da Finlândia).

dia) venceu Alois Suess (da Alemanha Federal).

As partidas entre Paul Keres (da Rússia) e H. J. Hecht (da Alemanha Federal) entre Juergen Dueball (da Alemanha Federal) e Raymond Keene (da Inglaterra) entre Hans Kestler (da Alemanha Federal) e Luben Popov, (da Bulgária) e entre os jugoslavos Marovic e aparma terminaram empatadas.

Da sétima jornada estavam por concluir duas partidas: O jugoslavo Parma empatou com o finlandês Westerinen e o alemão Kestler venceu o italiano Paoli.



Yazalde: a travagem da última instância

LIGUILLA: UM SÓ TRIUNFO

Começou a disputa da «liguilla» entre clubes da II e III divisões registando-se apenas uma vitória (e a consequente derrota): em Penafiel, a turma local (evidenciando superior ritmo de jogo) bateu o Feirense por três bolas a uma. Os forasteiros conseguiram no primeiro tempo surpreender os penafielenses e, aos 39 minutos, coloca-

ram-se em vantagem com um golo do número 11 (Henriques). Mas, na segunda parte, Gil (2) e Nelson arrumaram a questão. No outro jogo da Zona Norte, o Desportivo das Aves obteve um excelente empate sem golos na visita que efectuou em Santo Tirso.

Na Zona Sul, verificaram-se resultados idênticos nas partidas

Tramagal — Sacavenense e Odivelas-União Sport: 1-1 foi a marca com que se atingiu o final do tempo regulamentar e que beneficia (logicamente) as turmas visitantes.

Nas meias finais da III Divisão, entretanto, há que realçar o excelente triunfo obtido pelo Lusitano de Évora em Torres Vedras, alcançando no decorrer da segunda parte dois tentos que não tiveram resposta. Melhor partido da situação e da vantagem de actuar no seu terreno tirou o Desportivo de Chaves, ao levar de vencida o Gouveia por 1-0.

CAÇA MOEDAS—Fisher

Aparelho detector de metais, garantido por 5 anos
É aliciante porque dá prazer e lucro

Venda exclusiva: Av. João XXI, 20, 1.º Esq.º — Lisboa-1

**Farense, 0
V. Setúbal, 1**

Joaquim Campos: o pomo da discórdia

O primeiro golo sofrido pelo Farense na «Taça de Portugal» (até aqui somara um total de 8 tentos a zero) foi-lhe fatal. Valeu-lhe a eliminação na prova e o adeus ao sonho (lindo) de comparecer no Jamar a 17 de Junho.

E não obstante, o Farense lutou bravemente até se convencer que seria impossível roubar ao Vitória de Setúbal mais uma das suas quase habituais presenças no final da «Taça».

O problema foi que a luta dos algarvios teve muito de semelhante ao remar cego contra a maré. Na primeira parte correram, correram, esgotaram energias e superiorizaram-se ao adversário (mormente por chegarem primeiro ao homem

e à bola) mas não marcaram. E esses eram os planos:

Entrámos com absoluta convicção de que marcar primeiro seria resolver o jogo, explicar-nos-ia, na cabina, o treinador Almeida. **A nossa primeira parte, embora magnífica, não foi suficiente. Merecíamos, o prolongamento.**

VITÓRIA

Como se infere do que atrás se disse sobre o Farense, o Vitória não conseguiu no primeiro tempo impôr o seu futebol, para, no início do segundo, marcar o golo definitivo, golo esse que viria a ser confirmado ao longo dos derradeiros 45 minutos com uma incontro-

versa superioridade.

Ajudou ao domínio do Vitória, a grande «claqué» que acompanhou a equipa ao Algarve (de manhã, em Olhão, onde os juniores de Setúbal jogaram e ganharam por 6-0, parecia haver mais forasteiros que naturais da vila) e o «golpe» de Pedroto ao intervalo. Deixando Octávio na cabina (o médio setubalense tinha sido tratado com antibiótico e estava bastante debilitado) e fazendo entrar Torres, autor do golo, o treinador do Vitória aplicou o K. O. logo aos dois minutos.

Até final, o Vitória continuou a dispor de oportunidades de golo, mas Torres e Arcanjo foram perdulários em demasia. De nada valeram as substi-

tuições do Farense, tanto a desfazer o «ferrolho» com a saída de Atraca, como a robustecer o ataque com a entrada de Adilson.

4 O Vitória é melhor equipa técnica, física e taticamente e ganhou com justiça a passagem para final em Lisboa.

O ÁRBITRO

Para se avaliar da fabilidade que se pode conter em afirmações sobre as arbitragens, num momento em que estas são postas em xeque, veja-se o que disseram de Joaquim Campos os técnicos das duas equipas. Almeida, responsável pela turma derrotada:

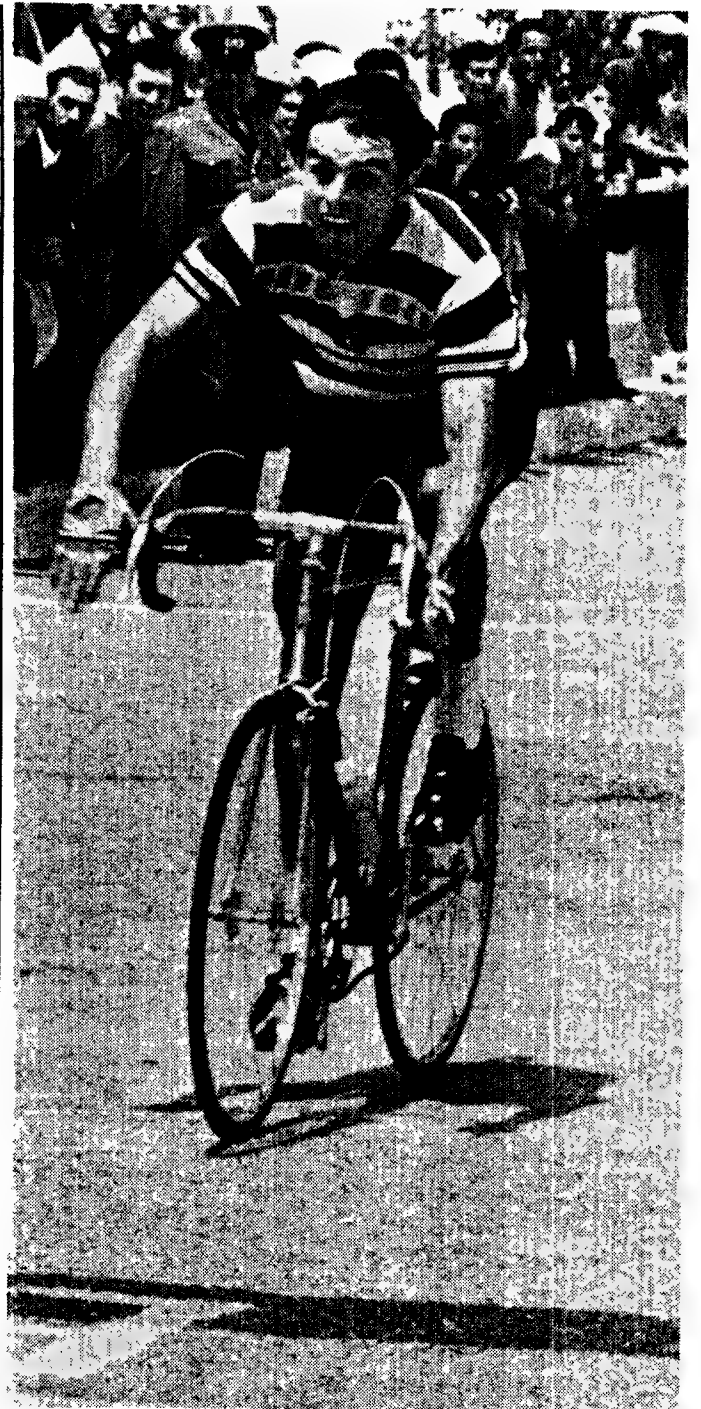
Quero dirigir um aceno de simpatia ao senhor Joaquim Campos e aos seus colegas, pois souberam dirigir o encontro de bem com todos e contribuir fortemente para um desfecho correcto em absoluto.

Pedroto treinador da equipa vencedora:

Bastava que o senhor Joaquim Campos não se apresentasse tão traumatizado e não perdesse duas grandes penalidades ao Farense (sobre Torres e Jacinto João), para o resultado ficar certo.

Assim pode garantir-se que o público de casa não invade os campos. Mas se fosse ao contrário quem arcava com a responsabilidade?

DANIEL REIS



FINAL DA TAÇA DOS CAMPEÕES

O Juventus já está na Jugoslávia

A grave aventura do Juventus começou ontem de manhã no aerodromo de Linat, onde os campeões da Itália descolaram rumo a Belgrado, para o grande encontro do próximo dia 30, com o Ajax de Amesterdão, para a final da Taça da Europa.

A resposta a todos os problemas que agitam os «tifosi» será dada na 4.ª feira, data que todos eles já marcaram por certo a tinta vermelha nas suas agendas.

O treinador do Ju-

ventus, Giancarlo Boniperti, afirma que as possibilidades da sua equipa na «final» da «Taça dos Campeões Europeus», contra o Ajax, residem precisamente no facto de os italianos não serem favoritos.

Chegamos à final pela primeira vez, enquanto o Ajax já venceu o troféu por duas vezes, bem como a «Taça Intercontinental», declarou Boniperti em conferência de imprensa, pouco depois da chegada da equipa à capital jugoslava. Espera-

mos que seja um grande encontro, visto que as duas equipas possuem jogadores de primeira classe — acrescentou.

Imediatamente após a chegada, os jogadores do Juventus estiveram no estádio do Estrela Vermelha, a inspeccionar a relva, e em seguida dirigiram-se para Novi Sad, 70 quilómetros a norte de Belgrado, onde ficarão alojados até quarta-feira.

O Ajax é esperado hoje.

Merckx domina o «Giro»

O belga Eddy Merckx ganhou a oitava etapa da Volta Ciclista à Itália e aumentou o seu avanço na classificação geral. Foi a terceira etapa conquistada pelo campião no «Giro» de 1973.

Merckx, que foi o vencedor da prova em 1972, cobriu os 156 quilómetros do percurso entre Lido Delle Nazioni e Carpena em quatro horas, 40 minutos e 36 segundos, à velocidade de 33,352 quilómetros à hora.

O belga terminou a etapa com um avanço de 45 segundos sobre o segundo classificado, o italiano Giovanni Battaglin. Em terceiro ficou outro italiano, Italo Zilioli, quase quatro minutos atrás de Merckx.

A etapa que levou novamente os ciclistas para as montanhas depois de dois dias de tiradas planas, começou quase ao nível do mar, em Lido Delle Nazioni, até ao Monte Carpena, 1 400 metros de altitude, um dos pontos mais altos do «Giro».

A nona etapa, que começa amanhã, será novamente a descida (da montanha para a planície) até Alea Adriática.

Fianni Motta, também da Itália, foi o quarto, a três segundos de Zilioli, logo seguido pelo pelotão, que foi acreditado com o mesmo tempo.

O italiano Franco Bitossi, que se tem mantido na esteira do «campião», com um atraso de 29 segundos na classificação geral, durante as três últimas etapas, não foi além de um sexto lugar, com o mesmo tempo de Motta.

A boa actuação de Battaglin frente a Merckx colocou-o na segunda posição da classificação geral, à frente de Bitossi, mas ainda a minuto e meio do «camisola cor-de-rosa».

Classificação da etapa: 1.º, Eddy Merckx (Bélg.), 4 h. 40 m. 36 s. (média, 33,352); 2.º, Giovanni Battaglin (It.), 4.41,21; 3.º, Italo Zilioli (It.), 4.44,52; 4.º, Gianni Motta (It.),

4.44,55; 5.º, Felice Gimondi (It.), m.t.; 6.º, Franco Bitossi (It.), m.t.

Classificação geral depois da 8.ª tirada: 1.º, Eddy Merckx (Bélgica), 41.12,50; 2.º, Giovanni Battaglin (Itália), a 1.36; 3.º, Franco Bitossi (Itália), a 4.48; 4.º, Wladimiro Panizza (Itália), 5.33 e 5.º, Felice Gimondi (Itália) m.t.

OUTRAS VEJETAS

Entretanto, o francês Enzo Mattioda ganhou o 7.º Bordeaux-Paris percorrendo os 562 km. em 14.17,55 à excelente média de 39,304 km/h.

A classificação foi a seguinte: 1.º, Enzo Mattioda, 14.17,55; 2.º, Cyrille Guimard, a 4.05; 3.º, Walter Godefroot, a 7.53; 4.º, Michel Perin, m.t.; 5.º, Roger Koster, m.t.; 6.º, Jurgén Tschann, m.t.; 7.º, Gerard Vianen, a 11.53; 8.º, Lucien Aimar, a 15,39; 9.º, Jacques Cadiou, a 17.03; 10.º, René Pijnen, a 33,34.

Totobola a chave

1 CUF - Sporting	2
2 Farense-Setúbal	2
3 Castellón - Valência	X
4 Bétis-Burgos	
5 Gijón - Real Madrid	
6 A. Bilbao - Oviedo	
7 Málaga - Celta	
8 Sabadell - Santander	
9 Hércules - Cádiz	2
10 Tarragona - Sevilha	2
11 Pontevedra - Elice	2
12 URS - França	
13 Roménia-Aleman.Dr	

TOTOBOLA O nosso palpite

Barreirense-CUF	
Sporting-Belenenses	
U Coimbra - Setúbal	X
Beira Mar-Porto	X
Boavista - U. Tomar	X
Leixões - Farense	X
Montijo - Guimarães	1
Atlético-Benfica	2
Olhanense-Académ.	2
Valência - Castellón	1
Burgos-Betis	X
Oviedo - A. Bilbao	2
Celta - Málaga	1

**Firmino:
triunfo
algarvio**

Inesperadamente, mesmo por alturas das últimas pedaladas, o sportinguista Firmino Bernardino assenhoreava-se do primeiro lugar na corrida ciclista entre Lisboa e o Algarve, batendo por escassos dois décimos de segundo o tempo global do benfiquista Venceslau Fernandes, o que lhe valeu um prémio pecuniário de 6 contos.

Depois de Firmino Bernardino (por muita boa gente considerado «o delfim de Agostinho») classificaram-se Venceslau, o chefe-de-linha benfiquista Fernando Mendes, o portista Joaquim Andrade e o jovem José Martins (da Coelima). Foi, não há dúvida, uma competição animada que, ao longo de etapas distribuídas por quatro dias, «desenferujaram» os músculos de alguns dos mais fortes estradistas candidatos a abaterem o pé a Agostinho na próxima «Volta a Portugal».

Stentofon
Sistemas de
intercomunicação

Lisboa 42124 713470
Porto 483598
Faro 24338
Portimão 22954

FUNDOS DE ESTADO

	Efec.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	470\$	470\$	
Cons 3 1/2	510\$	510\$	
Cons 3 1/2	600\$	600\$	
Centenários	1350\$	1350\$	
Tes 5 % 57	1000\$	1000\$	
Tes 5 % 59	1000\$	1000\$	
Exter 1 a s	642\$		
Exter 1 a c	644\$		
Exter 3 a s	735\$		
Exter 3 a c	735\$		
Caut 3 a s			

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	920\$	
C M L 5 3/4	1000\$	
C P 5,5 %	935\$	
C P 5,5 %	935\$	
C P 5,5 %	935\$	
Corr 5 3/4 %	935\$	
Meir 5 3/4 %	960\$	
Tur. 5 3/4 %	1000\$	
C P 6 3/4	1020\$	1015\$

ELÉCTRICAS

G 5 %	58	
G 5 %	59	
G 5 %	62	
G 5 %	63	
G 5 %	64	
G 5 %	65	
G 6 %	67	
G 6 %	69	
G 7 %	71	
H E C 5 %	860\$	
H E C 6 %	755\$	755\$
H E D 5 %		950\$
H E D 6 %		755\$
H E S E 5 %		940\$
H E S E 6 %		
H E Z 5 %	950\$	950\$
H E Z 6 %		
H E Z 6 %	740\$	900\$
N E C 5 %		940\$
N E C 6 %		
Termoe 5 %		760\$
U E P 5 %	720\$	
U E P 5 %	730\$	
U E P 6 %	930\$	950\$
U E P 7 %	1005\$	

DIVERSAS

A P T 5 %	56	
A P T 5 %	58	
Lisnave 6 %	850\$	860\$
Nitratos 60		
Pet 2 a e 3 a		
Sacor 7 %	1025\$	1025\$
Sacor 5 %	980\$	
Sacor 5 %	870\$	
Sid 5 %	720\$	
Sid 5 %	720\$	740\$
Sid 5 %	720\$	
Socel 5 %		
U Fabril 67	925\$	925\$
U Fabril 68	930\$	

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %		
Rev 5 % 57		
Rev 5 % 59/60	630\$	630\$
Moçamb 5 %		
Sonefe 5 %		

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura		
Algarve		
Alentejo		
Angola		
Borges & Irmao		
Crédito Predial		
Espírito Santo		
Fomento		
F & Burnay		
Intercontinental Português		
N. Ultramarino-m.		
N. Ultramarino-c.		
N. Ultramarino		
Portugal-p.		
P. Atlântico		
Totta & Açores		

J. BURNAY, LD^a
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmao

	21-5-73	25-5-73	28-5-73
GERAL	360,7	360,8	359,9
METROPOL	377,4	376,5	374,6
ULTRAM	238,5	245,9	252,1

De Seguros			
Alentejo	1 040\$	1 030\$	1 050\$
Bonança		21 500\$	22 000\$
Império		50 000\$	54 000\$
Mundial	4 500\$	4 490\$	4 500\$
Soberana			7 800\$
Tranquilidade	16 500\$	16 400\$	16 500\$

Electricas			
C P E p	1 250\$	1 250\$	1 260\$
C P E n		1 115\$	
E Beiras	1 950\$	1 900\$	1 950\$
G Elec. c	410\$	410\$	415\$
H E A A	215\$		215\$
H E N P			350\$
H E S E			1 650\$
U E P	225\$	225\$	230\$

Ultramarinas			
Ag Casseque	1 450\$	1 450\$	
Ag Incomat		230\$	
Ag S T e P	230\$		2 250\$
Ag Angola		2-100\$	300\$
Ang Agric	700\$		700\$
Boror	300\$	290\$	300\$
Boror Com	125\$		130\$
Buzi	223\$		223\$
Cabinda	190\$	185\$	190\$
Com. Lobito	900\$		900\$
D. A. T 100	2 900\$	2 900\$	3 000\$
H E Revue		450\$	414\$
I do Princ.			500\$
Moçambique	555\$	555\$	500\$
Sonefe n.			129\$
Sonefe p.			
Zambézia			

Diversas			
Ag. Lx ant.			1 150\$
Ag Lx 34	1 150\$	1 100\$	1 200\$
Ag Lx 36			1 200\$
Cel Guadiana		5 700\$	5 700\$
C Leiria p.	30 000\$	29 500\$	30 000\$
C Tejo p.	67 000\$	67 000\$	
F. Ramada	2 250\$	2 200\$	2 300\$
Fornos Elect	590\$	580\$	590\$
P. Celulose	7 200\$	7 100\$	7 300\$
Siderurgia p	13 000\$	12 900\$	13 100\$
Siderurgia n.	6 400\$	6 400\$	6 500\$
Socel	6 000\$	5 900\$	6 000\$
C U F	5 300\$		5 310\$
Iniar	720\$		720\$
Nitratos	1 600\$	1 580\$	1 600\$
Petroquímica	1 650\$	1 600\$	1 650\$
Sacor	6 900\$	6 900\$	6 950\$
Tab. Portugal	7 400\$		7 400\$
Tabaqueira	15 300\$		15 300\$
U F Azoto	1 200\$	1 150\$	1 220\$
Empor		580\$	
Ind Aliança	1 250\$	1 000\$	1 250\$
I. P. Colón	2 350\$	2 300\$	2 400\$
Nac. Naveg			4 700\$
Naveg. (Col)	2 300\$	2 300\$	2 350\$
P. Pesca			1 500\$
Matut	5 800\$	5 300\$	5 800\$
R. Marconi	3 450\$	3 400\$	3 500\$
TAP	2 000\$	1 950\$	2 020\$
Compal	1 300\$		1 350\$
Salvor	3 800\$	3 700\$	3 900\$
Penina	4 400\$	4 400\$	4 500\$
Grão-Pará	3 800\$		3 800\$
Lisnave	16 850\$	16 800\$	16 900\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico		
F I D E S	260\$2	268\$

COTAÇÕES

PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	\$	\$
Alemanha	Marco	8\$85	9\$15
América			
Dollars de 1 a 2		24\$10	24\$90
Dollars de 5 a 20		24\$40	25\$20
Dollars de 50 a 1000		24\$60	25\$40
Argentina	Peso Novo	\$	\$
Austria	Schilling	1\$22	1\$28
Bélgica	Franc	\$62	\$65
Brasil	Cruzeiro	\$360	\$450
Canadá	Dólar	24\$10	25\$00
Dinamarca	Coroa	\$43	\$45
Espanha	Peseta	\$540	\$575
Francia	Franc	\$850	\$880
Holanda	Florim	63\$00	66\$00
Inglaterra	Libra	\$04	\$04,4
Italia	Lira	\$	\$
Marrocos	Dirhan	\$	\$
Noruega	Coroa	\$415	\$445
Suécia	Coroa	\$545	\$580
Suiza	Franc	7\$75	\$510

Ouro			
Inglaterra	Libra Isabel	700\$00	800\$00
Inglaterra	1/2 Libra	650\$00	700\$00
Ouro fino Barra		88\$00	94\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara 18 - Telex 328045
Rua do Ouro 52 - Telex 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

COLUMBO

A R. T. P. apresenta esta noite o último episódio do filme série «Columbo» que terá como interprete principal o actor Peter Falk com a colaboração dos actores Leonard Nimoy e Anne Francis.

2.º Programa (22.00)

Museu do cinema
«Were East is East»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados Beatles Show
13.00 Feminino singular
13.15 A família Partridge
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Vendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Língua Portuguesa
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 TV Juvenil «Vida Subaquática»
20.00 Momento Desportivo
20.30 Ao serviço da Nação
20.55 Os caminhos de Noelle
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Columbo
23.45 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e a Família Partridge
20.55 Vendo o futuro
21.10 Desenhos animados Beatles Show
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Museu do cinema «Were East is East» (1929)
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados Abbot e Castello
13.00 A Feira de Sevilha
13.15 Debbie Reynolds
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV Educativa Matemática Moderna
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.15 Ponto de vista
20.15 Estíngie
20.55 A Terra o Mar e a Gente
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Noite de cinema «Testemunha de acusação»
23.50 Telejornal 4.ª edição
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados Abbot e Castello
20.45 O livro à procura do leitor
21.00 Debbie Reynolds
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Expedição
22.25 Os protectores
22.50 Tempo internacional
23.15 Concerto
23.30 Fecho



urgência

E emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E.	53 7021
H de S Maria	73 0231	C A G uas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado excepto na Faixa Costeira para norte do Tejo onde estava muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
P. DOURADAS	8º
COIMBRA	17º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	18º
FARO	20º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Faro

Máxima 27º

Penhas da Saúde

Mínima 4,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15,8º
Atmosfera 17,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.18 3,4 m	6.20 1,1 m
12.54 3,4 m	18.45 1,1 m

Dia 29

1.14 3,6 m	7.11 0,0 m
13.46 3,6 m	19.37 0,9 m

Dia 30

2.08 3,7 m	7.59 0,8 m
14.37 3,8 m	20.26 0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado na Faixa Costeira Ocidental e nas regiões do norte; vento fraco ou moderado de Noroeste.

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.15
OCASO ÀS 20.53

DIA 1	DIA 7	DIA 15	DIA 23
-------	-------	--------	--------



1.º Programa 16.00 Noticiário 16.05 Falcão Programa juvenil 16.30 Convívio Programa da juventude 18.05 Música sem palavras 18.30 Espectáculo-Cinema por Videira Santos 18.50 Canções portuguesas 19.00 Sinal horário Noticiário 19.10 Música portuguesa 20.00 Diário sonoro 20.30 15.º episódio do folhetim «Iaiá Garcia» 20.50 O pianista Carmen Cavallaro 21.00 Momento 73 21.20 Grande desfile 22.20 O homem e a sociedade - pelo prof. dr. Ferreira de Almeida 22.40 Serenata de Coimbra 23.05 De um dia para o outro por Fernando Correia 00.30 Diário sonoro 00.45 Escala na madrugada por Pedro Moutinho 02.00 Fecho Programa em MF 1 de Lisboa 23.00 Rádio Universidade 00.00 Junção com o 1.º Programa 2.º Programa 16.00 2.º acto da ópera «Príncipe Igor» (Borodine) 17.15 Peças de concerto (Couperin) 17.30 Solos de cravo 18.00 Antologia sonora 19.05 Poesia, música e sonho, por Miguel Trigueiros	19.30 Música coral sinfónica: Te Deum (Haydn) 20.00 Diário sonoro 20.27 Ciclo de melodias As Nortes de Verão (Berlioz) pelo soprano Leontine Price 21.00 Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto 23.00 Emissão em línguas estrangeiras 01.15 Fecho Programa estereofónico MF 2 21.00 Música ligeira variada 22.00 Ópera: «A Clemência de Tito» (Mozart) 00.10 O Trio Grumiaux Trio em mi bemol m. op. 3 (Beethoven) 01.00 Fecho RÁDIO CLUBE Onda Média 16.00 Noticiário 16.04 Programa CDC 18.02/21.00 Programa «Movimento» 21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0» 21.03 Alegria no trabalho 21.30 Quando o telefone toca 22.03 Antiquário 22.30 Quando o telefone toca 23.05 Variando para agradar 23.30 PBX 02.00 A noite é nossa 06.00 Diário rural 07.00 Talismã	Modulação de frequência 16.00 Noticiário 16.04 Programa CDC 18.02 O nosso programa 19.02 Vértice 21.04 Boa noite em FM 22.02 Programa à gô-gô 23.00 Noticiário: Programa à gô-gô (continuação) 00.02 Em órbita-dois 01.02 Banda sonora Sonipol 02.00 Perspectiva 03.00 Fecho RÁDIO RENASCENÇA 16.05 Radiorama 18.00 Brasil 18.30 Ter
---	--	--

DL/GERAL



RENASCENÇA GRÁFICAS A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531 2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DUBOIA TELEF. 1363
LISBOA PORTUGAL

PORTO:

Ruiu um prédio na Av. Rodrigues de Freitas

Esta madrugada, cerca das 4 horas, ruiu fragorosamente, de alto a baixo, na Avenida de Rodrigues de Freitas, em frente à garagem Galiza, parte do prédio n.º 306-310 de três andares, que se encontrava devoluto.

Outra hora que fosse, haveria, certamente, vítimas a registar, pois trata-se de um local de bastante movimento. A poucos metros situam-se três cafés.

Os escombros, em grande parte, projectaram-se na via pública, atingindo cerca de metade da faixa de rodagem.

A derrocada deve ter sido originada pela demolição, há semanas, de um prédio contíguo.

O trânsito naquela avenida (e no troço compreendido entre a Rua Duque de Loulé e a Rua das Fontainhas) foi interrompido a toda a espécie de

veículos.

Os passageiros dos transportes colectivos tiveram de sujeitar-se a trasbordo na Praça da Batalha, utilizando-se depois de autocarros que seguem pela Rua de Alexandre Herculano até ao passeio das Fontainhas.

Em frente ao local juntou-se muita gente, pois o prédio está na eminência de ruir, totalmente, de um momento para o outro.

Aguardava-se a todo o momento que brigadas do serviço de obras da Câmara Municipal do Porto chegassem ao local para proceder à total demolição daquele imóvel.

Entretanto, a P.S.P. montou um serviço de vigilância no local não só para impedir a circulação de veículos como ainda para evitar que os populares se aproximassem da zona de perigo.

Polícias processados

Foi concedida autorização para serem demandados criminalmente os guardas Lourenço Lopes Amaro, da 1.ª Companhia Móvel de Polícia de Oeiras e Manuel Lúcio, do comando distrital

da P. S. P. de Lisboa nos autos de corpo de delito que contra eles pendem, respectivamente, no tribunal Judicial da Comarca de Cascais e no 1.º Juízo Correccional da Comarca de Lisboa.

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

A direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas apreciou nas suas últimas reuniões

vários assuntos de natureza administrativa, social e económica sobre os quais deliberou. Foram feitos pareceres sobre alargamentos de âmbito de vários Contratos Colectivos de Trabalho e considerou-se a remuneração do trabalho nocturno.

A direcção designou para representante da Corporação, como membros efectivos, no Grupo de TRABALHO PARA O Estudo das condições de Higiene e Segurança nas Actividades das Artes Gráficas o sr. João José Correia; para o lugar de representante efectivo junto do Conselho Nacional de Produtividade foi escolhido o dr. José Martins. Foram também apreciadas as tentativas de conciliação em curso naquela Corporação, bem como as dificuldades que têm surgido no corrente ano nos exames de qualificação profissional previstos no contrato colectivo celebrado entre a Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos e o Grémio Nacional dos Industriais Gráficos.

Discutiu-se ainda o modo de

designação dos membros da Comissão Técnica — incumbida de propor a regulamentação do trabalho dos profissionais de vendas de serviços ou de outras formas de angariação

de clientes para empresas de prestação de serviços — acentuando-se na escolha, pela Corporação, de três representantes dos trabalhadores e três representantes patronais. Ainda quanto a este ponto, ficou assente que tais representantes deveriam ser oriundos dos:

Sindicato Nacional dos Empregados de Administração e Revisores de Imprensa, Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Caixaeiros, Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes, Grémio Nacional da Imprensa Diária, Grémio Nacional das Actividades Publicitárias e Grémio Nacional dos Industriais de Fotografia. A direcção apreciou ainda o trabalho de uma comissão funcionando no Ministério das Corporações relativa ao enquadramento sindical dos trabalhadores do subsector da pasta de papel.



Acompanhada por um filho e por outros manifestantes, a sra. Kathleen Hoesy, cujo filho John se encontra preso na África do Sul, foi protestar a pedir a libertação dos presos políticos sul-africanos diante da Casa da África do Sul em Londres. Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Quem é o "terceiro homem" do escândalo em Inglaterra?

LONDRES, 28 — (R) — O primeiro-ministro Edward Heath enfrenta hoje a possibilidade de mais dois membros do seu Governo estarem envolvidos no escândalo que já levou à demissão do subsecretário da Defesa Lord Lambton, e do «leader» governamental na Câmara dos Lords, lord Jellicoe.

Na declaração que fez à Câmara dos Comuns na semana passada o primeiro-ministro disse que, como base nas informações de que dispunha, nada levava a crer que outros membros do Governo tivessem ligações com jovens de moral duvidosa.

No entanto Norma Levy, a

prostituta frequentada por lord Lambton e actualmente ausente em Marrocos, declarou ao jornal «Sunday People» que pelo menos um terceiro membro do Governo figurava entre os seus clientes e possivelmente haveria ainda outro.

O jornal transmitiu à Polícia as informações que obteve da jovem e os investigadores comunicaram o facto ao ministro do Interior, Robert Carr, que ontem à noite teve um encontro com o primeiro-ministro.

Fontes oficiais diziam ontem à noite que o primeiro-ministro tencionava partir de qualquer forma para a Alemanha a fim de passar ali dois dias de férias, pois não se encontra excessivamente preocupado com o escândalo, mas os jornais continuam a dar grande relevo ao assunto.

O popular «The Sun» perguntava hoje em cabeçalho na primeira página: «Quem é o

terceiro homem?», salientando que as novas alegações de Norma chocaram os círculos governamentais porque, a serem verdadeiras, isso significa que «na semana passada houve alguém que ouviu em silêncio o primeiro-ministro na Câmara dos Comuns e não se demitiu apesar de saber que também estava implicado».

Por seu turno, o «Daily Mirror» escreve que o primeiro-ministro se encontra na desagradável perspectiva de verificar que os seus ministros lhe mentiram e afirma que na lista de nomes entregue à Polícia pelo «Sunday People» figuram dois membros do Governo e um membro da Câmara dos Lords.

O «Daily Mail», conservador, diz que o encontro de ontem à noite entre Heath, o ministro do Interior e sir Peter Rawlinson procurador geral, foi «uma conferência convocada à pressa em atmosfera de crise».

A indústria portuguesa à conquista do mercado sueco

Cento e vinte mil a cento e cinquenta mil contos é o valor das perspectivas de vendas /abertas pela missão de exportadores portugueses que visitou a Suécia, sob o patrocínio do Fundo de Fomento de Exportação, durante a semana passada. A prospecção realizada junto dos importadores suecos revelou importantes potencialidades de vendas, em particular nos sectores das confecções, calçado, ourivesaria, joalharia e ferros fundidos.

A missão, chefiada pelo sr. dr. Borges de Sousa, técnico do fundo de Fomento de Exportação, era constituída por vinte representantes de empresas industriais portuguesas ou estabelecidas em Portugal. Acompanharam a missão o sr. dr.

bmanuel da Silva Martins, /como observador da direcção Provincial dos Serviços de Economia de Angola, assim como delegados de seis dos nossos principais institutos bancários.

Também acompanhou a missão do Fundo de Fomento de Exportação o nosso camarada de redacção Carlos da Veiga bpereira, que dará conta aos nossos leitores das impressões que recolheu durante a sua visita. Mas pode afirmar-se, desde já, que a missão comercial à Suécia se saldou por um êxito, graças em grande parte à acção desenvolvida pelo sr. dr. Borges de Sousa e pela delegação do Fundo de Fomento de Exportação em Estocolmo, de que é director o sr. José Agnello Vaz Carreiro.

NOTAS POLÍTICAS

EMPRÉSTIMOS AOS RURAIS

Foi autorizada a concessão, aos sócios das Casas do Povo, de empréstimos das instituições de previdência destinados à aquisição de habitações, nos termos já anteriormente estabelecidos para os beneficiários das caixas sindicais de previdência e caixas de reforma ou de previdência. A lei 2092, que regula os empréstimos, apenas permitia, para os sócios das Casas do Povo, a concessão de empréstimos para construção ou beneficiação de casas.

Os estatutos de constituição das Casas do Povo de Colmeias e Boavista, de S. Mamede, da Batalha e do Bombarral (todas do distrito de Leiria) foram aprovados pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência, tal como os da Casa do Povo de Quiaios, no concelho da Figueira da Foz, que abrange também a freguesia de Brenha.

PLANIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Ao regressar ontem a Lisboa, após participar em Madrid na Conferência Ibero-Americana dos ministros de Planificação e Desenvolvimento, o ministro de Estado, dr. Mota Campos, afirmou:

B «Todos os países representados nesta conferência adoptaram a via do planeamento económico como instrumento fundamental do desenvolvimento social e económico. Por outro lado, verificou-se que todos os países estavam perfeitamente conscientes dessa ideia. Com efeito, o crescimento económico deve estar fundamentalmente ao serviço do homem e da sua valorização integral».

Acrescentou seguidamente: «A par disto, exactamente porque se tratava de justiça social nas relações entre os homens, os temas de desenvolvimento regional foram abordados e tratados com muita minúcia. É que ninguém tem dúvidas hoje, de que não é possível fazer ou promover a justiça social de certas regiões de cada país, se as populações que habitam essas regiões não tiverem acesso normal aos frutos da civilização».

OFICIAIS DO S.H.A.P.E.

Integrada na visita a Portugal dos representantes militares junto do S.H.A.P.E., organismo da N.A.T.O., efectuou-se ontem no Instituto de Altos Estudos Militares uma conferência subordinada ao tema «Política estrangeira e económica em Portugal e política militar portuguesa».

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CAMBISTAS

Vai decorrer em Lisboa, de 31 do corrente a 3 de Junho, o IX Congresso da Associação Cambista Internacional, a cuja comissão de honra preside o Chefe do Estado. No decorrer do Congresso haverá um debate acerca da reforma do sistema monetário internacional.

II AN HAMBURGER
FORÇA E
FRAQUEZAS
DA MEDICINA
E DO HOMEM

o poder e a fragilidade
do ser humano perante os
extraordinários progressos
das ciências da vida

um «best-seller» em todo
o mundo

MORÆS

EDITORES

Exclusivo

A AUSTRÁLIA TRABALHISTA-1

O Conselho Ecuménico das Igrejas enviou de Genebra, em 3 de Maio, ao Governo neo zelandês, uma mensagem condenando as experiências nucleares francesas no Pacífico, e considerando «legítimo» o «protesto» contra a persistente hegemonia nesta parte do mundo». «A superioridade física não justifica a irresponsabilidade internacional», acrescenta o C.E.I. Por outro lado, as ilhas Fiji vão nomear um advogado na Haia para apoiar os esforços dos Governos de Wellington e de Camberra perante o Tribunal Internacional. A revista americana «Business Week» escreve que a Austrália vai provavel-

mente decidir o que lhe será prejudicial representações económicas contra a França. O sr. Wittam, primeiro ministro do Governo de Camberra, havia já dado a conhecer o seu ponto de vista sobre a questão ao jornal «Le Monde». Jacques Decornoy analisa, numa série de artigos de que este é o primeiro, a nova situação criada neste país imenso pela aplicação de uma política trabalhista. A Austrália sai efectivamente de uma longa cura do sono após ter sido dirigida durante vinte e três anos por Governos conservadores.

A TIRANIA DA DISTÂNCIA

DARWIN É grande, é imenso. Não tem fim. Esqueçamos as viagens de automóvel, de autocarro e de comboio. As próprias deslocações por avião são intermináveis. Os voos são incessantes, e como a rendabilidade, mais do que a qualidade de vida, dita os horários, não devemos ficar surpreendidos se determinada partida se efectuar às duas horas da manhã. Eis um continente onde se tem a impressão de jamais se chegar ao destino, onde cada paragem parece ser apenas uma escala e onde o fim parece afastar-se à medida que dele nos aproximamos: é sempre preciso apanhar mais um avião.

As linhas regulares quadruplicam o território sem o cobrirem inteiramente. Entre cada ponto servido, as distâncias são frequentemente grandes e, para se chegar a determinada herdade ou missão religiosa, é preciso alugar um motor ou um helicóptero. É assim que muitos médicos e dentistas trabalham ou que pastores vão visitar as suas ovelhas: a rádio estabelece o contacto e o avião descola. À noite, nos «pubs» das pequenas cidades costeiras, tal como a cerveja, correm em torrentes as histórias tendo como tema a vida no interior, as via-



gens, as deslocações e as condições meteorológicas: a distância é o denominador comum. Faz parte da vida quotidiana e determina-a em larga medida.

A distância moldou igualmente a história deste país, explicando muitos dos problemas contemporâneos. «A Tirania da distância» ... tal é o título de um interessante livro de Geoffrey Blainey (1). A Austrália, a Austrália branca, europeia, capitalista ... nasceu longe de

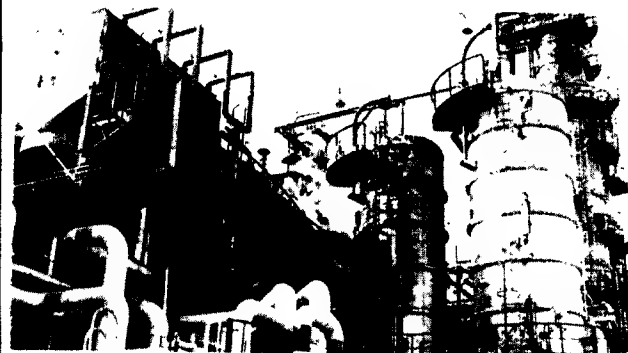
tudo, isto é longe de tudo aquilo que «contava» quando os primeiros britânicos pisaram o seu solo: condenados de direito comum, os seus guardas e funcionários. Isso passou-se em 1788. Nessa altura, o mundo parava nas fronteiras do universo dos Brancos, e, por definição, os habitantes locais, os aborígenes, deviam ser totalmente excluídos dele. Não existiam. A nova Austrália nascia, muito perto, é certo, da Indonésia, não longe do Sude-

te da Ásia e da Ásia continental, mas não podia ter vizinhos pois os seus vizinhos eram outros, cultural e racialmente. Este é ainda um dos principais problemas que tem de resolver. Não bastará substituir o «God Save The Queen» por um hino nacional para o solucionar.

Inúmeros banqueiros, missões económicas, técnicos e especialistas visitam o país que é voltado, explorado, para não dizer pilhado pelas firmas multinacionais, à medida que nele se vão descobrindo riquezas incalculáveis. Todavia, os australianos encontram-se psicologicamente afastados do seu próprio continente e do mundo exterior. Encontram-se acantonados, numa percentagem de cerca de 70 por cento, em duas cidades (Sydney e Melbourne) e de 90 por cento no conjunto dos centros urbanos da franja sudoeste da Austrália. Amontoam-se ao longo desta costa em forma de boomerang. Do alto do quadragésimo sétimo andar de um arranha-céus de Sydney, é impossível ver o fim destes extraordinários subúrbios. É o reinado do pavilhão moderno e funcional, do automóvel, do cabelo, da classe média é apulenta, que enche o coração das cidades de manhã, o deixa vazio às 17 horas, e se aglutina du-

Continua na página quatro

A INFLUÊNCIA SAUDITA



Graças aos seus fabulosos recursos petrolíferos, às suas possibilidades financeiras, à irradiação espiritual do seu soberano — guarda dos lugares santos de Meca — a Arábia Saudita não deixou ainda de aumentar, sobretudo depois da Guerra dos Seis Dias, a sua influência no Próximo Oriente. A derrota do nasserismo e, de uma maneira mais geral, do nacionalismo árabe militante, os subsídios que o Governo de Riad proporciona aos Estados progressistas vencidos — o Egipto e a Síria — contribuíram para fazer do rei Façal uma personalidade dominante na região, às vezes até o árbitro da situação.

O conflito com Israel figura na ordem do dia das conversações franco-sauditas. Não é duvidoso que o soberano wahabita abordará em especial o problema de Jerusalém, ao qual é particularmente sensível. A restituição, pelo Estado judeu, dos lugares santos muçulmanos à soberania árabe continua a ser, para ele, a condição «sine qua non» de todo o acordo, e não deixará de convidar o Governo francês a apoiar a sua posição com uma crescente firmeza. De uma maneira mais geral, Riad inquieta-se com a evolução no Próximo Oriente, com o impasse persistente que poderia levar, se não a um novo conflito, pelo menos às explosões de violência de que a Arábia Saudita seria a primeira a sofrer as consequências. Os responsáveis sauditas acreditam e receiam, com efeito, que os «fedayin», acossados nos seus últimos redutos, não tenham recurso sistematicamente à sabotagem das instalações petrolíferas. A algumas semanas do debate que deve realizar-se no Conselho de Segurança sobre o contencioso israelo-árabe, não é de excluir que o soberano procure obter elementos precisos sobre a posição que o Governo francês tem intenção de adoptar.

Tudo parece indicar que o rei Façal receberá a este respeito garantias satisfatórias. Aliás, já o mês passado a delegação francesa ao Conselho de Segurança havia dado o tom a uma vigorosa denúncia da «política de força» praticada por Israel contra os seus vizinhos. Em Paris, tanto como em Riad, os responsáveis temem os efeitos, a curto ou a médio prazo, do conflito palestino, e anseiam por um acordo que poria fim às ameaças que pesam sobre o aprovisionamento energético da Europa.

No domínio das relações bilaterais, Paris desejaria consolidar as suas relações com um país que encerra metade dos recursos petrolíferos do Próximo Oriente e que é, além disso, o primeiro fornecedor da França em hidrocarbonetos. A Arábia Saudita é, também, o Estado mais rico da região, que consagra uma boa parte dos seus rendimentos — cerca de 15 biliões de francos por ano — ao seu desenvolvimento económico. A indústria francesa poderia estar associada a numerosos projectos rentáveis, entre os quais um importante complexo petroquímico a construir. A evolução das trocas comerciais entre os dois países durante estes últimos anos, autoriza a manter esperanças: o valor das exportações francesas decuplicou desde 1964, sem contar com as vendas de armamentos, cujos montantes são mantidos secretos. Novos contratos poderiam ser concluídos no decurso da visita do rei Façal, que consideraria igualmente a compra de aparelhos Concorde.

No entanto, a amplitude que tomará a cooperação franco-saudita não depende unicamente da boa vontade das duas partes. Com efeito, o reino wahabita continua a ser, se não uma reserva de caça, pelo menos um parceiro privilegiado dos Estados Unidos, e, em certa medida, da Grã-Bretanha. E, se não é necessária desde logo manter, quanto ao imediato, exageradas esperanças, não se pode excluir, a prazo mais longo, acontecimentos que derivarão tanto da evolução do conflito do Próximo Oriente como da atitude que vierem a adoptar as grandes potências relativamente à causa árabe.



Um aspecto de Sidney, a maior cidade da Austrália

ISRAEL
25
ANOS

2

A declaração Balfour de 2 de Novembro de 1917, que prometia aos judeus uma «pátria nacional» na Palestina, foi acolhida com entusiasmo pelos sionistas. Eles não podiam suspeitar sequer o que estava dissimulado por detrás desta iniciativa, na aparência generosa, de inconsequência e de pensamentos reservados. E, no entanto, é o próprio autor da de-

UM ESTADO TRÊS VEZES
VITORIOSO

claração, lorde Balfour, que, num memorando de Agosto de 1919, que, evidentemente não se destinava a publicação, escrevia nos seguintes termos: «No que diz respeito à Palestina, as grandes potências não fizeram nenhuma análise da situação que não seja reconhecida como falsa, e nenhuma declaração política que não tenham tido a constante intenção de violar, pelo menos na letra».

Com efeito, o desejo de pregar uma partida às reivindicações da França, perfeitamente disposta a levar por diante o seu papel de protectora dos cristãos do Levante para reivindicar a Terra Santa, não era estranha à ligação de Londres com as teses sionistas. E, sobretudo, os ingleses haviam deixado totalmente de informar das suas intenções Hussein Ibn Ali, xerife de Meca, ao qual tinham prometido um vasto império para o convencer a sublevar os árabes contra a Turquia. O xerife era um homem de grande envergadura moral, a cem léguas de distância das práticas cínicas das grandes potências. Desiludido das ilusões complacentemente mantidas pelos britânicos, teve de renunciar ao belo título de «rei dos árabes» para se contentar com o trono de Hedjaz, no Noroeste da Península Arábica.

Seu filho Feiçal tinha sido proclamado rei da Síria, com o apoio dos ingleses, porém, os franceses de Gouraud expulsaram-no de Damasco, em 1920, e ele achou-se rei do Iraque, enquanto que seu irmão Abdaah se tornava emir de uma Transjordânia criada inteiramente.

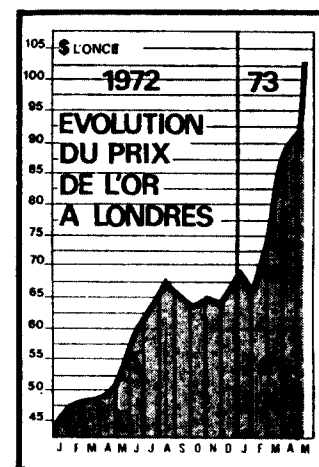
Um pouco mais de lealdade teria permitido, talvez, evitar o

rentesco de raça e os antigos laços existentes entre os árabes e o povo judeu», e prevenindo uma estreita cooperação entre o Estado árabe de que ele teria tomado a chefia e uma Palestina aonde a emigração dos judeus seria encorajada.

Porém, ele incluía ali, como condição, à execução das promessas feitas a seu pai: «Não podemos aceitar dizer que ele se apartados como gado». Churchill declarou bem, em 1922, nos Comuns, em nome do governo britânico, que este entendia manter escrupulosamente as promessas feitas aos árabes, e que não havia nenhuma intenção de fazer da Palestina, da qual a Sociedade das Nações acabara de lhe confiar o mandato, um Estado judeu. Porém, o único resultado foi o de descontentar os sionistas, sem que, por isso, fosse vencida a desconfiança dos árabes. Os choques multiplicaram-se entre as duas comunidades. Em breve, os judeus criaram, para proteger as suas colónias agrícolas, um exército clandestino, a Hagannah.

OLIVRO BRANCO
DE 1939

A insegurança reinante na Palestina não desencoraja os



desastre que devia seguir-se. Feiçal simpatizava com o sionismo. Concluiu com Weizmann, a 3 de Janeiro de 1919, um acordo, exaltando «o pa-

compre na BAIXA
compre melhor

modas e confecções



PRONTO A VESTIR
MALHAS PARA
SENHORA e HOMEM

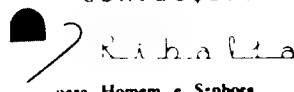
Rua dos Fanqueiros, 261
Tel. 36-12 54

MODAS

Gama

RUA DOS FANQUEIROS,
141-143 — Lisboa-2
Telef. 32 78 26

CONFECCOES



para Homem e Senhora
LANIFÍCIOS NOVIDADES
Tel. 87 42 53
Rua dos Fanqueiros, 199

ALCATIFAS

DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS

Rua Augusta, 84 — T. 323637

GALERIA

SÃO DOMINGOS
T. NOVA S. DOMINGOS
30-32



CAMISEIROS
CHAFELEIROS
PRONTO
A VESTIR

Rua Aurea, 287
Telefs. 389153/3221122

artigos diversos



SEDE:
RUA DA PRATA 141-143
TELEFONE 32 81 86
LISBOA



ARTIGOS PARA DES-
PORTOS, CAMPO
F. PRAIA
47, RUA NOVA DO AL-
MADA, 49
Telef. 32 60 46 - 32 77 68



Fabricantes e editores
VALENTIM DE
CARVALHO, CI SARL

A G O R A

NO SEU NOVO
ESTABELECIMENTO
NA RUA DA MADALENA, 115
c. móveis e decoração
GRANDES LIQUIDAÇÕES
DE ELECTRODOMÉSTICOS
DURANTE AS FÉRIAS

Alcatifas - Papéis Pintados - Tecidos

TODAS AS MARCAS
AOS MELHORES
PREÇOS
AS MAIS LINDAS
COLEÇÕES
COLOCAÇÕES RA-
PIDAS E PERFEITAS
O MAIOR
SORTIDO
DO PAÍS
PESSOAL COMPETENTE PARA TODAS AS COLOCAÇÕES
MAFRAS & CANEÇAS, LDA.
Rua da Prata, 167 — Rua dos Correiros, 106 — Telef. 36 62 55

J. GOMES DOS SANTOS, LDA.

MODAS PARA HOMEM
ALFAIATARIA * PRONTO A VESTIR
CAMISARIA * NOVIDADES
Praça dos Restauradores, 70 — Tel. 323812 e 327362



discooteca universal lda.
rua do carmo 51-c
telef. - 34726 - 324963
lisboa

Companhia Portuguesa
Rádio Marconi

Concessionária Nacional de Telecomunicações
Via Rádio e Cabos Submarinos

SERVIÇO TELEX
AUTOMÁTICO COM O LÍBANO

Comunica-se que, a partir do dia 1 de Junho próximo, o serviço telex para o Líbano passa a efectuar-se em regime inteiramente automático (assinante a assinante), mediante a marcação do prefixo 494 seguido do número do posto telex de destino.

INFORMAÇÕES

LISBOA

Rua de São Julião, 127
Telef. 35551/2

PORTO

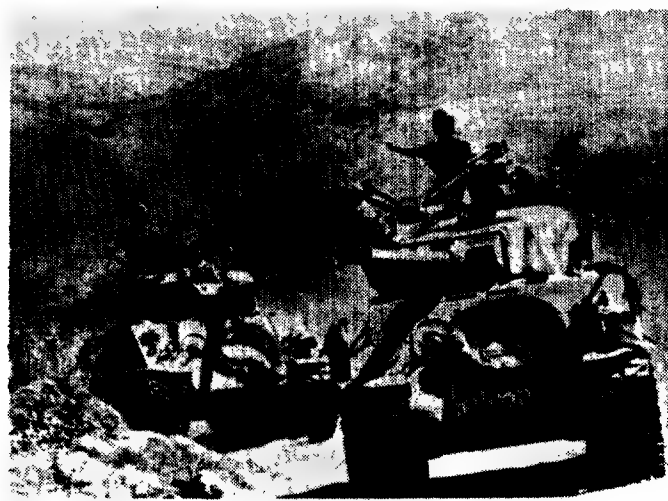
Praça Almeida Garrett, 27
Telef. 25680

FUNCHAL

Avenida Arriaga, 7-9
Telef. 20011/2

PONTA DELGADA

Rua Açoriano Oriental, 39-A
Telef. 26333/5



candidatos à imigração, da qual a Agência Judaica, fundada em Zurique em 1929 por Weizmann, a quem sucederá mais tarde Ben Gurion, organiza o deslocamento e estabelecimento. Porém, nessa época, a grande maioria de Diáspora continua estranha ao movimento.

A chegada do nazismo e o seu anunciado anti-semitismo depressa levam a um aumento de vontade de partir para a terra de «Eretz». De menos de cem mil em 1922, os judeus eram mais de quatrocentos mil em 1937. No ano anterior, tinha-se constituído uma alta comissão árabe para se opor ao prosseguimento da imigração. Perante o agravamento das dificuldades, Londres decidiu-se à partilha do país em dois Estados: um árabe, o outro judeu. Os árabes disseram não, os sionistas dividiram-se. O plano foi abandonado. Em 17 de Maio de 1939, o governo de Sua Magestade Britânica publicava um Livro Branco, limitando a partir de então a setenta e cinco mil pessoas por ano uma imigração tornada responsável, pelo seu «excesso», pelas desordens que ensanguentavam a Palestina. Na aplicação deste plano, as tropas inglesas, insensíveis à perseguição que se tinha abatido so-

bre os judeus da Europa ocupada, bem como à participação na guerra de milhares de voluntários, combatendo sob a bandeira marcada pela estrela de David, mandavam retroceder os navios de imigrantes clandestinos. Centenas de infelizes morreram afogados.

Este drama reforçou a convicção de numerosos judeus de que tinham de contar apenas consigo. Mesmo no meio do cataclismo que tinha tingido o seu povo, tiveram a revelação daquilo a que pode levar a resolução. Em Varsóvia, em 1943, o «ghetto» havia conseguido sublevar-se contra os nazistas, e manter em cheque, durante dias e dias, um adversário sem escrúpulos, e dispondo de meios esmagadores.

Uma vez a Alemanha nazi por terra, era a Inglaterra que se tornava o principal inimigo, pois, tinha fechado a porta da pátria sionista. A Haganah fez-se a vida dura para proteger a imigração clandestina, que dispunha de numerosos apoios na Europa libertada, revoltada pela revelação de genocídio hitleriano e pelo farisaísmo britânico.

Golpes espectaculares, como a destruição do seu quartel-general no Hotel King David, foram desferidos no exército inglês, tanto pela Haganah

como pelos terroristas do Igrun e do grupo Stern. Londres replicou com medidas de repressão que arrastaram represálias não menos brutais. Fartos da guerra, e tendo os judeus recusado participar numa «mesa redonda» destinada a encontrar um novo estatuto, o governo trabalhista de Clement Attlee informou as Nações Unidas acerca do seu desejo de renunciar ao mandato que lhe havia sido confiado sobre a Palestina. Em 30 de Novembro de 1947, a Assembleia Geral pronunciou-se por uma divisão da Palestina em dois Estados: um judeu, um árabe, devendo Jerusalém e Belém ser internacionalizadas. A proposta foi aprovada por 33 votos contra 0 (os Estados muçulmanos, a Grécia e Cuba), com 10 abstenções, entre as quais as da Grã-Bretanha, China e Jugoslávia. A U. R. S. S. e os Estados Unidos, que, em qualquer outro campo, se entregavam a uma luta encarniçada, ainda, em Moscovo, a Inglaterra como o modelo do imperialismo, e os Estados ára-

bes como criaturas suas.

Não se tratava de um ponto de vista completamente imaginário. A fundação da Liga Árabe, em 1942, era devida a uma iniciativa de Nahas Pachá, primeiro ministro que Londres havia imposto pela força ao rei Faruk Abdallah, da Transjordânia, e Noury Saïd, o ditador do Iraque, eram desde sempre homens da Inglaterra. Efectivamente, a primeira decisão desta, uma vez renunciado o mandato sobre a Palestina, foi reforçar o potencial militar dos árabes, cuja formação mais moderna, a Legião Árabe, era comandada por um britânico, o famoso Glubb Pachá. Ela bem esperava que eles impusessem aos sionistas uma solução que assegurasse a manutenção duradoura da sua influência numa região vital pelas suas comunicações e, mais ainda, para seu provisionamento de petróleo.

O anúncio do fim do mandato tivera como consequência um redobramento da violência. Só no dia de Natal de 1947,

contaram-se nos dois campos mais de cem mortos. Em 19 de Março de 1948, os Estados Unidos propõem transferir provisoriamente a administração da Palestina para o Conselho das Tutelas, encarregado de governar, aguardando o seu acesso à independência, as antigas colónias alemãs, italianas e japonesas. De facto, o Pentágono e o Departamento de Estado tinham finalmente conseguido fazer prevalecer o seu ponto de vista hostil à criação de um Estado judeu (que receavam atirasse os árabes — e os seus petróleos — para os braços dos soviéticos) contra Truman.

Mas, esta sugestão, denunciada com vigor por Gromyko, não foi considerada.

Em 4 de Maio de 1948, algumas horas da expiração do

mandato, David Ben Gurion, chefe do executivo da Agência Judaica, proclamou, em Tel-Aviv, a independência do Estado de Israel. Este foi reconhecido de facto onze minutos mais tarde pelos Estados Unidos. A U.R.S.S. esperou três dias, porém, o seu reconhecimento teve um alcance ainda mais retumbante: em primeiro lugar, porque se alargava ao direito e não apenas ao facto, e, depois, porque tinha lugar no momento em que, a partir de 15 de Maio, os exércitos egípcios, iraquianos, transjordanos, sírios e libaneses estavam na Palestina.

Londres acabou por retirar as suas baterias, fazendo bloquear, pela sua frota, as costas da Palestina. Os Estados Unidos, decidindo, mais hipocritamente, estabelecerem o embargo às armas destinadas aos dois campos, cuja desigualdade de equipamento era patente, não suspeitavam que um dia os árabes apresentariam Israel

Continua na página seis

da GAMA

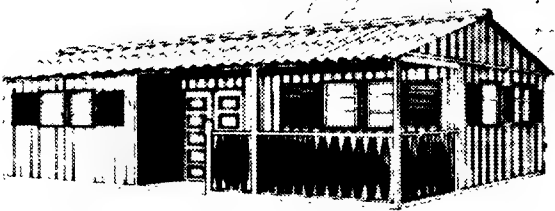
o requinte da cerveja em lata...

mais moderna,
mais cómoda,
mais fácil de abrir

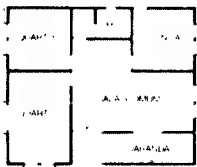
da GAMA a cerveja com todas as comodidades.



este ano, tenha
a sua casa
de férias!
decida-se já.



A casa que Você sempre desejou ter. Com o número de divisões necessárias. Agradável, espaçosa. Onde Você se sente bem. Na praia ou no campo. Construída com painéis tipo, a casa pré-fabricada Soprem é feita de madeira premunizada o que a torna extraordinariamente resistente: à podridão, ao caruncho, à formiga branca. Tem um ótimo isolamento ao calor e ao frio. E repare, é fácil de montar. E o preço total é muito baixo. E a conservação mínima. E a duração, de uma longa vida!

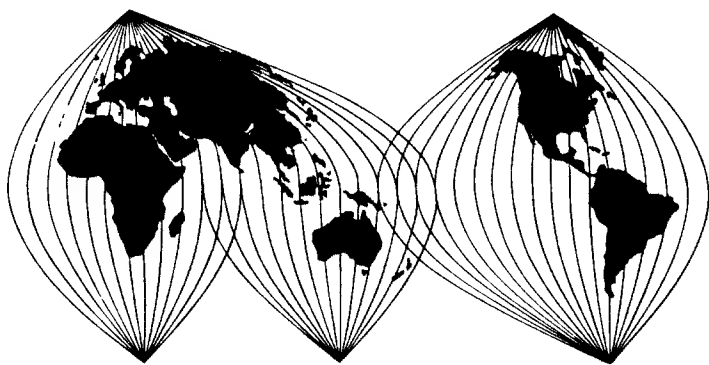


**casas pré-fabricadas
de madeira premunizada**



SOPREM
SOC. DE PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS, S.A.R.L.
Escritórios Centrais. Rua Damasceno Monteiro, 42
Apartado 1390 — Telefone 87 41 11/9
Dependência. Av. António A de Aguiar, 165, r/c-D
Telefone 53 99 41/2/3/4
PORTO Rua Almirante Leote Rego, 228 — Telefone 48 63 81

um produto da
Companhia União Fabril Portuense



A AUSTRÁLIA TRABALHISTA-1

Continua, na página um

rante as férias nalgumas praias. É esse mundo que dá o tom, e não o das minas e dos campos, a despeito dos seus cento e oitenta milhões de carneiros e dos seus vinte e um milhões de bovinos aproximadamente.

Os velhos mitos sociais fundiram como neve durante os dois últimos decénios: houve um tempo em que dominava o vocabulário e no sonho o homem (sempre o homem) do «bush», deste «hinterland» sem fim que pode verdejar numa extensão de 2 000 quilómetros ou perecer de solidão, destas vastidões de selvagens, ou de verdadeiro deserto de lagos salgados. Esta sociedade de homens produziu o «mateship», a companhia de «mates», isto é de «camaradas», desapareceu, senão nas localidades perdidas ao longo das pistas ocre, pelo menos a nível nacional.

Também a mentalidade proletária desapareceu em grande parte: é certo que houve períodos «duros» (sobretudo no fim do século dezanove), mas não marcaram um número suficiente de pessoas para darem origem a uma memória operária colectiva tal como a conhecemos. Quando a indústria invadiu verdadeiramente a Austrália, após a Segunda Guerra Mundial, o país entrava firmemente no mundo do capitalismo moderno, o qual, aqui, se pôs a «consumir» imigrantes frequentemente originários das margens do Mediterrâneo, mais sedentos de dinheiro e de bem-estar imediato do que preocupados em pôr em causa esta sociedade de tipo anglo-saxónico. Simultaneamente, a indústria produzia uma multidão de empregados, dirigentes, investigadores, vendedores, técnicos, em resumo «colarinhos brancos».

Onde vive esta população? Em Camberra, é certo, mas a capital administrativa não tenta mais as mentalidades do que Bonn no caso da Alemanha Federal. É a Sydney e a Melbourne que é preciso ir para ver viver esta população, a qual, concentrada no seu longínquo Sul, não se mostra muito disposta a olhar na direcção do setentrão asiático. É em Darwin, banhada pelo mar de Timor, que encontramos um pouco do ar do sudoeste da Ásia. Mas é sobretudo devido ao clima que, embora aí modele um tanto as atitudes, não modifica fundamentalmente a maneira de pensar e de viver: esta cidade respira o «colarinho branco», o «funcionário» bem pago.

O SENTIDO DESTA IMENSIDADE

De conversas com australianos de meios muito diferentes e de discussões com sociólogos, resulta que, embora as classes sociais existam efectivamente, não são sentidas como tais pela maioria das pessoas: não há qualquer situação de conflito importante. O poder económico está, todavia, nas mãos de uma pequena minoria ou ainda de empresas cujo

centro é em Nova York, Tóquio ou Londres. «Mas a classe média e os operários não vêem pura e simplesmente a classe dominante que se situa fora do seu universo mental», diz-nos um sociólogo. «Somos a sociedade mais igualitária que existe», afirmaram-nos vários funcionários governamentais, membros do Partido Trabalhista, pouco preocupados com as matizes.

Para dizer a verdade, a característica essencial do último decénio foi a rápida subida da civilização das grandes superfícies e do conforto suburbano. Os núcleos de pobreza, facto de os empregados e os operários não terem estritamente qualquer poder de decisão não pedem tanto, tudo isso é «esquecido». Como poderia ser doutro modo, nesta sociedade conservadora, quando muitos trabalhadores beneficiam já da semana de trinta e cinco horas? Nestas condições, muito pouco numerosos são os que dão importância ao facto de, em dez anos, o número de suicídios ter triplicado na região de Melbourne (2).

Comprimidos uns contra os outros num lenço de algibeira colocado a um canto do seu continente, os australianos dão contudo a impressão de experimentar inconscientemente a necessidade de se definirem, mas parecem longe de ter a resposta: ainda a distância... Falam frequentemente da «Austrália», como se esta palavra devesse ser explicada, como se fosse preciso compreender o sentido desta imensidade plana que sob eles desfila quando voam de Perth a Darwin ou de Darwin a Brisbane ou a Adelaide.

A Austrália tem sido muitas vezes explicada de maneira negativa no decurso dos seus dois seculozinhos de história «branca». Situou-se em relação a Londres. Como penitenciária primeiro e, depois, como parceiro comercial (a baleia, a lã e o ouro no século dezanove). Precisava, aparentemente, de depender de alguém: a Grã-Bretanha, até ao fim da Segunda Guerra Mundial e, em seguida, os Estados Unidos.

«Nada sabíamos do Vietname», explica um professor universitário. Enviámos tropas para esse país, não para ajudar o regime de Saigão, mas sim para agradar aos americanos». Dependendo de terras muito longínquas, a Austrália copiou naturalmente as suas civilizações continuando afastada de tudo aquilo que aí verdadeiramente se criava. Em meados do século dezanove, o telégrafo transmitia de Londres as encomendas de lã, mas não as últimas ideias nem os últimos livros. Se acrescentarmos a isso o pequeno número dos habitantes (cerca de três milhões na volta do século) vivendo desde as origens num «ghetto» urbano do Sul, não nos surpreenderemos que este povo branco e progressivamente enriquecido, que dependia a tal ponto de decisões externas, jamais tenha estabelecido com

a Ásia relações que não fossem de carácter proteccionista. A distância cultural, acrescentou mesmo a distância do medo.

No século dezanove, a mão-de-obra chinesa foi rejeitada depois de ter servido muito, e a Austrália delirou não foi a única em nome do mito do perigo amarelo. A subida do Japão e a vitória de Porto Artur, em 1905, não melhoraram as coisas. O mesmo aconteceu seguidamente com os progressos da revolução chinesa e a expansão nipónica. Nestas condições, a Ásia na medida em que bulia devia ser submetida à lei e à ordem, de acordo com as decisões de Paris, Londres e Washington. A Coreia proporcionou a oportunidade, seguindo-se a guerrilha da Malásia e o conflito do Vietname! Camberra nada tinha em comum com Pequim nem com os países subdesenvolvidos do sudeste de Ásia. Em contrapartida, o Japão, que, durante a Segunda Guerra Mundial, tinha «empurrado» alguns aviões até às costas australianas, suscitava, uma vez terminadas as suas loucuras militares, menos problemas: industrializado, moderno, capitalista, não faria ele, ao fim e ao cabo, parte do Ocidente, importando matérias primas e vendendo automóveis e aparelhos de televisão?

«Somos o povo mais ignorante da terra», diz um colega australiano. Deixamos-lhe a responsabilidade deste julgamento severo. É, em todo o caso, um facto que estas «ilhas» na ilha que as grandes cidades do país constituem permanecem inteiramente nos «antipodas». Para dizer a verdade, não têm outra solução que não seja a de aí permanecerem, a menos que se disponham a ex-



perimentar violentas perturbações. Mas o mundo evolui à sua volta. Na vestidão cada vez maior dos pavilhões dos «suburbs», são, muito poucos os que têm consciência do facto: o habitante dos subúrbios, isto é, quase toda a gente, «faz» dinheiro e reembolsa os seus empréstimos. No cume, porém, algo acaba de bulir. A equipa trabalhista reunida em redor do sr. Gough Whitlam, a qual tomou as rédeas do Poder em Dezembro de 1972, não deve certamente a sua vitória



A ponte principal da cidade de Sidney

à concepção que tem do futuro desta região. Contudo, lança ideias novas, simultaneamente frutuosas e limitadas. Pode-se edificar pontes entre os dois continentes o australiano e o asiático, mas o fosso entre os dois mundos é tão grande

a pele dos aborígenes, é talvez um bom augúrio. O ressurgimento do «selvagem» vem lembrar que a primeira distância a vencer não separa Camberra de Phnom Penh ou de Pequim, mas sim o habitante cristão dos subúrbios, com piscina e automóvel, do primeiro proprietário desta terra subitamente saída do nada onde o homem branco o havia submergido e que, por jamais se ter defendido, não teve a «sorte» de se tornar, tal como o seu irmão índio da América, o herói negativo de romances ou de filmes.

Todavia, sejam quais forem as novas tentativas para se libertar das antigas dependências, sejam quais forem os esforços para compreender um passado que pertence só aos negros, a Austrália, admittem-nos todos os comentadores sérios, não pode tomar isoladamente os comandos do navio; quando muito, pode ter a esperança de evitar os recifes maiores. Os interesses britânicos no país continuam a ser muito importantes, mas sobretudo a enorme presença do capital americano e os laços cada vez mais vastos com a economia japonesa não permitem mais do que uma autonomia relativa. É certo que o poder da burguesia nacional se encontra muito concentrado, mas está longe de ser dominante. Em virtude das interpenetrações financeiras com as firmas estrangeiras, não pode tomar qualquer decisão importante. O poder político tem aliás consciência desta situação contra a qual não po-

deria levar a efeito qualquer acção importante ainda que o desejasse.

A Austrália encontra-se inextricavelmente presa nesta rede de malhas apertadas que se estende da América à Europa, passando pelo Japão. As antigas distâncias foram vencidas: os «jets» voam de Sydney a Darwin e, através de uma mensagem que o telex transmite no espaço dalguns segundos, os australianos ficam a saber que o consórcio estrangeiro que projectava construir uma grande fábrica de aço alterou subitamente os seus planos. Compreende-se por que razão, nestas condições, são em grande número os australianos que falam do seu país, pois experimentam por vezes uma certa dificuldade em situá-lo. O poeta Geoffrey Dutton pedia, numa página muito bela e violenta, que este «povo de bebés crescidos» cortasse «o cordão umbilical sagrado». O escritor Brian Penton intitulou assim um artigo: «Avança, Austrália».

Em que direcção? (3) Este grito e esta pergunta dramática resumem bem a situação. Não se trata apenas de tirania da distância, mas também de uma crise de identidade.

Jacques Decornoy

(1) Geoffrey Blainey, *The tyranny of distance* (Sun Books, Melbourne).

(2) Foi publicado um interessante estudo sobre a vida num subúrbio moderno. Trata-se de *An Australian newton*, por Lois Bryson e Faith Thompson (Penguin Books). De assinalar também a interessante obra *Profil of Aus-*

O RESSURGIMENTO DA HISTÓRIA NEGRA

Por outro lado, o facto de a Austrália estar a descobrir, às apalpadelas, que a sua própria história não é branca mas sim negra, como negra é

O RISCO DA EXPROPRIAÇÃO DAS EMPRESAS ESTRANGEIRAS

WASHINGTON Embora os homens de negócio americanos procurem, com o apoio governamental, expandir as suas actividades no estrangeiro, correm permanentemente o risco de uma expropriação que, só no ano fiscal de 1972, incidiu sobre bens americanos avaliados em 300 milhões de dólares.

No decurso dos últimos quatro anos, de acordo com um estudo realizado pelo Departamento de Estado norte-americano, 34 países da América Latina, África e Ásia adoptaram diversas medidas no sentido de confiscarem ou porem termo a actividades controladas pelos americanos avaliadas em mais de mil milhões de dólares — cerca de 6 por cento do investimento americano nas economias das nações em vias de desenvolvimento.

O estudo refere-se a 64 confiscos governamentais de bens nos quais firmas dos Estados Unidos tinham interesses durante os dois anos que terminaram em 30 de Junho de 1971. Isto representa quase cinco vezes a taxa dos oito anos precedentes que firmaram 5 expropriações, e a tendência foi suficientemente perturbadora para a administração americana recorrer a contramanobras substanciais.

As confiscações de bens estrangeiros acompanham frequentemente o crescimento do nacionalismo económico no mundo em desenvolvimento. Esta política resulta do desejo de diminuir a dependência das empresas estrangeiras que dão a impressão de estarem a exportar os lucros provenientes do petróleo, minas e plantações dos monopólios dos telefones e da energia, dos bancos e companhias de seguros pertencentes a capital estrangeiro.

No clima de ressentimento contra o capital estrangeiro, as expropriações traduzem-se em ganhos de carácter político, mesmo que sejam um processo dispendioso. Se o Estado expropriador concorda com uma compensação razoável, assume compromissos dispendiosos. Se tenta evitar os pagamentos faz com que as empresas estrangeiras hesitem em

fazer outros investimentos e dar a assistência técnica de que provavelmente necessitará para o seu desenvolvimento.

Uma lição objectiva de como proteger um investimento no estrangeiro da expropriação está a ser aprendida como resultado do inquérito do Senado americano às manobras da International Telephone and Telegraph Corporation no sentido de impedir que o marxista Salvador Allende fosse eleito para a presidência do Chile em 1970.

A ITT estava atenta quando Allende declarou, durante a sua campanha que tencionava nacionalizar as empresas estrangeiras, devendo a compensação ser negociada mais tarde. Um alvo evidente era a Chilean Telephone Co., empresa avaliada em 08,5 milhões de dólares e controlada por uma subsidiária da ITT. Esta preparou-se para a luta.

Documentos existentes nos arquivos da Subcomissão das Relações Estrangeiras do Senado que se ocupa das empresas multinacionais mostram que a ITT considerou diversos expedientes para impedir a eleição de Allende, e posteriormente, desacreditar a sua política depois de ele ter tomado posse do cargo. Aparentemente, tais expedientes nunca chegaram a ser postos em prática, mas nem por isso deixaram de ser amplamente divulgados na América Latina. A empresa dos telefones foi expropriada em 1971, não se tendo chegado a um acordo quanto a compensações.

O governo de Allende expropriou 16 empresas controladas pelos Estados Unidos e avaliadas em cerca de 700 milhões de dólares. A série de confiscos não tinha paralelo desde 1959, quando a nacionalização por Cuba dos bens americanos resultou em 5.800 reclamações de compensação no total de mais de mil milhões de dólares — nenhuma das quais foi atendida até agora.

A mais importante das confiscações chilenas diz respeito a cinco empresas de mineração de cobre, e os acordos de compensação encontram-se em diversas fases de negociação. Devido às revelações da Subcomissão senatorial, cre-se que os casos do cobre serão resolvidos muito antes de o Chile concordar com uma compensação à ITT.

O aumento do número de expropriações levou o Presidente Nixon a fazer uma declaração em Janeiro de 1972, em que definia formalmente a posição do governo e anunciava medidas destinadas a atenuar o problema.

Ao abrigo da lei internacional dizia-se na declaração os Estados Unidos esperam que os bens privados americanos não sejam expropriados em condições de discriminação contra as empresas americanas; que quaisquer expropriações sirvam um objectivo público e sejam acompanhadas de medidas razoáveis que conduzam a uma compensação adequada.

Na ausência destas medidas razoáveis, avisava o Presidente os Estados Unidos retirarão o auxílio bilateral a qualquer

nação que exproprie e opor-se-ão a empréstimos multinacionais a essa mesma nação.

A expropriação é considerada por alguns o salário da diplomacia do dólar; e, todavia, constitui um fenómeno relativamente moderno na zona das Caraíbas, que em tempos foi o principal teatro de exploração do capital americano.

A mais antiga das empresas que se dedicam a esta actividade era a United Fruit Company a qual tem sido o principal exportador de bananas das seis Repúblicas da América Central desde 1899. A United Fruit fez surgir plantações onde antes existiam mais de mil milhões de acres de selva, construiu caminhos de ferro e portos e, entretanto, foi conseguindo concessões e isenções fiscais que lhe conquistaram uma posição dominante sob o aspecto político e económico as seis Repúblicas.

Todavia a United Fruit apenas sofreu uma expropriação ao longo da sua história de 74 anos. Isso passou-se em 1954, quando 78.000 acres das suas propriedades na Guatemala foram confiscados pelo Presidente esquerdista Jacob Arbenz Guzman. O governo guatemalteco ofereceu obrigações a 25 anos no total de 525.000 dólares afirmando que era este o valor atribuído às terras. A United Fruit por seu turno avaliava as propriedades expropriadas em 5 milhões de dólares.

Antes de a disputa ser resolvida, o regime de Arbenz foi derrubado e substituído por um governo mais tolerante o qual devolveu as plantações à United Fruit. Na América Latina correu então com insistência que a United Fruit estivera por detrás do golpe de Estado, mas a responsabilidade da empresa americana jamais foi provada. A United Fruit entretanto, tem trabalhado intensamente no sentido de cooperar com os países das Caraíbas que são a fonte do seu abastecimento e dissipar a antiga imagem de pirataria.

As propriedades estrangeiras têm constituído os alvos preferidos dos governos revolucionários. Duas gerações antes das nacionalizações em massa de bens americanos levadas a efeito por Cuba o nascimento do Estado soviético deu origem a confiscos indiscriminados e anos de disputas por causa das compensações. A vitória comunista na China, em 1950, levou a confiscos de que resultaram 96 milhões de dólares de reclamações por parte de proprietários americanos. Agora que Washington e Pequim se falam novamente e possível que estas reclamações sejam finalmente atendidas.

Verificaram-se outras confiscos na Europa Oriental depois da Segunda Guerra Mundial. Estão ainda por solucionar 2.630 reclamações individuais totalizando 3 milhões de dólares só no caso da Checoslováquia. As negociações pararam em 1968, aquando da intervenção das forças soviéticas e do Pacto de Varsóvia. Os Estados Unidos venderam uma fábrica de aço propriedade de checos e utilizaram os 8,5 milhões de dólares resultantes da venda para reembolso parcial dos americanos vítimas de expropriações. Após longas negociações, chegou-se o ano passado a um acordo no sentido de indemnizar pelo montante de 20 milhões de dólares 153 reclamações individuais de americanos na Hungria, muito embora as mes-

mas totalizassem originalmente 58,2 milhões de dólares.

O costume, no caso de confiscos maciços, é apresentar protestos diplomáticos ao país em questão e bloquear todo o seu activo que se encontra ao alcance da jurisdição dos Estados Unidos, iniciando depois negociações quando a poeira assentar. O processo pode ser lento: cinco anos de conversações intermitentes com a Checoslováquia ainda não conduziram a um acordo, e ainda não chegou a altura de começar negociações com Cuba.

Durante a última metade de século, não houve qualquer outro recurso que desse origem a tantas disputas como o petróleo, o combustível cada vez mais essencial do mundo desenvolvido. As relações com o México foram afectadas em 1925, quando este país deu ordem às firmas americanas e britânicas para aceitarem contratos de arrendamento por 50 anos em troca dos seus títulos de propriedade de importantes reservas de petróleo. O México expropriou os jazigos em 1938, tendo sido precisos nove anos para se chegar a um acordo de indemnização de 75 milhões de dólares.

Mais frequentemente, o processo de nacionalização do petróleo conduz a acordos ao abrigo dos quais as empresas aceitam pagamentos ou continuam as suas actividades como sócios minoritários do governo em questão.

A Bolívia adquiriu o activo da Gulf Oil dentro das suas fronteiras, em 1970, pelo montante de 95 milhões de dólares em dinheiro e crédito; a Argélia, que conquistara havia pouco a sua independência,

decidiu nacionalizar entre 1967 e 1970 nove empresas petrolíferas americanas, pagando indemnizações mas permitindo que cinco delas prosseguissem as suas actividades ao abrigo de acordos de administração; o governo revolucionário do Uganda negociou participações de 49 por cento com nove firmas americanas, entre as quais se contam três empresas petrolíferas, quatro bancos e uma companhia de seguros.

Uma variante no processo de nacionalização surgiu no Quênia, país que parece mais interessado em construir a sua alavanca económica do que nas confiscos directas de empresas estrangeiras. Desejoso de encorajar o investimento estrangeiro, o governo queniano promoveu no sentido de adquirir uma participação nas firmas estrangeiras, mas decidiu não afastar as actuais gerências.

Os funcionários americanos creem que o conceito de empresa conjunta afectará cada vez mais novos investimentos no estrangeiro. Esperam que os acordos assegurando a participação dos governos interessados na gerência e nos lucros das firmas americanas que operam nos seus países ponham termo a algumas das pressões e irritações que conduziram no passado à nacionalização directa.

O mundo em vias de desenvolvimento, observam, tem ainda de descobrir um substituto do investimento estrangeiro para apoio dos melhoramentos potencialmente valiosos. Mas já lá vai o tempo em que o capital podia por si só garantir investimentos seguros e lucrativos no estrangeiro.

DON IRWIN

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 16
LISBOA

**AUMENTO DE CAPITAL
DE 13.500 PARA 54.000 CONTOS
POR INCORPORAÇÃO DE RESERVAS**

O aumento de capital será efectivado pela entrega, por cada acção actual, de 3 (três) acções mediante o pagamento do imposto de mais valias de 6\$75 por cada uma.

Os impressos a preencher para o efeito encontram-se à disposição dos Senhores Accionistas nos seguintes locais:

LISBOA — Sede da Companhia
PORTO — Aven. Fernão de Magalhães, 1181

Lisboa, 25 de Maio de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SENSACIONAL...

Enceradeira	1000\$00
Secadores Cabelo	1400\$00
Aspiradores	1200\$00
Frigoríficos Mol	1790\$00
Panelas Pressão	280\$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500\$00
Sofás Camas	1800\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

como criação e testa de ponte do imperialismo americano. De princípio, o combate parecia extraordinariamente desigual. Porém, a resolução das tropas

de Haganah, o seu treinamento, o auxílio que elas encontraram tanto na Diaspora como junto de certos governos, como os da U.R.S.S. e da França, permi-

ISRAEL TEM VINTE E CINCO ANOS

Continuação da página três

tiram-lhe alcançar numerosos êxitos.

A ONU designou um mediador na pessoa do conde Folke Bernadotte, presidente da Cruz Vermelha sueca, que viria a sucumbir, em 21 de Setembro de 1948, sob os golpes de um extremista judeu. Com o auxílio dos Estados Unidos e da U.R.S.S., conseguiu fazer aceitar uma trégua, e, depois, uma outra. Porém, a conferência de armistício reunida em Rodos,

desfez-se sem ter chegado a qualquer conclusão. E foi somente em 24 de Fevereiro de 1949, após rudes combates no deserto do Negueve, que Israel e o Egipto assinaram um armistício, seguido de acordos semelhantes com a Transjordânia, o Líbano e a Síria, mas não com o Iraque. As forças de ambos os campos retiraram-se para trás de uma linha de demarcação que seguiu a linha da frente de combate.

Em 27 de Abril as negociações começaram em Lausana, com vista à conclusão de um regulamento durável. Estas negociações terminaram dois meses mais tarde, por falta de acordo sobre o problema fun-

damental dos refugiados: centenas de milhares de árabes tinham deixado as suas casas no momento das operações, na crença, alimentada por relatos, num caso pelo menos, ai de mim! verídicos, de serem massacrados pelos judeus, e Israel recusava querer deixá-los regressar, quer indemnizá-los. Durante duas décadas, reunidos nos campos das Nações Unidas, esperaram, por seu turno, poder festejar o próximo ano em Jerusalém. O seu calvário, juntando-se à humilhação da derrota, alimentou o unânime rancor dos árabes perante o estabelecimento, numa terra que eles consideram como sua, aquilo que para eles

não passa de um corpo estranho espetado na sua carne por europeus bastantes satisfeitos por regularizarem à sua custa a dívida que haviam contraído para com o povo judeu.

O PAPEL DO EXÉRCITO

Foi há vinte e quatro anos, Israel conheceu, desde então, períodos de relativa segurança e outros de viva tensão que não conseguiu obter provisoriamente senão recorrendo por duas vezes, em 1956 e em 1967, à guerra relâmpago, e, por diversas vezes, operações de agressão. Em ambas vezes o êxito coroou as suas armas.

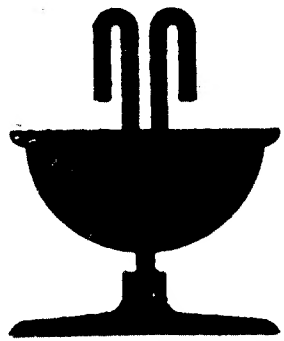
Continua na pag. oito

MAQUINAS DE LAVAR LOIÇA E ROUPA — FRIGORÍFICOS E APARELHOS DE ALTA FIDELIDADE,

A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA VISITE-NOS PARA ACREDITAR

BLOCO ELÉCTRICO

ESTR. POÇO DO CHÃO, 55 — TEL. 70 81 47



cuide de si enquanto goza as suas férias em

CALDELAS

FAMOSAS TERMAS HIDROLÓGICAS PARA O TRATAMENTO DAS DOENÇAS INTESTINAIS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA

GRANDE HOTEL DE CALDELAS

QUARTOS COM BANHO E TELEFONE * CAMPO DE TÊNIS * CAPELA VELA E MOTONÁUTICA NAS BARRAGENS * PISCINA, ETC

GRANDE HOTEL DE CALDELAS

PREÇOS ESPECIAIS DE 1 DE JUNHO A 15 DE JULHO

ABERTAS DE 1 DE JUNHO A 10 DE OUTUBRO

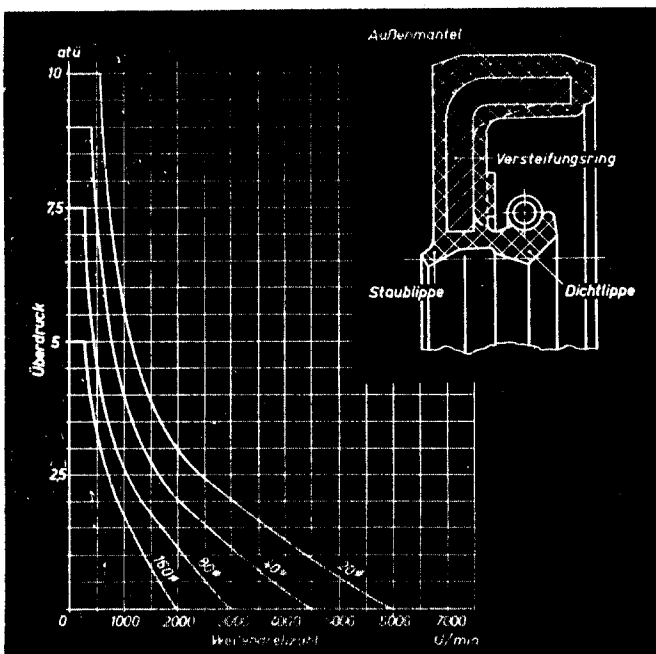
PARA VEIOS ROTATIVOS SOB PRESSÃO

SIMMERRING®

UM NOVO VEDANTE RADIAL TIPO BABSL

Especialmente indicado para

- bombas hidráulicas
- bombas de óleo (temperaturas elevadas)
- motores,
- acoplamentos,
- caixas de engrenagens e muitas outras aplicações.



Para informações técnicas sobre o novo vedante radial tipo BABSL

Nome.....

Morada.....

Corte e cole num postal endereçado a:

SIMRIT

DOS PIONEIROS AOS NOVOS RICOS

Quando da sua criação, embora não contasse senão uns seiscentos e cinquenta mil habitantes judeus, o pequeno Estado de Israel conhecia uma situação de igualitarismo: este princípio inspirava toda a sua ideologia, mesmo que, bem entendido, não fosse integralmente aplicado. O «kibbutz» era, então, o símbolo de uma sociedade pioneira, e o sector trabalhador, que ocupava um lugar importante na economia, praticava o «salário familiar»: o trabalhador era pago proporcionalmente ao número dos membros da sua família, de tal modo que o porteiro do Banco dos Trabalhadores, ou do «Davar», quotidiano da grande central sindical de Histadrut, podia ganhar mais do que o seu director ou o seu redactor-chefe

O lugar do indivíduo na sociedade não estava ligado à sua riqueza ou aos seus rendimentos, as funções políticas não eram praticamente exploradas com fins lucrativos, e os dirigentes viviam em modestos alojamentos, ao lado dos trabalhadores, que possuíam o seu próprio circuito escolar, bastante desenvolvido.

Hoje, vinte e cinco anos depois, esta relativa igualdade, na qual intervinha uma boa dose de idealismo, desapareceu. No entanto, em meados da década de 50, a sociedade israelita segregava ainda anticorpos para se opor ao desenvolvimento do processo que a ia transformar profundamente: assim, por ter mandado construir uma vivenda em Jerusalém, embora modesta, o deputado Eliezer Livneh fora excluído do Mapai, partido social-democrata no poder, muito embora ele fosse um dos seus dirigentes.

A evolução que se operou através de várias gerações nos países com regime capitalista, produziu-se a uma velocidade acelerada em Israel, aonde as diferenças sociais e as disparidades de rendimento são dora-vante evidentes. As concepções sociais foram igualmente suvereadas, em especial depois da Guerra dos Seis Dias. Pioneiros que vieram instalar-se na Palestina ao tempo do mandato britânico, não hesitavam, por motivos ideológicos, a renunciar a uma situação desafogada ou aos seus estudos universitários, para se consagrarem à agricultura ou à construção de estradas. Hoje, o seu estatuto, o seu salário, o seu nível de vida, colocam o trabalhador agrícola na posição mais baixa da escala social. E que o ideal dos primeiros sionistas, para os quais o povo devia entregar-se com ardor ao trabalho manual e deixar de se acantonar no comércio ou na indústria, ou na administração, foi abandonado com o decorrer dos anos. Duas razões principais estão na origem de uma tal evolução.

Em primeiro lugar, durante os três ou quatro anos que se seguiram à sua criação, Israel viu a sua população duplicar. Os novos recém-chegados eram, na sua maioria, quer fugitivos do holocausto nazi que viam no jovem Estado o seu último refúgio, quer habitantes de países em vias de desenvolvimento da Ásia e da África, como o Líbano, o Iraque e Marrocos. A aspiração a uma actividade pioneira era estranha à maior parte deles, e o ideal sionista que pudera animá-los depressa se reduziu ao único aspecto nacional. Ao mesmo tempo que a chegada maciça destes imigrantes transformava, num abrir e fechar de olhos a fisionomia social do país, uma sensação de lassidão aparecia na velha geração. Após longos e duros anos de voluntariado, os veteranos estavam inclinados a deixar ao Estado o cuidado de levar a bom termo a tarefa que eles haviam começado.

O AFLUXO DOS CAPITALS PRIVADOS

Em segundo lugar, a hierarquia do Estado, composta de sionistas sociais-democratas, era sobretudo animada pela vontade de favorecer o mais depressa possível o desenvolvimento da economia. Esta tendência remota à época que precedeu o desenvolvimento do Estado, quando a direcção do Mapai adoptou a ideia segundo a qual dois sectores, um trabalhador, outro privado, deviam edificar, lado a lado, o lar nacional judeu na Palestina. Foi sempre mantida entre eles uma certa harmonia, estando-lhes designado um objectivo comum: desenvolver rapidamente a todo o custo a economia. No entanto, quando, sob o mandato, a palavra de ordem era «comprar um dunam e ainda um dunam» (um décimo de hectare) para favorecer a instalação dos aglomerados judeus, o acento foi posto, a

partir de 1948, sobre a importação de capitais e seu investimento.

As vantagens consentidas aos capitais privados permitiu-lhes realizar, num breve espaço de tempo, grandes lucros. O seu peso nunca deixou de aumentar, e viu-se, a partir de 1950, grupos financeiros privados deitar progressivamente a mão a empresas industriais, bancos, companhias marítimas e de seguros, e até sociedades imobiliárias, e de construção, ao passo que diminuía a intervenção do Estado. Recordar-se, aliás, a célebre frase de Lévi Eshkol, que foi durante muito tempo ministro das Finanças antes de se tornar presidente do conselho de ministros, segundo a qual o Estado devia criar empresas rentáveis. Numerosos capitais públicos passaram, assim, para as mãos de particulares, enquanto que o essencial dos sacrifícios para a edificação do Estado, era suportado pelos trabalhadores e pelos assalariados em geral.

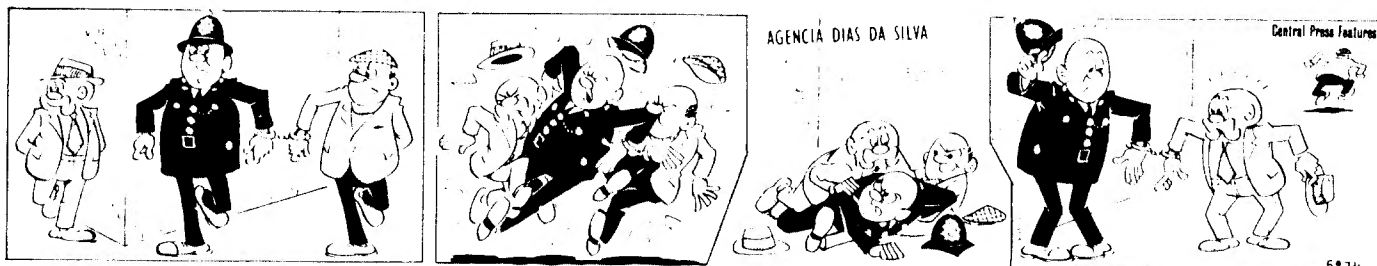
Esta política económica favoreceu o afluxo dos capitais, em particular da América — mais de dez biliões de dólares em vinte anos — e permitiu um desenvolvimento espectacular. Todavia, se várias camadas da população viram o seu nível elevar-se, o rendimento nacional nem por isso está menos repartido de uma forma muito desigual, e em detrimento dos mais favorecidos. Sem dúvida, o Mapai, partido socialista da esquerda sionista, que se considerava nessa época como marxista-leninista e representava a segunda força política do país, esforçou-se na década de 50 por impulsionar a sociedade no caminho do socialismo. Porém, a realidade sócio-económica e a passagem de uma política de neutralismo e uma orientação incondicionalmente pró-americana fizeram malograda esta tentativa.

Para encorajar a produtividade, o regime adoptou uma política que criou diferenças entre os assalariados. Paralelamente, o fosso aprofundou-se ainda mais entre os desfavorecidos e os novos ricos que haviam acumulado fortunas relativamente importantes durante a última década. O processo não deixou de se acentuar depois da Guerra dos Seis Dias: a construção de fortificações sobre a linha de cessar fogo, as grandes encomendas militares, a necessidade de construir alojamentos para os imigrantes, favoreceu o aparecimento

Continua na pag. oito



De mão dada e sorridentes Peter Sellers, ex-marido de Brigitte Ekland, e Lisa Minelli, filha de Judy Garland, recebem os jornalistas nos jardins do estúdio de Shepperton. Lisa Minelli, vedeta galardoada recentemente com o Oscar, pelo seu desempenho no filme «Cabaret», declarou ter rompido o seu noivado com Desi Arnaz e estar «terrivelmente apaixonada pelo cinquentário Peter. (Telefoto UPI - Telimprensa-DL)

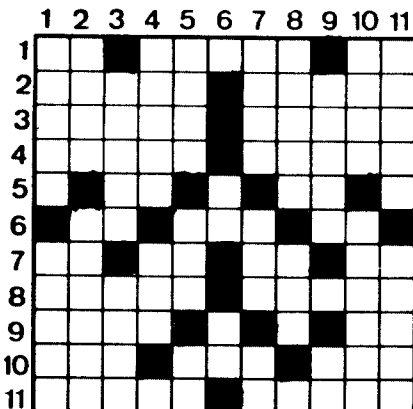


PROVERBIO

COM PROVÉRPIO PROBLEMA N.º 10440

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Querido. Muito bom (abrev.).
- 2 Anda com as pernas tortas. Mesa para os sacrifícios religiosos.
- 3 Afre. Ferida aberta.
- 4 Cures. Gorgulhos tropicais.
- 5 Novecentos em romano. Apelido.
- 6 Ruim. Entre os Filipinos a divindade. Ilha francesa fortificada do Mediterrâneo.
- 7 Rio de Itália. Cobalto (s.q.). Rádio (s.q.). Quarto.
- 8 Tempo do verbo ir. Habitar.
- 9 Negro. Li (inv.º).
- 10 Transmite (bens) gratuitamente a outrem. Língua que se falava antigamente no N. de França. Anel.
- 11 Queimas. Cofres.



VERTICAIS:

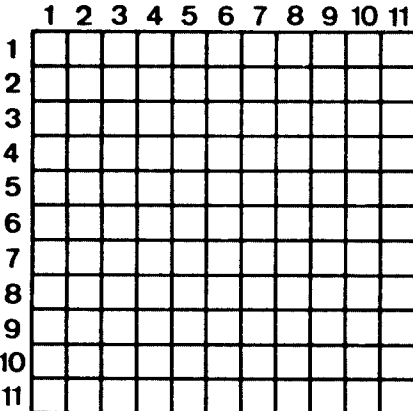
- 1 Poente. Remoque.
- 2 Tampa de vasilha. Defuntos.
- 3 Limita. Cóleras.
- 4 Descerem. Animal doméstico.
- 5 Madres. Ecoa (inv.º). Osmo (s.q.).
- 6 Note bem. Niquel (s.q.).
- 7 Cidade do Paquistão Oriental. Armaria. Nota musical.
- 8 Órgãos da visão. Preposição e artigo definido.
- 9 Marca o peso da lara em. Antes de Cristo.
- 10 Sedutor. Filão.
- 11 Carvão incandescente. Que vivem.

Resolheu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRPIO ne e inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6597

HORIZONTAIS:

- 1 Vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes (Ind. Port.). Coberturas.
- 2 Pronome pessoal. Mamífero desdentado do Brasil.
- 3 Em as. Ruído. Grande quantidade.
- 4 O mesmo que coca (Bras.). Julgar.
- 5 Nome de mulher. Reuma.
- 6 Aparência. Crômio (s.q.).
- 7 Maior. Cidade do Peloponésio, perto do golfo de Náuplia.
- 8 Água. Venábulo.
- 9 Troças. Voz do gato. Aqui está.
- 10 Torno. Içai.
- 11 Em má hora (ant.). Empregara.



VERTICAIS:

- 1 Espécie de capitão, entre os antigos povos da Índia. Nome de mulher.
- 2 Oculta. Preparar com ópio.
- 3 Roçar. Reles.
- 4 Carta de jogar. Claridade.
- 5 Ribeira da Ásia Russa.
- 6 Boro (s.q.). Idem.
- 7 O comércio.
- 8 Antigo Testamento. Corta com serra. Artigo definido.
- 9 Quebrei. Germina.
- 10 Levam à toa. Detestar.
- 11 Sova. Pessoa muito parecida com outra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10439

HORIZONTAIS:

- 1 Pasteara. If.
- 2 Alais. Acama.
- 3 Luso. Az.
- 4 Has. Com. Une.
- 5 Osaca. Iriam.
- 6 SS. Ornai.
- 7 Elar. Rata.
- 8 Aro. Eme.
- 9 Anui. Um. Mão.
- 10 Iaras. Oco.
- 11 Soa. Sorna.

VERTICAIS:

- 1 RALHOS. Sais.
- 2 Aluasse. NÃO.
- 3 Sassa. Laura.
- 4 Tio. Coaria.
- 5 Es. Carro. So.
- 6 Fô.
- 7 Ra. Miaremos.
- 8 Aca. Riam. Co.
- 9 Ui. Temor.
- 10 Imanava.
- 11 FAZEM. SOPA.

Provérbio: Ralhos não fazem sopa

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6596

HORIZONTAIS:

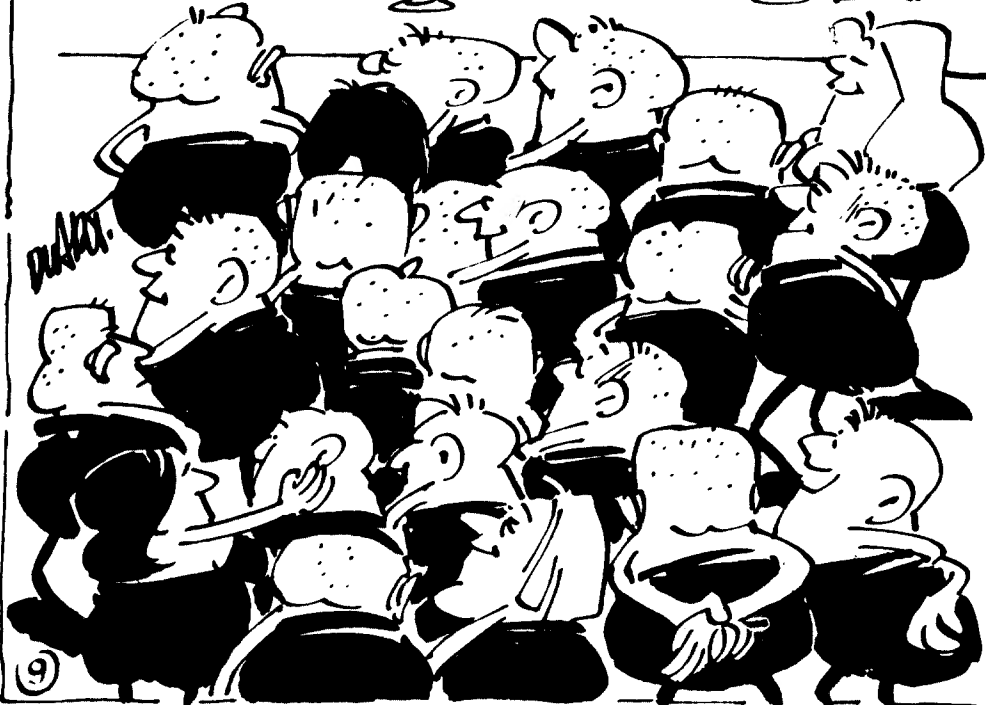
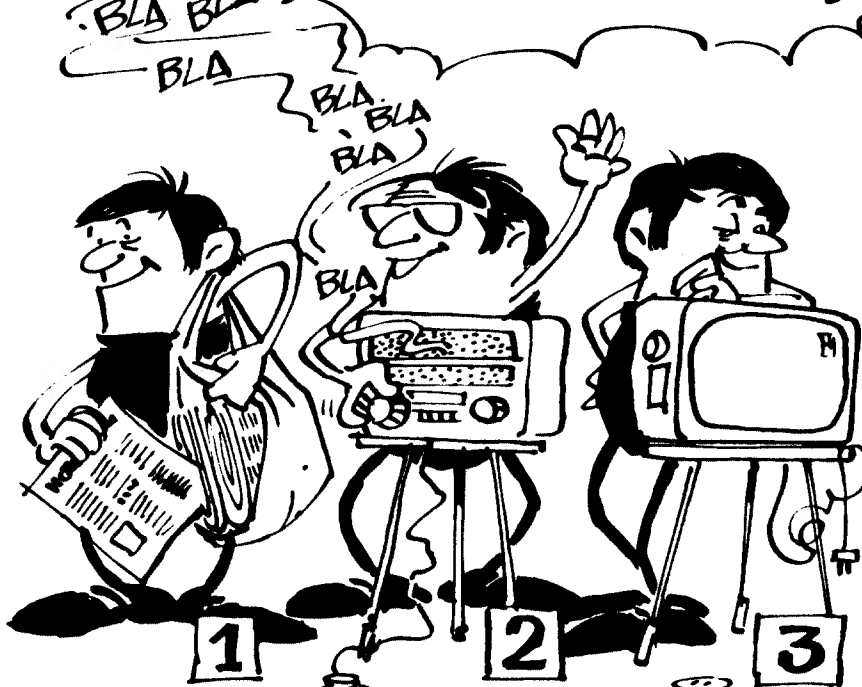
- 1 Maine. Avida.
- 2 Ad. Brita. Em.
- 3 Caa. Ava. Abo.
- 4 Auras. Sumir.
- 5 Ufa. Nota.
- 6 Egua. Airo.
- 7 Amestre.
- 8 Ien. Rei. Nas.
- 9 Troce. Ruano.
- 10 Om. Rolar.
- 11 Somos. Solha.

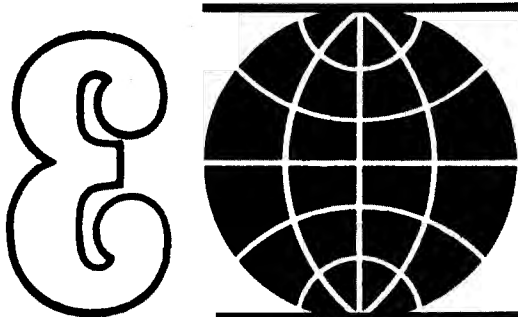
VERTICAIS:

- 1 Macau. Mitos.
- 2 Adaufe. Ermo.
- 3 Aragano.
- 4 NB. Um. Crô.
- 5 Eras. Aéreos.
- 6 IV. Se.
- 7 Atas. Atras.
- 8 Vã. Unir. Uro.
- 9 Amorena.
- 10 Débito. An.
- 11 Amora. Isola.

os kolans

ATENÇÃO! A GRANDE CORRIDA LIMPA CÉREBROS VAI COMEÇAR! MAS... O QUE SE PASSA COM O CONCORRENTE N.º 3?





PELO MUNDO

AUMENTARAM EM ITALIA AS NECESSIDADES DE ENERGIA

As necessidades de energia aumentaram o ano passado na Itália de 4,8 por cento, em relação a 1971, superando o equivalente a 128 milhões de toneladas de óleo combustível — anuncia a companhia petrolífera do Estado (ENI), salientando que para a respectiva cobertura os hidrocarbonetos contribuíram com 88 por cento: 99,2 milhões de toneladas de petróleo bruto e 15,3 bilhões de metros cúbicos de gás natural.

No fim de 1972 — acrescenta a companhia — o total das reservas italianas de petróleo bruto excedia os 520 milhões de toneladas e as de gás natural atingiam 350 bilhões de metros cúbicos.

A BELA RUSSA E O NORUEGUÊS INGENUO

Os serviços de informação noruegueses deveriam escolher agentes um pouco mais amadurecidos, a julgar pela história que conta a revista americana TIME.

Ole Martin Hoejstad, de 25 anos, possuía todos os requisitos necessários para ocupar um posto de responsabilidade na embaixada da Noruega em Moscovo: uma família respeitável, estudos excelentes, o diploma de língua russa das forças armadas norueguesas, que ele tinha seguido para se tornar num oficial competente dos serviços de informação. Quando os seus superiores o preveniram contra as manobras dos agentes do K. G. B., que tentavam todas as artimanhas para fazer «cantar» os diplomatas estrangeiros, Hoejstad até chegou a achar graça.

Num dia de Julho de 1972, durante a sua segunda estadia em Moscovo, Hoejstad encontrou uma bela rapariga russa na praça da Revolução. Imediatamente a convidou a ir a sua casa. Uma semana depois, já se falava em casamento (...). Hoejstad estava absolutamente certo de que a sua noiva, Irina Pendik, não era um agente do K.G.B.: no fim de contas, tinha sido ele a meter-se com ela, e até sabia que o K.G.B. tinha insistido com Irina para que não voltasse a encontrar-se com ele (...). Por intermédio de amigos soviéticos, ele foi ter com um advogado que o aconselhou a prestar alguns serviços inocentes ao R. G. B. pensando que Irina seria assim autorizada a abandonar consigo o país. Hoejstad começou por aceder em fotocopiar alguns documentos secretos (...). E acabou por permitir aos especialistas em electrónica russos ir à própria embaixada estudar o sistema de código norueguês, que é utilizado também por outros países da NATO...

No último mês de Setembro, Ole encontrava-se de novo no seu posto em Oslo. O K.G.B. tinha prometido deixar Irina ir ter com ele... Mas as semanas passavam e Irina nunca mais

chegava. Hoejstad tomou então a resolução de confessar tudo, na esperança de que o Governo da Noruega o pudesse ajudar a libertar a sua Irina bem-amada. Claro que foi preso imediatamente. E acabou por ser condenado a uma pena de sete anos de cadeia.

PROJECTOS DE REFORMAS PARA A URSS

MOSCOVO (Por Edouard Dillon, da AFP) Leonidas Brejnev, ao mesmo tempo que transforma profundamente as relações externas da URSS, prossegue com vastos projectos de reformas dentro do país.

A impressão deixada pelos recentes artigos publicados por revistas teóricas ou técnicas e que a nova constituição, anunciada pelo secretário-geral do partido comunista, no seu grande discurso de 21 de Dezembro findo, por altura do cinquentenário da URSS, vai ser motivo para mudanças importantes na organização económica e territorial.

Brejnev poderá seguir o exemplo de algumas democracias populares, como a Bulgária e a Roménia onde, logicamente, o chefe do partido, que detém a autoridade suprema, é também o chefe do estado.

Como membro da presidência do Soviete Supremo, Brejnev já é recebido no estrangeiro como chefe de estado. No passado, Estaline e Kruchchev acumularam os cargos de chefe do partido e do governo, mas a acumulação de chefe do partido e do estado seria uma nova evolução.

Quanto às modificações de estrutura, uma pelo menos está na ordem do dia: a divisão da URSS em sete grandes regiões económicas.

A ESPANHA VENCE RECORD DE EXPORTAÇÃO DE CITRINOS

A Espanha conseguiu este ano um record na exportação de citrinos com 1.809.115 toneladas enviadas para o estrangeiro na temporada agora terminada. O máximo anterior era pouco superior a 1.500.000 toneladas (1969-70).

Todavia, os comerciantes deste produtos agrícolas, dos que mais divisas atraem para o país, não estão satisfeitos com a situação. Acabam de pedir ao ministério do comércio que adopte medidas urgentes em face dos problemas surgidos no mercado mundial dos citrinos, principalmente os que derivam para a Espanha da entrada da Inglaterra no Mercado Comum Europeu. A Inglaterra é o maior comprador dos citrinos espanhóis e os comerciantes reclamam que a sua presença no Euromercado reduza as compras inglesas.

ISRAEL TEM VINTE E CINCO ANOS

Continuação da pag. seis

Superiormente equipado, treinado e organizado, dotado de um comando cuja audácia se apoia num patriotismo sem falhas e num serviço de informações de uma eficácia sem igual, talvez em todo o mundo, «Tsahal», o exército israelita, desempenha um papel tão essencial no Estado, que em larga medida, lhe determina a política.

E assim continuará, sem dúvida, enquanto, por falta de um acordo com o mundo ára-

be, a segurança continuar a ser a obsessão fundamental de Israel e a justificação das liberdades que toma — e não é o único — com o direito internacional e as resoluções da Organização das Nações Unidas.

A longa história de Israel, que tentámos resumir em traços largos, mostra-nos que o povo judeu nunca conheceu uma paz duradoura. Nunca foi senhor em sua casa senão em raros períodos. Ainda hoje, sabe bem que o que lhe deu a vitória das suas armas, pode ser perdido de novo, não ada-

nhã evidentemente, mas mais tarde. O campo socialista é-lhe irremediavelmente hostil e o Ocidente, cujo concurso lhe é essencial descobriu o seu calcanhar de Aquiles, com a necessidade desse petróleo que fornece aos árabes um tesouro de guerra inesgotável.

Nunca as perspectivas de uma solução diplomática pareceram mais afastadas. Nunca o ódio dos fedayin por aqueles que lhes recusam com desdém o direito a uma pátria foi tão intenso. Nestas condições, é preciso um sólido optimismo

para acreditar que, um dia, a reunião do direito substituirá, nesta terra três vezes santa, o reino da força. Que seria preciso, porém, para o que foi possível na Europa entre nações que se mataram umas às outras durante um milénio, não aconteça no Oriente entre povos que reconhecem a sua filiação comum em Abraão, que pronunciaram a palavra paz quase da mesma maneira e que ainda não esqueceram completamente a época em que viviam em boa harmonia?

ANDRÉ FONTAINE

DOS PIONEIROS AOS NOVOS RICOS

Continuação da pag. seis

de uma nova camada de privilegiados.

O «KIBBUTZ» TRANSFORMA-SE

Ao mesmo tempo, a estrutura da classe trabalhadora modifica-se completamente: esta é actualmente constituída na proporção de 75 por cento de trabalhadores de origem oriental e por trabalhadores árabes. Vinde e cinco por cento dos israelitas judeus — quase todos de origem oriental — encontram-se numa situação da qual não é capaz de sair: o seu rendimento per capita não atinge 48 por cento do das famílias vindas da Europa e da América. Estes judeus estão igualmente mal

dos — 350 000 entre eles em grupos de três pessoas e mais num só compartimento — e estão igualmente mal servidos nos sectores de educação, da saúde, etc.. Seriam necessárias somas consideráveis para remediar uma tal situação, e elas não podem ser libertadas sem uma mudança radical da política económica e uma redução das despesas militares, ligadas ao estabelecimento da paz com os países árabes.

O «kibbutz», símbolo da sociedade igualitária, tem, também ele, sofrido uma transformação significativa. Os seus membros não representam mais do que 2,8 por cento da população do país, e, nas suas

actividades, o acento é posto, cada vez mais, sobre a industrialização, em detrimento do sector agrícola. Este ano, 205 milhões de libras israelitas, contra 137 milhões em 1972, foram investidas no desenvolvimento industrial dos «Kibbutzim», que fornecem doravante ao mercado interno e à exportação, tanto «bulldozers» como rolos compressores hidráulicos, escovas de dentes como conservas finas. Outra modificação: a maior parte dos «kibbutzim» foram levadas a recorrer mais à mão-de-obra assalariada e a abandonar um dos seus princípios sacrossantos, que era o de não explorar o trabalho dos outros.

Do mesmo modo, a aliança

que existia entre os membros dos «kibbutzim» e os trabalhadores das cidades, foi-se extinguindo devido aos antagonismos de interesses que começam a aparecer à luz. Por exemplo, quando os «kibbutzim» reclamam o aumento de preços dos produtos agrícolas. As motivações ideológicas tendem a enfraquecer, sobretudo nos «kibbutzim» mais ricos. Finalmente, os «kibbutzim» que representavam o ramo mais radical do movimento trabalhador israelita, são obrigados, dada a sua fraqueza e orientações do país, a procurar adaptar-se às tendências gerais da economia israelita.

AMNON KAPELIUK

TELE FOTOS



O conselheiro de Nixon, Henry Kissinger e Le Duc Tho, conferenciaram de novo, na passada semana em Paris, sobre a perspectiva paz na Indochina. Houve sorrisos à despedida mas, nem um nem outro disseram se tinham sido feitos progressos nas conversações (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



Encostado ao seu automóvel, Brejnev, chefe do Partido Comunista Soviético, sorri para os fotógrafos, numa pausa de trabalho, no decorrer da sua visita à República Federal Alemã, onde dialogou com o chanceler Willy Brandt. As conversações entre os dois homens políticos foram um passo em frente na aproximação entre a URSS e a RFA (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Lord Lambton, ex-subsecretário da Defesa Inglesa, é a figura central de um escândalo a que se chama já o novo «Caso Profumo». Este caso diz respeito a actividades de políticos e outras figuras públicas, relacionadas com jovens de moral duvidosa. Lambton, ao fazer o seu pedido de demissão, declarou ter tido uma ligação casual com uma «call-girl» e que fotos dessa ligação tinham sido fornecidas a diversos jornais, acrescentando não ter havido perigo para a segurança nacional. Lambton é casado e pai de seis filhos (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



Exclusivo

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa

«Copyrights» de «Le Monde», «The Washington Post», «The Los Angeles Times» e «The Guardian»